SÓFOCLES

TRAGÉDIAS

DO CICLO TROIANO

Ájax · Electra · Filoctetes

Clássicos Sá da Costa

TRAGÉDIAS
DO CICLO TROIANO

Volumes publicados:

ANTÓNIO SÉRGIO | *Obras Completas*
Ensaios — Tomos I, II, III, IV, V e VI
Breve Interpretação da História de Portugal

DESCARTES | *Discurso do Método* e *As Paixões da Alma*

HOMERO | *Odisseia*

SÓFOCLES | *Tragédias do Ciclo Troiano*

No prelo:

ANTÓNIO SÉRGIO | *Obras Completas*
Introdução Geográfico-Sociológica à História de Portugal

ANTERO DE QUENTAL | *Obras Completas*
Prosas da Época de Coimbra, I

CLÁSSICOS SÁ DA COSTA
Nova série

SÓFOCLES

TRAGÉDIAS

DO CICLO TROIANO

ÁJAX • ELECTRA • FILOCTETES
seguidas de
OS RASTEJADORES

Tradução do grego, prefácio e notas
pelo Padre E. Dias Palmeira

LIVRARIA SÁ DA COSTA EDITORA
Lisboa

LIVRARIA SÁ DA COSTA EDITORA
Augusto Sá da Costa, Lda.
Rua Garrett, 100-102 — Lisboa
1.ª EDIÇÃO, 1973

Todos os direitos reservados, de harmonia com a lei em vigor

Impresso em Portugal

ÍNDICE

PREFÁCIO	VII
ÁJAX	1
ELECTRA	63
FILOCTETES	135
OS RASTEJADORES	207
NOTAS	229

PREFÁCIO

I

O CICLO TROIANO

As suas fontes. — *A* Ilíada *e a* Odisseia *não esgotaram a tradição épica relativamente à guerra de Tróia e ao regresso dos heróis. Além destes poemas, há notícia de outros, apesar de terem desaparecido, os quais remontam aos séculos* VIII *e* VII *a. C. e cuja autoria, pelo menos quanto a alguns, foi na Antiguidade atribuída a Homero* [1]. *E, se bem que hoje não há possibilidade de apreciar o valor estético e literário desses poemas, conhece-se, contudo, o tema de que tratavam dos* Excertos *existentes na* Crestomatia *de Proclo* [2], *que Fócio, patriarca de Constantinopla, no século* IX, *reuniu na sua* Biblioteca, *ao lado de outros tesouros da literatura antiga.*

Depois de tratarem de poética e de esboçarem uma vida de Homero, os Excertos *passam ao ciclo épico, começando pela narração das núpcias de Úrano e de Gaia, da qual nascem três centímanos e três ciclopes, e contam os sucessos de velhos tempos, até à morte de Ulisses. A seguir, depois de uma teogonia, vêm as epopeias do ciclo tebano, a* Edipódia, *a* Tebaida *e os* Epígonos, *às quais se juntam os poemas do ciclo troiano, a saber: os* Ciprios *(cantos ciprios), a* Etiópida, *a* Pequena Ilíada, *a* Ilíu Pérsis *(destruição de Ílion), os* Nóstoi *(regressos) e a* Telegonia.

Os Ciprios, *poema de onze cantos, narravam os sucessos anteriores à* Ilíada, *tais como as núpcias de Peleu e de Tétis, o nascimento de Helena, a expedição contra Tróia e os primeiros combates, até a distribuição dos despojos, no décimo ano do cerco da cidade, em que a filha do sacerdote Crises cai nas mãos dos Gregos; e terminava com um catálogo dos aliados dos Troianos* [3].

A Etiópida *era uma continuação da* Ilíada, *que tinha por assunto os combates contra dois novos aliados dos Troianos — Pentesileia,*

rainha das Amazonas, e Mémnone, rei dos Etíopes[4], *bem como a morte de Aquiles, o seu funeral e a contenda acerca das suas armas, depois da qual Ájax se suicidara*[5].

A Pequena Ilíada *começava nos* Excertos *com a contenda acerca das armas de Aquiles e concluía com os sucessos posteriores à introdução do cavalo de madeira em Tróia, isto é, com o banquete dos Troianos que a ela sucedeu. Na realidade, porém, o seu entrecho era mais vasto, como dá a entender o princípio que dela se conserva:*

> Eu canto Ílion e Dardânia abundante em cavalos,
> junto da qual os Dánaos, servos de Ares, muito sofreram.

Conjectura-se que principiava antes da dita contenda e que terminava com a distribuição dos despojos, após a conquista de Tróia[6].

A Ilíu Pérsis, *que formava originariamente, na opinião de C.* Robert, *com a* Etiópida *uma única epopeia, celebrava a destruição de Ílion. Nos dois livros dos* Excertos[7] *começava pelos preparativos para a conquista da cidade com o cavalo de madeira; sobrevinha, depois, a cena da conquista, com todos os seus horrores, ao fim da qual aparecia a figura ameaçadora da encolerizada Atena. Se os dois livros de Proclo eram precedidos de um ou mais livros, que tratavam, entre outros episódios, da construção do cavalo de madeira, não se sabe ao certo*[8].

Os Nóstoi *narravam, em cinco livros, o regresso do exército dos Aqueus, em seguida à* Ilíu Pérsis *de Arctino ou à cólera de Atena causada pelo desacato dos vencedores*[9]. *O poeta, depois de ter-se referido aos Atridas, voltava no último livro a falar deles e narrava a vingança que Orestes exerceu sobre os assassinos do seu pai*[10]. *Segundo Proclo, o poema concluía não só com o castigo de Egisto, mas também com o regresso de Menelau; e assim punha termo à sorte dos Atridas*[11].

O *mais recente dos poemas cíclicos é a* Telegonia, *em dois livros, atribuída a Eugámone de Cirene, onde se tratava dos últimos sucessos relativos a Ulisses e à sua casa, especialmente da morte ocasional de Ulisses por seu filho Telégono*[12]. *O poema terminava de um modo*

romanesco, com a narração das núpcias, por um lado, de Telégono com Penélope e, pelo outro, de Telémaco com a Circe, ao que alude, talvez, o nome Eugámone [13].

Tais são os elementos que recolheu Proclo a respeito dos poemas cíclicos. Mas a crítica, por comparação com outras informações de origem diversa, concluiu que Proclo não fornecia uma relação fidedigna do conteúdo daqueles poemas, visto ter por fim não tanto apresentar um excerto exacto de cada um deles como introduzir o leitor na inteligência dos mitos gregos, em geral. Por isso, seguia o mito na sua forma corrente, até naqueles casos em que os poemas continham uma variante, por exemplo no excerto dos Ciprios, *em que Páris, após o rapto de Helena, vai por Sídon, na sua viagem para Tróia, quando sabemos por Heródoto (II, 117) que o poeta dos* Ciprios *fez chegar Páris, em três dias, de Esparta a Tróia, directamente.*

De outra parte, O. Müller, observando que em Proclo os poemas se adaptavam estreitamente uns aos outros, duvidou de que fossem autênticos e estabeleceu a hipótese de que os Excertos *não foram extraídos dos poemas originais, mas da compilação de algum dos gramáticos. Estes teriam composto uma narração conexa dos sucessos troianos, baseados nos vários poemas, sem omitirem nada de importante e acrescentando-lhes narrações da mitologia e do ciclo tebano.*

Esta maneira de ver foi perfeitamente confirmada com a descoberta da última parte da Biblioteca *atribuída a Apolodoro, nos fins do século passado — compêndio mitográfico, cuja última parte compreende as narrações acerca de Tróia* [14]. *Como notou E. Bethe, estas narrações condiziam literalmente, em parte, com o texto de Proclo, de onde tirou a conclusão de que tanto Apolodoro como Proclo deviam ter-se servido de uma fonte comum. Esta fonte era, talvez, a mitografia de Dionísio intitulada* Kyklos [15], *na qual se contavam os sucessos míticos por ordem cronológica e, em grande parte, como se encontravam nos antigos poemas, mas sem conexão entre eles. Se, portanto, Proclo indica o conteúdo e os autores dos poemas, deve este conhecimento ao seu predecessor, não ao próprio exame dos poemas. Ora, como ele não foi um transmissor fidedigno, nem nos dá a conhecer, de um modo completo, todo o assunto*

de que eles tratavam, precisamos, por isso, de recorrer a outras fontes, para completar e corrigir as suas informações [16].

Essoutras fontes são, em primeiro lugar, as pinturas dos vasos de figuras negras e vermelhas, que se foram inspirar cedo na poesia épica e, frequentemente, faziam alusão aos poemas cíclicos, muito lidos, nos séculos VI *e* V, *em Atenas* [17], *as quais, desde a primeira metade do século* VI, *representam cenas mitológicas numerosas em extremo e atingem, no século* V, *o seu apogeu* [18].

Às obras dos artistas devem ajuntar-se as dos poetas e dos prosadores. Ainda que da poesia grega mais antiga pouco se conserva, não se desconhece, todavia, por meio de notícias que da Antiguidade chegaram até nós, a forma que os mitos tomaram, por exemplo em Estesícoro. Mas da primeira metade do século V, *de Píndaro e de Baquílides, possuímos informações mais completas; ambos estes poetas, nos seus epinícios, versaram assuntos, mais ou menos pormenorizadamente, relativos ao ciclo troiano* [19]. *O mesmo se diga sobretudo de Ésquilo e de Eurípides, bem como das tragédias de Sófocles, de cujos mitos referentes a este ciclo passamos a tratar.*

O mito de Ájax. — *Na* Ilíada, *Ájax, filho de Telamão, era o herói mais valente depois de Aquiles, que usava um escudo colossal, como um baluarte* [20]. *Tendo partido de Salamina com doze navios para a guerra de Tróia* [21], *distinguiu-se sempre aí pelos seus feitos, particularmente no duelo com Heitor* [22], *na defesa da muralha e dos navios* [23] *e do cadáver de Pátroclo* [24], *bem como nos jogos fúnebres em honra deste herói* [25].

Segundo a Pequena Ilíada, *a contenda acerca das armas de Aquiles começou por palavras; mas depois Ájax tentou a decisão por meio das armas, que só pôde ser impedida por intervenção dos companheiros. Para a decidirem, enviaram os Aqueus, a conselho de Nestor, alguns guerreiros para as muralhas de Tróia, a fim de saberem dos Troianos quem é que julgavam mais valente, se era Ájax ou Ulisses. Eles ouviram, então, as donzelas a discutir: uma declarava Ájax como mais valente, porque retirou o cadáver de Aquiles da peleja; outra, porém, replicava,*

incitada por Atena, que transportar fardos também uma mulher podia, mas combater, só um homem; por isso era Ulisses mais valente [26].

Por não lhe terem sido atribuídas as armas de Aquiles, Ájax enlouquece e mata, julgando atingir os seus inimigos, os rebanhos dos Gregos; depois, uma vez entrado em si e reconhecendo os desatinos que cometera, suicida-se [27]. *O ódio que concebera contra Ulisses, o seu rival, arraigara-se-lhe tanto na alma que nem no Hades se dissipara, segundo a narração de Ulisses aos Feácios. Diz ele: «Só a sombra de Ájax, filho de Telamão, se conservava a distância, olhando-me com cólera, por causa da minha vitória na contenda, junto dos navios, quando reclamei para mim as armas de Aquiles. [...] Dirigindo-me a ele com palavras brandas, disse-lhe: Ó Ájax, filho do nobre Telamão, não te queres esquecer, até depois de morto, da tua cólera contra mim, por causa daquelas armas malditas? [...] Assim falei; mas ele, sem me responder, afastou-se para o Érebo* [28]*...»*

Relacionados com Ájax estão Teucro e Eurísaces. Teucro, irmão de Ájax, pela parte do pai, adquiriu, como manejador do arco, grande fama, na guerra de Tróia [29]. *Eurísaces, filho de Ájax e de Tecmessa, foi assim chamado como uma alusão ao pai, o portador de um* largo escudo, *do que existem outros exemplos na mitologia* [30].

O mito de Agamémnone e da vingança de Orestes.— *Segundo O. Gruppe, em oposição a Olivieri, que pretende descobrir na* Odisseia *quatro redacções diferentes do mito, todas as alusões que neste poema ocorrem derivam do mesmo ciclo, o qual não se distingue dos* Nóstoi [31]. *Como quer que seja, pelo menos as narrações de Nestor* [32] *e de Menelau* [33] *parecem derivar de fontes diferentes da da narração de Agamémnone na* Nekuia [34], *das quais uma pode ter sido o* Regresso dos Atridas [35]. *Além dos* Nóstoi, *a* Odisseia *encerra algumas informações sobre o mito de Agamémnone, provenientes, talvez, da mesma fonte que a dos* Nóstoi. *Assim, por exemplo, a morte do filho de Atreu e a sua vingança por Orestes são mencionadas por Zeus, na assembleia dos deuses, onde declara: «...Egisto [...], contrariando o fado, desposou a legítima mulher de Agamémnone, a quem matou no regresso, não obstante*

saber que o esperava uma morte cruel. Nós tínhamo-lo aconselhado [...] a que não o matasse, nem lhe cobiçasse a esposa, pois Orestes vingaria o filho de Atreu, logo que chegasse à idade núbil[36].»

Quanto ao lugar onde Agamémnone foi morto não concordam os textos nem as tradições. A Odisseia *apresenta duas versões diferentes: uma fá-lo morrer em Micenas*[37]*; a outra, no palácio de Egisto*[38]*, nas paragens de Maleia, por onde ele ia a passar, no seu regresso de Tróia*[39]*. Como observa V. Bérard, há aqui um pormenor que devia chamar a atenção dos editores modernos. Segundo o texto, Agamémnone é lançado pela tempestade para as vizinhanças da casa de Egisto, onde não podia ser esperado. E, não obstante,* um espia vigiava, havia já um ano, para que ele não viesse sem ser visto[40]. *Certamente, conclui o citado autor, trata-se aqui de uma interpolação que foi inserida no texto, a fim de harmonizar as duas versões e haver concordância com as palavras de Agamémnone, que declara no Hades a Ulisses que* fora morto no palácio de Egisto, *para* onde tinha sido convidado[41]. *De resto, os autores posteriores a Homero também não são concordes a este respeito: Ésquilo, n'*As Coéforas, *supõe que a sua morte ocorreu em Argos, e Píndaro, em Amiclas*[42].

Relativamente aos autores da morte do Atrida, comummente atribui-se a Egisto e a Clitemnestra, pelo menos na Odisseia[43] *e nos* Nóstoi. *Devido a Homero, esta tradição conservou-se viva até mais tarde; em Estesícoro, porém, a culpada principal foi, provavelmente, Clitemnestra, que permaneceu, depois, com este carácter na tragédia ática e na poesia posterior. Em concomitância com uma tal transferência da culpa, a lenda transformou-se também e mudou-se o local da cena. Assim, alguns fazem sucumbir Agamémnone durante um sacrifício; mas Homero, durante um festim, a que Egisto o convidara*[44]*. Em Ésquilo, Clitemnestra mata-o no banho, depois de com um manto o tornar indefeso*[45].

Quanto a Orestes, provavelmente nascera pouco antes da guerra de Tróia; e fora salvo da morte por uma ama fiel, à custa do seu próprio filho, porque Egisto, como parece, matara-lho, quando começou a reinar em Micenas, em vez de Orestes[46]*. A respeito do lugar para onde foi*

levado, a Odisseia *desconhece-o; mas Ésquilo diz que se refugiou junto de Estrófio, na Fócida, onde recebera educação*[47]. *Quando já tinha para cima de 16 anos, em obediência a uma ordem de Apolo, segundo Estesícoro, decidiu vingar a morte do pai. Por astúcia, introduziu-se junto de Clitemnestra, que andava assustada por causa de um sonho*[48]; *e, com o auxílio de Pílades*[49], *matou, primeiro, a Egisto e, depois, a mãe, segundo a versão seguida por Ésquilo e Eurípides*[50]. *Naturalmente, Egisto defendeu-se, ajudado, talvez, pelos filhos de Náuplio*[51], *quando é agredido por Orestes, mas aqueles foram vencidos por Pílades*[52]. *Após a morte do amásio, segundo outra versão, Clitemnestra enforcou-se; pelo menos da* Odisseia *não se deduz claramente que Orestes a tivesse matado*[53] *e os* Nóstoi *também o ignoram*[54].

A lenda de Filoctetes. — *Na segunda expedição contra Tróia, Filoctetes, filho de Peias, natural da Magnésia, comandara sete navios, como informa a* Ilíada[55]. *Mas, quando os Gregos chegaram à ilha de Ténedos, uma serpente, saindo de sob o altar, durante um sacrifício a Apolo, mordeu-o num pé, cuja ferida exalava um cheiro tão desagradável que foi obrigado a ficar na ilha de Lemnos*[56]. *Entretanto, a expedição seguiu para Tróia e começaram os combates. Mas passaram-se anos e anos e a cidade de Príamo continuava inexpugnável. Um dia, porém, Ulisses teve a sorte de capturar o adivinho Héleno, o qual revelou que sem as setas de Héracles, de que Filoctetes era possuidor*[57], *e sem a ajuda de Neoptólemo*[58], *Tróia não poderia ser conquistada*[59].

Em virtude deste vaticínio, foi enviado, segundo Proclo, Diomedes a Lemnos a buscar Filoctetes, enquanto Ulisses se dirigiu a Ciros, para levar Neoptólemo. Alguns não concordam com esta versão e substituem Diomedes por Ulisses ou ajuntam Ulisses a Diomedes; contudo, visto os líricos nada decidirem a este respeito, Schneidewin e os modernos consideram exacta a tradição de Proclo[60]. *Seja como for, o certo é que Filoctetes, segundo a lenda, partiu com Neoptólemo para Tróia, onde, depois de curado por Macáone, venceu, como diz a* Pequena Ilíada, *a Páris com o arco e as setas de Héracles e* destruiu a cidade de Príamo, pondo assim termo aos trabalhos dos Dánaos[61].

II

TRAGÉDIAS DE SÓFOCLES DO CICLO TROIANO

Ájax. — *As duas epopeias, a* Etiópida *e a* Pequena Ilíada *foram a fonte que inspirou a Sófocles esta peça*[62]. *O assunto, porém, tinha para Atenas um interesse particular, pois que o filho do rei de Salamina, Telamão, pertencia aos antigos heróis da Ática.*

Principia a peça com um diálogo entre Atena e Ulisses, o seu protegido, o qual, diante da tenda de Ájax, espia se este, realmente, trucidara os rebanhos dos Aqueus. Atena confirma as suas suspeitas; e declara-lhe que Ájax, investindo, furioso, contra os rebanhos, os matara, na louca convicção de que matava os Atridas, os seus figadais inimigos. E, quando Ájax assoma à porta da tenda, ela incita-o a continuar a sua chacina, num tom extremamente irónico, como em nenhuma outra tragédia grega, em que o enérgico e valente herói é escarnecido, provando-lhe com esta atitude que, perante a potência da deusa, até o homem mais esforçado não passa de um puro nada.

Apenas Ájax voltou a si e teve consciência da figura ridícula que fizera, a sua resolução não se fez esperar. Sob pretexto de se purificar no oceano, sai da tenda, procura um lugar solitário, junto da praia, e lança-se sobre a espada que Heitor lhe dera em presente, após o duelo que os dois, um dia, empreenderam em vão[63]. *Posteriormente sobrevém um mensageiro com a notícia do vaticínio de Calcante: se Ájax permanecer durante um dia na sua tenda, será purificado e viverá; ao contrário, se sair para fora, a sua morte será inevitável. Apenas ouviu isto, Tecmessa precipita-se com o coro na sua peugada; mas, quando o encontra, já não é do número dos vivos.*

Com a morte de Ájax, porém, não termina ainda a tragédia; Sófo-

cles acrescenta-lhe uma segunda parte, que implica novo cenário e em que entram em cena novas personagens. À pretensão dos Atridas de permanecer o cadáver insepulto opõe-se energicamente Teucro; mas só depois de longa contenda e com a intervenção de Ulisses consegue prestar as honras fúnebres a Ájax.

Tal é o entrecho da peça. Desde o princípio ao fim, ela é dominada pela personalidade forte do herói de Salamina, para o qual, desde a cena da abertura, Sófocles atrai a simpatia dos espectadores, não obstante a sua desmedida pretensão e o seu carácter brutal; e, nas cenas seguintes, apresenta-nos um homem que, depois de voltar a si e de dar-se a morte com a sua própria mão, emerge, segundo a expressão de C. H. Whitman, da sua criminosa loucura, por assim dizer, justificado e até, talvez, glorificado. Esta peça, continua o dito autor, é, em certo modo, a inversão de tudo quanto comummente reputamos grego: «immoderation», escreve ele, «rises to grandeur; an overweening excess stands forth finally as a kind of righteous pride; the body of a mad, would-be murderer is buried in the final scene with such pomp and orchestral sonarity that no one can disbelieve in the hero's gretness. It is an apotheosis without rationale, a tour de force of the sheer human spirit» [64].

Diz-se que do ponto de vista formal o Ájax *é uma peça imperfeita, por ser constituída por duas metades — com Ájax só na primeira e com Teucro só na segunda. Todavia, este acréscimo era indispensável, por muito mal que impressione o leitor moderno desconhecedor do interesse que os funerais tinham para o público antigo. Sobretudo, interessava ao poeta que o protagonista, depois da desconsideração que sofrera e de ter sido ludibriado por Atena, fosse reabilitado aos olhos do exército e lhe fosse restituída a sua primeira grandeza; que perante a insolência e brutalidade dos Atridas ressaltasse a sua nobre atitude sob os golpes que o feriram* [65]. *É verdade que, ao princípio da peça, Ájax tem uma linguagem violenta; mas, então, está possuído de loucura, obedece ao influxo de uma divindade, ao passo que é a sangue-frio que os capitães do exército lhe querem infligir o insulto de ser lançado o seu corpo aos cães. Semelhante atitude devia provocar um movimento de repulsa, e ao mesmo tempo de piedade em favor de Ájax, da parte dos Atenienses; e a contenda*

com Agamémnone e Menelau, o representante do rígido espírito espartano, era-lhes certamente agradável e ouviriam com aplauso as palavras que Teucro dirigiu a este: «Tu vieste para aqui na qualidade de rei de Esparta, não como o nosso chefe [66]*.»*

Conciliadora e inesperada, finalmente, foi a intervenção de Ulisses, o inimigo figadal de Ájax, que, perante a sua morte, esquece o ódio que contra ele nutrira e diz a última palavra em pró das honras fúnebres ao cadáver. Deste modo, aproveitou Sófocles a ocasião para realçar o carácter de Ulisses, o qual, se ao princípio da peça desempenha um papel pouco simpático, agora triunfa, dando ao conflito uma saída honrosa [67]*.*

Quanto ao significado e explicação da peça, podem distinguir-se nela dois factores que actuam ambos no mesmo sentido: são os deuses e a lei interior do protagonista.

Os deuses impeliram Ájax para a morte, porque, ao ser admoestado por seu pai que se esforçasse por vencer na guerra sempre com a ajuda deles, replicou: «Meu pai, com a ajuda dos deuses até um homem sem valor pode vencer. Quanto a mim, espero obter esta glória sem a sua ajuda [68]*.» Por tão arrogante atitude e não pensar como a um homem convém, os deuses feriram-no com a infelicidade* [69]*.*

Mas a força mais activa com a qual Ájax entra em conflito é a que lhe dá a sua dignidade e supremacia e o arrasta para a morte, finalmente. Ela movimenta e faz a tragédia; e indica, ao mesmo tempo, um forte individualismo, que segue, a direito e seguro, o seu caminho — individualismo triunfante, que tem as suas raízes nos mais profundos estratos da cultura ateniense, para a qual a personalidade do indivíduo era como uma espécie de excelência não fictícia, mas bem real [70]*.*

Electra. — *Como na* Antígona, *Sófocles trata na* Electra *do problema de uma donzela que, dotada do mais profundo e delicado sentimento de piedade, chega até ao extremo grau de energia e de destimidez possível a uma mulher; e isto, por um lado, com toda a objectividade e mestria técnica, mas, por outro, sem o ardor e vivacidade de sentimento que*

se manifesta na disposição psicológica de Antígona e nas expressões comoventes que lhe inspira o seu amor para com o irmão defunto, fazendo dela uma figura simpática e perfeitamente humana[71]. *A Electra, porém, foi imposta uma empresa mais difícil do que a Antígona; ela deve arrostar com o pesado fardo, convicta de que o seu irmão Orestes já não vive, de vingar com a própria mão o assassínio do pai, dando a morte a Clitemnestra e a Egisto. Para justificar tão grande ousadia de uma mulher, Sófocles acentua ao máximo o sentimento de piedade de Electra para com o seu pai e, simultaneamente, o inveterado rancor contra a mãe e o seu amásio, os quais, dentro do palácio, a têm reduzido à mais aviltante escravidão. Com um tal carácter, ela presta-se bem a ser a guarda de honra da sua casa — empresa a que se vota com um tão vivo ardor que ninguém a fará recuar e que a torna surda a todas as razões da sua irmã Crisótemis, a mulher de ânimo fraco que, como a Ismene da* Antígona, *se atemoriza perante as conseqüências da sua cooperação.*

Contudo, apesar da sua destemida ousadia e do mesmo sentimento que animava Antígona, Electra não possui a nobreza de alma desta. É verdade que está disposta a prestar com dedicação e amor um serviço ao pai, a sacrificar-se por ele; mas, diferentemente de Antígona, nela prevalece o ódio sobre o amor, e o seu desejo de vingança não é inteiramente desinteressado, antes mistura-se com a incontida ânsia de reaver os perdidos direitos e a fortuna de Agamémnone. Daqui resulta, como observa P. Mazon, que a impressão que deixa a Electra *não é da mesma qualidade que a que produz a* Antígona; *esta deixa-nos uma impressão mais pura e, ao mesmo tempo, mais viva. Todavia, compreende-se bem o sucesso que obteve a* Electra. *A donzela impressiona o público pelo seu movimento e pelas suas atitudes. E, quer esteja às portas do palácio muda e imóvel, como uma sombra, ou se lamente com o coro e atire ao rosto de Crisótemis a sua cobardia; quer discuta com a mãe ou se informe da morte de Orestes e veja de repente frustradas todas as suas esperanças; quer, contra toda a expectativa, encontre o seu irmão e o guie na execução da sua obra justiceira — a figura de Electra presta-se sempre aos grandes efeitos dramáticos; e o poeta soube dar a cada*

uma destas cenas a forma mais conveniente para fazer brilhar uma actriz [72].

De que estas cenas são esplêndidas, de que, sobretudo, aquela em que Electra recebe das mãos de Orestes a urna com as pretensas cinzas do irmão e, em seguida, reconhece no jovem que lha entrega o próprio Orestes é uma cena como jamais outra foi vista no teatro de Atenas, não se pode duvidar. E, apesar disso, P. Mazon considera a Electra, *entre todas as peças de Sófocles, aquela* qui au fond nous touche le moins, *devido a que o autor parece não ter visto nela mais do que um pretexto para dar largas à sua virtuosidade* [73]. *Será exacto este parecer e uma tal interpretação da* Electra? *O problema tem sido diferentemente resolvido.*

*N'*As Coéforas *de Ésquilo existe um conflito entre a consciência de Orestes e a ordem divina de vingar Agamémnone; na* Electra, *ao contrário, como interpretam os autores, ainda que Orestes obedece a Apolo, não existe um semelhante conflito; a vingança segue o seu curso, na suposição de que a justiça está a seu favor, do mesmo modo que no* Rei Édipo *a inocência do protagonista é suposta, desde o princípio da tragédia. Ademais, n'*As Coéforas, *imediatamente a seguir à vingança, Orestes percebe a presença das Górgonas e sente-se culpado da sua acção* [74], *ao passo que na* Electra *não há alusão alguma a culpa e Orestes aparece livre das Fúrias, segundo a tradição seguida por Homero* [75] *e por Píndaro* [76]. *Isto dá a impressão de que Sófocles, ao escrever esta peça, considerava de importância secundária a morte de Clitemnestra e de Egisto e que era outro o fim que tinha em vista.*

Foi T. von Wilamowitz, filho de U. von Wilamowitz, morto na guerra mundial, em 1916, quem, na sua obra póstuma, intitulada Die dramatische Technik des Sophokles, *abriu caminho para a descoberta do conflito moral na* Electra, *chamando a atenção para a cena do reconhecimento de Orestes. Esta cena, segundo ele, é a razão de ser da peça; e tudo quanto se diz a respeito do assassínio poder-se-ia dispensar, pois só ela nos revela o verdadeiro fim de Sófocles — vincar ao máximo o carácter de Electra.*

Que se trata de uma cena de extraordinário vigor e intensidade dra-

mática ninguém pode discordar; parece, todavia, extravagante que Sófocles escrevesse uma tragédia só para servir de moldura a uma cena, por mais importante que ela fosse. Não; não é justo pensar que esse fosse o intuito do poeta, quanto à cena do reconhecimento. Se ele a desenvolveu tanto e empregou aí, por assim dizer, todos os seus recursos artísticos, a razão deve procurar-se na sua íntima relação com o problema de Electra, ao qual dá solução, libertando a heroína dos sofrimentos por que fora oprimida. O conflito dramático, que culmina nessa cena, escreve C. H. Whitman, é o problema da salvação de Electra, e nisto está o segredo do drama. A cena do reconhecimento diz como Electra foi salva e como Orestes se revelou a ela; e o aspecto moral da peça refere-se ao sofrimento de Electra, não à vingança de Orestes[77]. *Assim, existe uma diferença essencial entre a tragédia de Sófocles e a de Ésquilo: n'*As Coéforas *a vingança é o seu ponto culminante; mas a* Electra *tem a sua essência na salvação da protagonista e no seu triunfo. Em ambas as peças, Orestes apresenta-se como um enviado divino: na primeira, como um vingador; na segunda, como um libertador. Precisamente, para realçar esta segunda atitude, Sófocles, após a morte de Clitemnestra, põe na boca de Orestes estas palavras relativas aos maus tratos sofridos por Electra:* «*Podes estar descansada que a insolência da mãe não tornará a insultar-te*[78].»

Filoctetes. — *O mito do Filoctetes tinha dado assunto a uma peça de Ésquilo e a outra de Eurípides representada em 431. Sófocles ocupara-se do mesmo tema, em 409, que lhe fora sugerido pela* Pequena Ilíada, *e sobre o qual Baquílides tinha já composto um ditirambo. Entre estas três tragédias, D. Crisóstomo, que as pôde apreciar, deu a preferência à de Sófocles, pela sua linguagem* séria, elevada e mais própria da tragédia e bem soante[79]. *A de Eurípides, que se aproximava muito da de Ésquilo, parece ter sido rica em pormenores patéticos, mas, em geral, sem grande fundo psicológico.*

Sófocles, que talvez tivesse composto uma segunda tragédia sobre Filoctetes que não chegou até nós, introduziu algumas modificações na concepção da peça presente. De uma parte, deixou ficar Filoctetes só, na ilha

deserta, a fim de realçar as suas misérias; e, da outra, deu à tragédia um desfecho feliz, pelo contraste das personagens que entravam em cena. Assim, ao passo que nos Excertos de Proclo Diomedes foi o encarregado de ir buscar Filoctetes a Lemnos, ao qual Eurípides dera Ulisses por companheiro, na tragédia de Sófocles Diomedes é posto de lado e substituído por Neoptólemo. Nestas modificações, bem como na composição do coro, constituído por marinheiros da equipagem de Neoptólemo, radica o vigor desta nova peça de Sófocles, a qual, pelo seu ardente dinamismo, não se ressente da avançada idade do poeta, quase nonagenário.

Sobretudo, a escolha de Neoptólemo para substituir Diomedes foi, pela oposição dos caracteres, uma das mais acertadas. Assim, de um lado está o prudente Ulisses, o homem sem escrúpulos, que recorre a todos os meios, quando se trata da execução de alguma empresa; e do outro, o nobre e consciencioso Neoptólemo, que só pela sua ascendência [80] oferecia todas as garantias de ser recebido com simpatia por Filoctetes e de se insinuar facilmente no seu ânimo. Além disso, a Neoptólemo interessa que Ulisses efectue a sua missão, conduzindo Filoctetes para Tróia, a quem ele está associado, em virtude do oráculo de Héleno [81]. O filho de Aquiles, porém, é demasiado sincero para se prestar às intrigas de Ulisses. Todavia, ainda que contrariado, segue os seus conselhos e obtém, por fim, a posse do arco das mãos de Filoctetes, ao qual, depois de lhe descobrir toda a trama e de tentar debalde convencê-lo a deixar-se conduzir para Tróia, o entrega de novo, contrariando a vontade de Ulisses. Desta sorte, desvanece-se o plano cuidadosamente estudado antes, e o caso toma tais proporções que não parece solúvel por forças humanas.

O problema de que trata o Filoctetes assemelha-se ao de que Sófocles se ocupara na Antígona: o conflito entre a consciência individual e o Estado. Mas agora toma um duplo aspecto: é de Neoptólemo e de Filoctetes. Se o problema de convencer este herói a ir para Tróia de per si era já difícil, a atitude assumida por Neoptólemo com a promessa de o levar para a sua pátria complica-o ainda mais [82]. Na verdade, o filho de Aquiles, tendo começado por se libertar de responsabilidades, enredou-se em dificuldades ainda maiores. Arrependido de ter prometido

primeiro fingidamente a Filoctetes reconduzi-lo para a sua terra, prometeu-lho depois com toda a sinceridade; por isso, encontra-se agora nesta alternativa: ou ir para Tróia, em obediência aos seus chefes; ou ser fiel à palavra dada a Filoctetes. Ele não hesita na escolha: o seu vivo sentimento de justiça obriga-o a cumprir a palavra e está, por isso, disposto a partir com Filoctetes para a Grécia, numa atitude decidida de revolta contra Ulisses e contra os chefes do exército.

Quanto ao caso de Filoctetes, este apresenta um cariz diferente e muito complexo. Ele foi arremessado para uma ilha, como um objecto inútil; por conseguinte, tem direito a julgar os Atridas e Ulisses malvados e a recusar-lhes o seu auxílio, como o próprio Neoptólemo confessa [83].

Esta atitude não só é justa, mas mantida com denodo e firmeza, apesar de com isto ele não lucrar nada, a não ser prolongar o seu isolamento entre as maiores aflições, a falência da expedição contra Tróia e a frustração das esperanças de Neoptólemo. Pois bem; Filoctetes prefere tudo isto à desonra de ceder aos seus inimigos, a não ser lógico consigo mesmo e a perder a sua integridade moral [84]. *Não há dúvida de que Filoctetes quer voltar para o convívio dos homens; mas isso há-de ser livremente, não por uma imposição exterior. Como conseguir isto?*

Para vencer a resistência de Filoctetes, os intérpretes admitem commummente a intervenção de um deus ex machina *e interpretam literalmente a aparição de Héracles. Mas C. H. Whitman resolve o problema doutro modo. Segundo ele, considerar Héracles um emissário do Olimpo que vem dar ordens a Filoctetes é obliterar o sentido da peça, é tirar-lhe o valor. Ora, toda a força da revelação de Héracles está na* areté [85]. *Ele apenas compara os seus trabalhos pessoais e a* immortal areté *que os recompensou com os sofrimentos de Filoctetes e a sua glória vindoura. A este pertence a resolução; não é a vontade de Héracles que opera; é a vontade de Filoctetes que age de súbito, divinamente. Aliás, seria ilógico que os deuses, depois de declararem antes que ele devia partir para Tróia livremente, enviassem, em seguida, Héracles para resolver o caso em sua vez. O exame do texto, porém, não inculca nada a que se possa atribuir a mudança brusca de Filoctetes, a não ser às palavras.*

de Héracles, pela veneração que a este tinha e pela íntima amizade que entre os dois existira, mas não à perspectiva de glória futura, pois já antes a ela se referira Neoptólemo, baldadamente. Filoctetes não faz mais do que obedecer; se foi para Tróia de bom ou mau grado, nada se vê que o indique.

D. P.

NOTA — A tradução foi feita sobre o texto grego da edição de Alphonse Dain publicado pela Société d'édition «Les Belles Lettres», excepto em casos particulares, como se indicará nas notas.

ÁJAX

PERSONAGENS

Atena
Ulisses
Ájax, filho de Telamão
Tecmessa
Teucro, irmão de Ájax
Agamémnone
Menelau
Um mensageiro
Coro dos marinheiros de Salamina

A cena passa-se, primeiro, nas costas do Helesponto, junto da tenda de Ájax; depois, num lugar deserto da mesma região

ATENA E ULISSES

ATENA

Eu vejo-te sempre, filho de Laertes, a procurar algum meio de agredir os teus inimigos. E agora encontro-te junto da tenda de Ájax, ao pé dos seus navios, na extremidade do acampamento, onde já há muito lhe vais seguindo a pista e medindo [1] as suas pègadas recentes, a fim de descobrir se ele está dentro ou não. Farejador sagaz, como um cão da Lacónia [2], o teu passo segue o caminho direito. Sim, o homem acaba agora mesmo de entrar, o suor a escorrer-lhe da face e dos seus braços ensicidas. Não precisas de espreitar mais para dentro dessa porta; dize-me só porque te afadigas tanto, para que ouças informações de quem tas pode dar.

ULISSES

Ó voz de Atena, da deusa que eu muito amo! Como eu, apesar de não te ver com os olhos, te reconheço bem, ao ouvir-te falar! Oh, o meu coração percebe-te como se lhe soasse uma trombeta etrusca de énea embocadura [3]! Sim, tu já sabes perfeitamente que ando de um lado para outro à cata de um inimigo, de Ájax, o portador do escudo [4]. É dele, de nenhum outro, que há tempos sigo a pista. Porquanto, nesta noite, perpetrou contra nós um horrendo crime (se, na verdade, foi ele o seu autor, pois não sabemos nada ao certo, só conjecturamos); por isso, submeti-me voluntariamente a este trabalho.

O caso foi termos descoberto, não há muito, que todo o nosso despojo de guerra fora trucidado e morto por mão de homem, juntamente com os pastores dos rebanhos. Ora, toda a gente

atribui a culpa a Ájax. E um espia, tendo-o visto a galgar, só, através da planície, a espada ainda com sangue fresco, comunicou-mo e deu-me tudo a conhecer. Então, sem mais delongas, lancei-me no seu encalço. As pègadas agora orientam-me, mas logo deixam-me perplexo, sem saber de quem são. Por isso, vieste a propósito. Em todos os sucessos, passados ou futuros, guia-me sempre a tua mão.

ATENA

Eu já o sabia, Ulisses; há muito que te sigo, como solícita protectora da tua pesquisa.

ULISSES

Porventura, cara senhora, não terá sido baldado o meu labor?

ATENA

Como suspeitas, Ájax foi o autor dessa façanha.

ULISSES

E porque se lançou em tão louca empresa?

ATENA

O caso das armas de Aquiles excitou nele profunda cólera [5].

ULISSES

Mas porque se atirou contra os rebanhos?

ATENA

Por julgar que tingia a mão no vosso sangue.

ULISSES

Era, pois, aos Argivos que visava o seu intento?

ATENA

E efectuá-lo-ia, se me descuidasse.

ULISSES

Por que ousadia e confiança foi levado?

ATENA

Só e traiçoeiramente, investiu de noite contra vós.

ULISSES

Encontrava-se prestes a atingir o seu fim?

ATENA

Estava já às portas dos dois comandantes [6].

ULISSES

E porque conteve o seu braço sedento de sangue?

ATENA

Fui eu quem lho desviou desse prazer feroz, pondo-lhe sobre os olhos molestas fantasias. Depois, fi-lo voltar-se contra as bestas pilhadas ao inimigo, que estavam sob a guarda dos pastores, ainda misturadas e por distribuir. Investiu, então, contra as reses cornudas, entre as quais fez grande carnificina, trucidando por um lado e por outro; e ora lhe parecia que se apoderava dos dois Atridas e que os matava com a própria mão, ora julgava que se atirava sobre outro dos comandantes. Ao homem que assim andava trucidando em redor, fui eu quem lhe excitou a furiosa loucura e o enredou em laços de morte.

Em seguida, uma vez terminada a matança, atou com cordas

os bois que restavam vivos, bem como todas as demais bestas, e conduziu tudo para a sua tenda, na convicção de que se apoderara, não de reses cornudas, mas de homens; e agora, na sua habitação, dá maus tratos aos animais que conserva ainda presos. Mas eu quero que sejas testemunha da sua loucura manifesta, para que, depois de ter visto o seu estado, o reveles aos Argivos. Espera aqui sem medo! Não julgues que a vista do homem te será funesta, porque eu afastarei de ti os seus olhos e impedi-los-ei de ver a tua face. *(Levantando a voz.)* Ó tu, que aos prisioneiros de guerra ligaste as mãos atrás das costas, aproxima-te! Sou eu quem to ordena. É por ti, Ájax, que eu chamo; vem para fora da tenda!

ULISSES

Que fazes, Atena? De modo algum o mandes vir cá para fora.

ATENA

Não estarás calado? Quererás portar-te como um covarde [7]?

ULISSES

Não o chames, pelos deuses! Que se contente com ficar lá dentro [8].

ATENA

Que receias tu? Não é ele o mesmo homem que antes [9]?

ULISSES

Ájax era meu inimigo e é-o ainda agora.

ATENA

Bom! Rir dos inimigos não é o mais agradável dos prazeres?

ULISSES

Eu contento-me com a sua permanência na tenda.

ATENA

Receias então encarar com um homem notoriamente louco?

ULISSES

Se estivesse no seu juízo, não teria medo dele.

ATENA

O homem não te verá, estando mesmo ao teu lado.

ULISSES

Mas como? Não vê ele com os mesmos olhos que antes?

ATENA

Eu escurecer-lhos-ei, apesar de terem uma vista penetrante [10].

ULISSES

Tudo é possível, quando um deus põe mãos à obra.

ATENA

Agora cala-te e permanece assim como estás.

ULISSES

Permanecerei; mas preferiria afastar-me daqui.

ATENA
(voltada para a tenda)

Olá, Ájax! É já a segunda vez que chamo por ti. Porque tens tão pouca consideração para com a tua aliada?

OS MESMOS E ÁJAX

ÁJAX
(aparecendo à porta da tenda)

Salve, Atena! Salve, filha de Zeus! Como foi eficaz o teu auxílio! Eu vou coroar-te com estes despojos de oiro maciço, em reconhecimento por esta minha caçada [11].

ATENA

Bom! Mas dize-me: molhaste bem a espada no sangue dos Aqueus?

ÁJAX

Posso gabar-me disso e não negarei o facto.

ATENA

E levantaste também o teu braço contra os Atridas?

ÁJAX

De tal modo que eles nunca mais desonrarão Ájax.

ATENA

Se te percebo bem, esses homens já estão mortos.

ÁJAX

Sim; e agora que se apoderem das minhas armas.

ATENA

Está bem! E ao filho de Laertes que fizeste tu? Qual foi a sorte que alcançou de ti? Escapar-te-ia, porventura?

ÁJAX

Tu perguntas-me pelo destino que dei a essa velhaca raposa?

ATENA

Sim. Eu refiro-me a Ulisses, ao teu adversário.

ÁJAX

Para meu grande prazer, ó deusa, está lá dentro assentado e posto em algemas, pois não quero matá-lo ainda.

ATENA

Que sorte lhe pretendes dar primeiro? Que mais desejas conseguir?

ÁJAX

Depois de o ter prendido a uma coluna da minha tenda...

ATENA

Que mal queres fazer ao desgraçado?

ÁJAX

... com um azorrague, pôr-lhe o dorso em sangue, até que morra.

ATENA

Não maltrates tão cruelmente o infeliz!

ÁJAX

Eu desejo, Atena, que te suceda tudo a teu bel-prazer; mas, quanto ao castigo, é este, não outro, que lhe hei-de infligir [12].

ATENA

Visto ser o teu gosto proceder assim, mãos à obra e não omitas nada daquilo que pensaste.

ÁJAX

Vou já executar o meu plano; e não te peço senão que me auxilies sempre do mesmo modo. *(Entra de novo na tenda.)*

ATENA

Vês, Ulisses, qual é a potência dos deuses? Quem encontrarias tu mais avisado do que este homem, ou mais hábil para proceder, segundo as circunstâncias?

ULISSES

Não conheço ninguém. E, ainda que é meu inimigo, lamento o infeliz, por ser vítima de uma tão triste desgraça. Todavia, não penso tanto na sorte dele como na minha; porquanto vejo bem que nós, os viventes, não somos mais do que fantasmas ou fugidias sombras.

ATENA

À vista de espectáculo semelhante, não pronuncies jamais insolência alguma contra os deuses, nem te orgulhes, caso sejas superior a alguém, pela tua força ou por uma grande riqueza, porque um dia abate e eleva de novo todas as coisas humanas. Os deuses amam os virtuosos e odeiam os perversos. *(Desaparece e Ulisses afasta-se.)*

CORO

Ó filho de Telamão, senhor de Salamina, da terra circundada pelas ondas do mar, a tua felicidade dá-me prazer.

Mas, quando os golpes de Zeus ou o maléfico rumor da boca dos Dánaos hostis te atingem, eu sou tomado de uma grande angústia e temo, como o olhar da alada pomba [13].

Assim, na passada noite, rumores graves e infamantes chegaram até nós de que invadiras o prado formigante de cavalos e com o teu coruscante ferro abateras as pascentes reses dos Dánaos e o resto do despojo tomado pelas lanças.

Tais rumores são invenção de Ulisses, que pelos ouvidos de todos os difunde e a todos convence sem dificuldade, porque o que diz de ti são coisas muito críveis; e todos quantos o ouvem gostam ainda mais do que ele de te insultar nas tuas aflições.

Disparando os teus dardos contra os poderosos, tu não errarias o alvo; mas quem os lançasse contra mim não seria acreditado, porque a inveja persegue os opulentos. E ainda que os pequenos separados dos grandes dão frágil apoio a um baluarte, todavia, auxiliado pelos grandes, o pequeno seria apoio óptimo e manteria de pé o grande [14]. Inculcar, porém, aos loucos estas verdades não é possível.

Tais são os homens que vociferam contra ti; e nós não podemos repelir os seus ataques, sem o teu auxílio, ó senhor!

Eles fazem grande alarido, quando tu estás ausente, como bandos de aves a fugir de um grande abutre [15]; mas, se de repente aparecesses, esconder-se-iam, então, com medo e sem voz.

Seria Ártemis, a Taurópola filha de Zeus [16] — oh, rumor funesto, causa da minha vergonha! —, quem te lançou contra os bois gregais do exército, por causa de alguma vitória, talvez, mal agradecida, ou por ter sido enganada acerca de despojos ilustres e ficar sem paga a sua ajuda na caçada da corça? Ou estará Eniálio [17], o deus da loriga de bronze, queixoso contra

ti, por não lhe teres pago o apoio da sua lança, vingando, assim, a injúria com nocturnas ilusões?

Nunca, ó filho de Telamão, te sobreveio tão grande loucura que te fizesse investir contra os rebanhos. Foi, por certo, algum deus quem te enviou esse mal. Oxalá Zeus e Apolo levem para longe o rumor funesto dos Argivos! Mas, se inventam e espalham tais rumores em segredo os poderosos reis ou o príncipe oriundo da raça funesta de Sísifo [18], tu, senhor, acautela-te! Não dês causa a uma fama perniciosa, continuando assim na tenda, junto do mar.

Eia, levanta-te desse assento, onde há muito descansas, imóvel, do combate, enquanto a tua desgraça se ergue, qual chama, para o céu. Com ousadia, avança a insolência dos teus inimigos por desfiladeiros batidos pelos ventos. Todos se riem de ti, misturando com o riso vaias que penetram fundo; e a dor faz assento no meu peito.

(Tecmessa sai da tenda)

O MESMO E TECMESSA

TECMESSA

Ó marinheiros do navio de Ájax, descendentes da raça de Erecteu, filho da Terra [19], nós temos motivo para lamentos, nós, que, longe da pátria, nos interessamos pelo filho de Telamão; pois jaz por terra agora o terrível e grande Ájax, o herói de fortes ombros, vítima de uma túrbida tempestade!

CORO

Como se mudou em desgraça, nesta noite, a calma do dia

precedente? Fala, ó filha do frígio Teleutas [20]! O ardente Ájax é constante no amor para contigo, a sua esposa tomada com a lança. Tu sabes a verdade e podes informar-nos.

TECMESSA

Como dizer o que é indizível por palavras? Tu vais ouvir uma desgraça igual à morte. O nosso ilustre Ájax, tomado, durante a noite, de loucura, desonrou-se a si próprio. Dentro da tenda verás a prova, nas vítimas sangrentas que o seu braço esfacelou — hecatombe de que ele só foi o autor.

CORO

Que notícia me revelas tu, tão terrível que não pode ficar oculta, acerca desse impetuoso homem! Os príncipes dos Dánaos proclamam-na e o rumor, espalhando-se ao longe, dar-lhe-á vulto maior. Ai! Eu temo o que está para vir! Por ter a sua louca mão, com sombria espada, matado os rebanhos e os cavalgantes pastores, é evidente que o homem morrerá [21].

TECMESSA

Ai de mim! De acolá, de acolá veio ele com o rebanho aprisionado. E parte das reses degolou-as sobre o chão da tenda; e a outras rasgou-lhes os flancos e partiu-as em duas. Agarrou, depois, dois carneiros de patas brancas. A um cortou-lhe a cabeça e a ponta da língua [22] e arremessou-as fora; o outro ligou-o de pé a um pilar e, com uma comprida arreata de cavalo dobrada em duas, deu-lhe chicotadas estridentes, enquanto o injuriava com palavras hediondas, que só um deus, nenhum homem, podia ter-lhe ensinado.

CORO

É já tempo que eu, envolta a cabeça num véu, fuja daqui às escondidas; ou, assentado no banco da remadura, navegue a

toda a vela através do mar. Tais ameaças lançam contra nós os dois Atridas que temo morrer apedrejado, juntamente com o herói, de quem uma loucura furiosa se apoderou.

TECMESSA

Ainda não [23]. Como o noto acalma, depois de se desencadear de súbito, sem o luzir do raio, assim ele sossega agora. Mas, já no uso da razão, aflige-o nova pena: ver a desgraça, de que ele só foi autor. Isto causa-lhe dores imensas.

CORO

Se ele sossega, julgo isto uma grande felicidade, porque do mal que desaparece já se faz menos caso.

TECMESSA

Se te dessem a escolher, que escolherias: ser feliz à custa de aflições causadas aos amigos, ou sofrer com eles males iguais?

CORO

O mal duplo, mulher, é o pior.

TECMESSA

Apesar de não estarmos doentes, não deixamos de sofrer agora.

CORO

Que queres dizer com isso? Não percebo a tua linguagem.

TECMESSA

Ájax, quando estava possuído de loucura, sentia prazer no mal, de que era vítima, e afligia-nos a nós, que estávamos sãos de juízo; mas agora, que convalesceu da loucura, é torturado

por uma cruel aflição, com a qual nós não sofremos menos do que antes. Não são isto dois males provenientes de um só?

CORO

Concordo; e temo que o atinja um golpe enviado por algum deus. Como não sucederá assim, se, uma vez livre do seu mal, o homem não se alegra mais do que quando era afligido por ele?

TECMESSA

Tem a certeza de que é assim como eu digo.

CORO

Quais foram os princípios do mal que desabou sobre Ájax? Informa-nos disso a nós, que participamos da tua dor.

TECMESSA

Vou contar-vos tudo, visto serdes bons amigos.

Alta noite, Ájax, quando as luzes da tarde se tinham já extinguido [24], tomou uma espada de dois gumes com o desejo de lançar-se numa baldada excursão. Eu dirigi-lhe, por isso, estas palavras de censura: *Que fazes tu, Ájax? Que empresa é essa em que te lanças, sem ser convidado nem ter recebido mensagem alguma ou ouvido o sinal da trombeta? Neste momento, ainda todo o exército dorme.* Ele respondeu-me brevemente, repetindo o costumado estribilho: *Ó mulher, o ornato das mulheres é o silêncio.* Eu, tendo ouvido isto, calei-me, e ele saiu para fora sem companhia. O que lá sucedeu, então, não o posso dizer. Depois entrou para dentro, trazendo presos juntamente bezerros, cães de pastores e uma caçada de belos chifres [25]. E a uns cortou-lhes a cabeça, a outros, depois de lhes erguer o focinho para cima, cortou-lhes a goela e rachou-os ao meio; e a outros, que estavam ligados, flagelou-os, como se fossem homens, e lançou-os para entre o rebanho.

Por fim, precipita-se pela porta fora, falando para uma sombra e invectivando os Atridas e a Ulisses, ao mesmo tempo que dava grandes gargalhadas, por causa da vingança feroz que deles tirara. Em seguida, entra de novo na tenda, a toda a pressa; e, pouco a pouco e a custo, recobra, finalmente, o juízo. E, como visse a morada repleta dos efeitos da sua loucura, põe-se, aos gritos, a bater na cabeça; e, dando um pulo, abateu-se sobre o montão daquele morticínio de carneiros, a arrancar, de contínuo, os cabelos com as mãos.

Permaneceu longo tempo ali assentado, sem dizer palavra; depois, dirigiu-me horríveis ameaças, caso não lhe declarasse tudo quanto lhe sucedera; e perguntou-me em que estado, enfim, se encontrava [26]. E eu, amigos, com susto, disse-lhe tudo quanto tinha feito, tudo quanto sabia.

Acto contínuo, desatou em terríveis gemidos, como nunca antes lhe ouvira, a ele que costumava dizer-me que tais gemidos eram próprios de um homem covarde e de fraco ânimo; que, pelo contrário, o que não era tal gemia surdamente, sem gritos, à semelhança do mugir do toiro.

E agora, abatido pela sua dor acerba, o homem está assentado, sem comer nem beber e imóvel, no meio das reses que o seu ferro destroçou. É claro que medita nalgum desatino, como indicam as vozes e as lamentações que faz ouvir.

Eia, amigos, entrai na tenda — para vos chamar é que eu vim — e ajudai-me, se alguma coisa podeis fazer. Porquanto homens como este não cedem senão às palavras dos amigos.

CORO

Tecmessa, filha de Teleutas [27], tu dizes, acerca das desgraças que fizeram cair Ájax na loucura, coisas que me fazem tremer.

OS MESMOS E ÁJAX

ÁJAX
(na tenda)

Ai, ai de mim!...

TECMESSA

Creio que em breve estará pior. Não ouviste o grito que ele agora soltou?

ÁJAX

Ai, ai de mim!...

CORO

O homem parece estar doente ou sofrer com a lembrança dos males passados, cujos efeitos lhe estão à vista.

ÁJAX

Ai, filho, filho!...

TECMESSA

Ai de mim, infeliz! Eurísaces, é por ti que ele chama. Que lhe terá vindo à cabeça? Onde estás tu? Ai, infeliz que eu sou!...

ÁJAX

É por Teucro que eu chamo. Onde está ele? Andará eternamente atrás de despojos? Entretanto, morro aqui.

CORO

Parece-me que Ájax está no seu juízo. Eia, abri! Pode ser que, ao dar com os olhos em mim, se envergonhe um pouco[15].

TECMESSA

Eis aberta a porta! Já podes contemplar a obra que ele fez e o estado em que se encontra. *(Ájax aparece no interior da tenda, no meio das reses massacradas.)*

ÁJAX

Ai, queridos marinheiros! Dentre os meus amigos, só vós permaneceis fiéis à lei da amizade.

Vede que onda me envolve agora, a qual foi lançada contra mim por um temporal de morte.

CORO
(para Tecmessa)

Ai!... O teu testemunho parece-me de todo verdadeiro. As obras provam que ele perdeu o juízo.

ÁJAX

Ai, auxiliares meus, conhecedores da marinhagem! Vós, que viestes para manejar o remo, só vós podeis livrar-me da minha desgraça. Eia, sede a minha ajuda! Matai-me!

CORO

Não digas palavras de mau agoiro! Não vás com um mau remédio agravar o teu mal!

ÁJAX

Vês o audaz, o valente, que não tremia nas mortíferas batalhas? Vês como fui terrível contra bestas inofensivas? Ai! Como sou objecto de riso e de escárnio agora!

TECMESSA

Não, senhor meu, não fales assim, Ájax, eu te suplico!

ÁJAX

Não te irás daqui? Não voltarás lá para fora? Ai!... Ai!...

TECMESSA

Oh, pelos deuses, obedece-me e recobra juízo!

ÁJAX

Ai, infeliz de mim, que aqueles malvados[29], eu os desencadeei com a minha mão; e, lançando-me contra os bois de curvos chifres e contra as belas reses, fiz correr o seu negro sangue!

CORO

Porque lamentar-te agora do sucedido? Isto não podia suceder de outro modo.

ÁJAX

Filho de Laertes, instrumento de todo o mal, tu, que tudo espreitas e és o velhaco mais vil de todo o exército, com que prazer te hás-de rir à minha custa!

CORO

Todo o homem ri e chora, consoante quer um deus.

ÁJAX

Se eu pudesse vê-lo, apesar de ser tão infeliz... Ai!... Ai de mim!...

CORO

Modera a língua! Não vês a tua desgraça?

ÁJAX

Ó Zeus, progenitor dos meus antepassados [30], oxalá pudesse matar aquele inimigo, o mais astuto dos velhacos, e com ele os dois reis; e, por fim, morresse eu também!

TECMESSA

Se tais são os teus votos, deseja também para mim a morte! Porque devo eu viver, morrendo tu?

ÁJAX

Ai! Ó Trevas, minha luz, ó Érebo, meu esplendidíssimo Sol, recebei-me, recebei-me como vosso habitante! Oh, recebei-me! Eu não mereço mais olhar para a raça dos deuses, nem para os homens, que vivem um só dia, na esperança de auxílio. A filha de Zeus, a poderosa deusa [31], é quem me atormenta e me mata! Para onde fugirei? Onde estabelecerei assento, uma vez que a minha honra, amigos, perece com estas bestas aqui ao lado e eu me dediquei a uma caçada estúpida? Quem dera que o exército me matasse, vibrando uma dupla lança!

TECMESSA

Oh, infeliz de mim, que devo ouvir a este homem coisas que antes nunca ousaria dizer!

ÁJAX

Ai, caminhos do mar rumorejante, grutas e prados junto da costa, longo tempo, longo tempo, me retivestes já nos campos de Tróia! Mas não, não me retereis mais, enquanto for vivo. Saiba isto quem for dotado de razão. Ó vizinha corrente do Escamandro benévolo aos Argivos, jamais verás um guerreiro como eu, um guerreiro tal — poderei dizê-lo com orgulho —

como Tróia nunca viu no exército vindo lá da Hélada. E agora jazo por terra, um objecto de ignomínia!

CORO

Não posso impedir nem permitir tal linguagem, vendo-te nesses males de que és vítima.

ÁJAX

Ai! Ai!... Quem jamais suspeitaria que o meu nome havia de corresponder aos meus males [32]? Agora, com efeito, posso dizer *ai* duas e três vezes, visto encontrar-me em semelhantes apuros, eu, filho de um pai que partiu desta terra de Ida [33], depois de ter adquirido, por sua bravura militar, o primeiro prémio, e chegou à pátria coberto de glória. Ao contrário, eu, o seu filho, que vim para a mesma terra de Tróia com um vigor não inferior ao dele, e executei com o meu braço proezas iguais às suas, morro aqui, desprezado pelos Argivos! Contudo, julgo ter a certeza, pelo menos, de uma coisa: se Aquiles vivesse e fosse ele quem decidisse acerca da atribuição das suas armas como um prémio de bravura, a ninguém as atribuiria a não ser a mim. Os Atridas, porém, entregaram-nas, ardilosamente, a um vilão, com desprezo da valentia de Ájax.

Se os meus olhos e o meu espírito transtornado não me tivessem afastado da minha resolução, jamais dariam uma tal sentença contra outro homem qualquer. Foi a indomável filha de Zeus, a deusa de olhar feroz, quem, no momento em que já levantava contra eles o braço, me iludiu, incitando em mim uma loucura furiosa, a qual me fez manchar as mãos com o sangue destas bestas; por isso, depois de escaparem, contra a minha vontade, eles se riem agora de mim. Porquanto, se um deus se opõe, até o covarde escapa do mais valente.

Que deverei fazer agora? Os deuses, manifestamente, odeiam-me, assim como o exército dos Gregos e a cidade de Tróia

com estes seus campos. Devo, porventura, sulcar o mar Egeu em direcção à pátria, deixar este seguro ancoradoiro e os Atridas sós? E com que cara aparecerei eu diante de meu pai Telamão? Como suportará ele a minha vista, se apareço privado do prémio da valentia, pela qual obteve, um dia, uma coroa insigne de glória [34]?

Não! Não posso suportar semelhante ideia. Devo, então, ir contra a muralha de Tróia e combater só com os Troianos [35], até, por fim, encontrar a morte, depois de ter executado alguma proeza? Mas isto, sem dúvida, seria motivo de prazer para os Atridas. Assim não me agrada. É-me preciso tentar uma empresa tal que mostre a meu velho pai que eu, seu filho, não sou um poltrão [36].

Por certo, não deixa de ser uma vergonha que um homem deseje vida larga, se não faz mais do que passar de uma desgraça a outra. Com efeito, que pode aproveitar viver, dia após dia, adiando o desenlace final? Eu não daria o mínimo preço pelo homem que só se entusiasma com vãs esperanças. Não; o que importa ao homem de nobre nascimento é viver bem ou morrer bem. Nada mais tenho a dizer.

CORO

Ninguém dirá jamais, ó Ájax, que a tua linguagem foi fingida. Não; tu disseste apenas o que no teu coração pensavas. Todavia, reprime-te. Deixa que os amigos contrariem a tua resolução; e põe de lado esses pensamentos!

TECMESSA

Ó Ájax, ó meu senhor, não existe desgraça maior para os homens do que terem a sorte da escravidão. Eu sou filha de um pai por suas riquezas poderoso, entre os Frígios, como ninguém; mas agora sou escrava, porque assim agradou, sem dúvida, aos deuses e, sobretudo, ao teu braço. Por esse motivo, desde que

participo do teu leito, os teus interesses são os meus. Rogo-te, pois, pelo Zeus do nosso lar e pelo nosso tálamo, que não permitas que eu caia nas mãos de outrem e ouça as palavras cruéis dos teus inimigos. Porquanto, se morres, e com a tua morte me deixas ao abandono, podes crer que, nesse mesmo dia, serei arrebatada violentamente pelos Argivos e sujeita à escravidão, juntamente com o teu filho. E algum dos meus senhores atirará, então, contra mim estas palavras maliciosas: *Vede a que servidão está reduzida a mulher de Ájax, do guerreiro mais valente do exército, depois da sua glória anterior* [37]. Assim falará alguém; e a mim perseguir-me-á um génio mau, ao passo que a ti e à tua raça tais palavras acarretarão desonra.

Oh, envergonha-te de abandonar o teu pai na sua triste velhice e a tua mãe já de tão avançada idade, a qual suplica frequentemente aos deuses que te conduzam, vivo, para casa! Tem compaixão, senhor, deste teu filho! Lembra-te de que, sem os cuidados exigidos pela sua infância e abandonado por ti, terá de viver sob cruéis tutores! Pensa na desgraça em que nos farás cair, a mim e a ele, se morreres! A mim nada mais resta para onde lançar os olhos, além de ti.

A minha pátria devastaste-a tu com a lança; e, quanto a meu pai e a minha mãe, um outro destino levou-os lá para baixo, para o Hades, para entre os mortos que aí habitam.

Quem poderia ser para mim um substituto da pátria e da riqueza que tu para mim eras? Em ti encontro toda a minha felicidade. Conserva, então, de mim também alguma memória! O homem que recebeu algum benefício tem obrigação de não o esquecer. Um favor produz sempre outro favor; e nunca diria que é nobre aquele homem que se esquece do benefício recebido.

CORO

Eu desejaria, ó Ájax, que o teu coração se compadecesse

dela, como eu também me compadeço. Nesse caso, aprovarias as suas palavras.

ÁJAX

Ela receberá de mim um grande louvor somente se se resignar a cumprir bem as minhas ordens.

TECMESSA

Ó meu querido Ájax, eu obedecer-te-ei em tudo.

ÁJAX

Traz-me, então, cá o meu filho! Quero vê-lo.

TECMESSA

Eu tinha-o, com receio, afastado daqui.

ÁJAX

Durante os meus furores? Ou que queres tu dizer?

TECMESSA

Para que o infeliz não morresse, ao pôr os olhos em ti.

ÁJAX

Isso estaria em conformidade com o meu destino.

TECMESSA

Mas tive o cuidado de afastar esse perigo.

ÁJAX

Louvo o teu acto e a precaução que tiveste.

TECMESSA

Que serviço te posso eu prestar ainda?

ÁJAX

Deixa-me falar com a criança e pôr bem nela os meus olhos.

TECMESSA

Ela está aqui perto, ao cuidado dos nossos servos.

ÁJAX

Porque demora então e não comparece?

TECMESSA

Ó filho, o teu pai chama-te! Traga-o um dos servos e guie-o pela mão até aqui.

ÁJAX

Ele já vem ou não ouviu a tua voz?

TECMESSA

Um servo vem já ali com ele. *(Eurísaces aproxima-se, conduzido por um escravo.)*

ÁJAX

Levanta-o, levanta-o para os meus braços! Ele não se há-de assustar, ao ver este sangue fresco, se, na verdade, é meu filho e não desmente o carácter do seu pai. Sim; é preciso, desde já, educá-lo nos costumes rudes do seu progenitor e dar-lhe um carácter semelhante ao dele.

Ó filho, oxalá sejas mais feliz do que o teu pai! No resto,

assemelha-te a ele, que nunca serás um vilão. Entretanto, posso já agora considerar-te feliz, pelo facto de não teres conhecimento dos meus males. Pois não há maior felicidade para ti, antes de experimentar a alegria e a dor, do que viver na ignorância [38].

Mas, quando lá chegares, importa que, perante os inimigos, trates de mostrar quem és e de que pai és filho. Até lá, porém, vai-te alimentando com ares leves [39] e cuida da tua meninice para a alegria da tua mãe.

Nenhum dos Aqueus, eu sei, te maltratará com afrontas odiosas, nem mesmo se estiveres afastado de mim. Eu deixarei aqui Teucro, para vigiar por ti, o qual não se poupará a trabalhos, a fim de te educar, se bem que neste momento anda por longe a dar caça aos nossos inimigos.

Eu peço-vos, soldados portadores de escudo, e a vós, marinheiros, que me façais todos o favor de comunicar a Teucro a minha vontade: que conduza este meu filho para a minha casa e que o mostre a Telamão e a Eribeia, minha mãe, dos quais ele será o amparo na velhice, até que sejam recebidos nas moradas do deus subterrâneo.

Quanto às minhas armas, que nenhum árbitro, nem o autor da minha desgraça [40], as ponha em concurso aos Aqueus.

Tu, meu filho, toma este escudo de sete peles de boi e resistente (dele deriva Eurísaces [41], o teu nome) e maneja-o pela correia solidamente fixada. As outras armas serão enterradas comigo. *(Para Tecmessa.)* Recebe depressa este nosso filho; depois, fecha a porta da tenda e não fiques cá fora a chorar. As mulheres são muito propensas a lágrimas. Fecha a porta sem demora! Não é próprio de um bom médico choramingar esconjuros sobre um mal que exige escalpelo [42].

CORO

Eu temo, ao ver esse modo tão excitado com que falas; e não me agrada o tom áspero da tua língua.

TECMESSA

Ó meu senhor!... Que desejas fazer, Ájax?

ÁJAX

Não mo perguntes, não investigues! Fica-te bem ser discreta.

TECMESSA

Ai, que me falta o ânimo! Pelo teu filho e pelos deuses te peço que não nos queiras trair!

ÁJAX

Tu incomodas-me demasiado. Não sabes que não devo já aos deuses nenhum benefício?

TECMESSA

Fala com respeito!

ÁJAX

Admoesta os que te quiserem ouvir.

TECMESSA

Não me queres, então, escutar?

ÁJAX

Já tens falado de mais.

TECMESSA

É que eu estou assustada, senhor.

ÁJAX

Não a encerrareis imediatamente [43]?

TECMESSA

Comove-te, pelos deuses!

ÁJAX

Parece-me que pensas numa coisa estúpida, se julgas poder mudar agora o meu carácter [44].

(Entram na tenda)

CORO

Ó gloriosa Salamina, tu, situada no meio das ondas, és ditosa e por todos sempre celebrada [45]!

Mas eu, infeliz, desde velhos tempos, permaneço nos campos húmidos de Ida, sofrendo dores sem número [46]; e consumo-me com o tempo, só com a esperança triste de chegar, um dia, ao terrível e tenebroso Hades. Ájax está aqui, ao meu lado — ai de mim! —, vítima de um mal de difícil cura, de uma fúria enviada por um deus.

Foi a ele que enviaste outrora como vencedor nos impetuosos combates; mas agora, extraviado de si próprio, causa grande pena aos seus amigos. E as heróicas proezas executadas antes com o braço tornaram-se desprezíveis para os ingratos e míseros Atridas.

Sem dúvida, a sua velha mãe, encanecida pela idade, quando souber que ele sofre de demência, há-de soltar dolentes ais, dolentes ais, não um lamento, como o da triste filomela.

A infeliz carpirá em estrídulos acentos, dando no peito retumbantes golpes e arrancando os seus cabelos brancos.

Esconder-se no Hades é o melhor para aquele que está louco, o qual, depois de ter sido o mais ilustre de nascença, entre os Aqueus oprimidos de trabalhos, se mostra infiel ao carácter que herdou e se extravia para longe de si próprio... Ah, infeliz pai! Que sorte triste ouvirás do teu filho, a qual, a não ser Ájax, jamais nenhum dos divinos Eácidas teve.

(Ájax reaparece à porta da tenda)

ÁJAX

O tempo, em seu longo e incomensurável curso, revela todas as coisas ocultas e esconde as que são visíveis. Não há nada que não possa suceder; até se quebra o juramento mais solene e cedem os espíritos mais tenazes. Também eu, que há pouco era extremamente duro, à semelhança do ferro ao sair da têmpera, abrandei a minha linguagem, quando ouvi falar esta mulher. Tenho pena de deixá-la viúva, entre os meus inimigos, e o meu filho órfão. Irei, todavia, para os prados da costa marítima, a fim de me banhar, para que, limpo das minhas manchas, escape à cólera feroz da deusa [47]. Em seguida, depois de encontrar uma região deserta, esconderei esta espada, a mais odiosa das armas, debaixo da terra, onde ninguém a possa ver. Que a Noite e o Hades a guardem, porquanto, desde que a recebi de Heitor, do meu maior inimigo, em presente, nunca mais obtive dos Argivos benefício algum.

É bem certo o provérbio que entre os homens corre: *dons dos inimigos não são dons e nada aproveitam.* No futuro, pois, saberei ceder aos deuses e aprenderei a respeitar os Atridas. Eles são quem manda, de sorte que devem ser obedecidos. Porque não? Até a habilidade e a omnipotência cedem perante os que estão no poder [48]. Igualmente os Invernos nivosos dão lugar aos Estios frutíferos; o tenebroso céu nocturno recua perante o dia de brancos corcéis, para que brilhe em todo o seu esplendor; o sopro das tempestades violentas deixa, por fim, adormecer o mar de gemidos retumbantes; e o sono omnipotente solta os que antes tinha presos e não os mantém sempre neste estado. E nós porque não aprenderemos a ser sensatos?

Quanto a mim, reconheço agora que o meu inimigo deve ser odiado como se mais tarde devesse ser meu amigo. E quanto ao amigo, quero, no futuro, ser-lhe útil e prestar-lhe os meus serviços como se não houvesse de permanecer sempre meu

amigo [49], porque, entre a maioria dos homens, o porto da amizade não merece confiança.

Pois bem! A respeito do meu projecto, o êxito será feliz. *(Para Tecmessa.)* Mulher, vai para dentro e suplica aos deuses que dêem pleno cumprimento àquilo que o meu coração deseja. *(Tecmessa entra na tenda.)*

Vós, meus amigos, honrai-me com o mesmo serviço que ela; e, quando Teucro chegar, dizei-lhe que pense em mim e que seja benévolo para convosco. Eu vou partir para onde é necessário que parta. Fazei o que vos digo; e talvez em breve vos venhais a informar de que fui salvo, não obstante a minha infelicidade presente [50]. *(Afasta-se.)*

CORO E UM MENSAGEIRO

CORO

Sinto frémitos de alegria e exulto de sumo gozo. Oh, oh!... Ó Pã, ó pontívago Pã, vem das alturas rochosas de Cilene batida pela neve [51] e mostra-te a nós!

Tu, que presides aos coros dos deuses, vem; e as danças de Nisa e de Cnossos [52], de que és o inventor, executa-as comigo! Agora só penso em dançar. E tu, Apolo, senhor de Delos [53] bem conhecido, transpõe o mar de Ícaro [54] e vem juntar-te a nós, a nossos votos sempre propício!

Ares poupou os nossos olhos a uma terrível dor. Oh, oh!... É agora, ó Zeus, é agora que brilha de novo sobre os navios ligeiros a luz fulgente do dia, desde o momento em que Ájax oferece de novo, esquecido dos seus males, os costumados sacrifícios aos deuses, observando com suma piedade os ritos prescritos.

O poder do tempo tudo consome; e não diria coisa inaudita se dissesse que, inesperadamente, Ájax esqueceu a sua cólera e as ferozes querelas com os Atridas.

(Entra um mensageiro)

MENSAGEIRO

Amigos, quero anunciar-vos, primeiramente, que Teucro acaba de chegar dos montes da Mísia [55]. Como, porém, avançasse para o meio do acampamento, todos os Argivos, à uma, o insultaram. Apenas o tinham visto ao longe, aproximaram-se dele de todos os lados e começaram a dirigir-lhe ultrajes, de aqui e de acolá, todos sem excepção. Chamavam-lhe *irmão do louco, do que tramava contra o exército,* e gritavam que não se livraria de ser morto à pedrada; e chegaram a ponto de tirar as espadas das bainhas. Mas a querela, depois de ter chegado ao seu auge, acalmou por meio das palavras conciliadoras dos anciãos.

Onde encontrarei Ájax, para lhe dar esta notícia? Pois ao senhor devo fazer relação de tudo.

CORO

Não está lá dentro; saiu agora mesmo. Novos sentimentos fizeram-lhe tomar nova resolução.

MENSAGEIRO

Oh, que desgraça!... Quem me mandou fazer esta caminhada enviou-me tarde de mais, ou então fui eu quem se descuidou de comparecer aqui a tempo!

CORO

Que fica sem execução, quanto a essa tua mensagem [56]?

MENSAGEIRO

Teucro proibira que Ájax saísse da tenda antes da sua chegada.

CORO

Ele partiu daqui, depois de conceber a feliz resolução de se reconciliar com os deuses.

MENSAGEIRO

Essas palavras não têm sentido algum, se Calcante é um adivinho que vaticina com acerto [57].

CORO

Quê? Que sabes tu a respeito do assunto?

MENSAGEIRO

O que eu sei é isto, porque então estava presente: Calcante, depois de se levantar só, sem os Atridas, do círculo dos reis reunidos em conselho, pôs amigavelmente a sua mão direita na de Teucro e ordenou-lhe reter, a todo o custo, Ájax dentro da tenda, e não o deixar sair, enquanto o dia de hoje brilhasse, se quisesse vê-lo ainda vivo, no futuro; pois, como afirmou, só neste dia o perseguirá a cólera da divina Atena. Porquanto os corpos colossais e sem razão [58] — dizia o adivinho — sucumbem sob o peso das desgraças enviadas pelos deuses, o que costuma suceder com aqueles que, tendo natureza de homem, concebem pensamentos impróprios de homem.

Ora, Ájax, logo ao partir de casa, portou-se como um insensato, perante os bons conselhos do seu pai. *Meu filho,* dizia este, *esforça-te por vencer na guerra, mas seja sempre com à ajuda de um deus!* Ao que ele, arrogante e loucamente, replicou: *Meu pai, com a ajuda dos deuses até um homem sem valor poderia vencer; quanto a mim, espero que hei-de obter esta glória sem a ajuda deles.* Assim blasonava ele.

Noutra ocasião, como a divina Atena o incitasse a voltar contra os inimigos o seu braço assassino, dirigiu-lhe esta palavra ter-

rível e infanda: *Senhora, vai auxiliar aos outros Aqueus, porque onde eu estou nunca o ímpeto da peleja abrirá brecha.* Com tais palavras atraiu sobre si a cólera inexorável da deusa, porque os seus pensamentos não eram próprios de um homem. Contudo, se no dia de hoje continuar vivo, talvez, com a ajuda de algum deus, o possamos ainda salvar.

Foi isto o que disse Calcante. E Teucro levantou-se imediatamente da sessão e enviou-me com a ordem de tu vigiares a Ájax [59]; pois, se o deixamos escapar, então o homem está perdido, caso o adivinho diga a verdade.

CORO

Ó desgraçada Tecmessa, ó criatura infeliz, vem saber as notícias que traz este homem! Elas penetram profundamente na carne e não causam alegria a ninguém [60].

OS MESMOS E TECMESSA

TECMESSA

Porque me fazeis levantar a mim, infeliz, que estava agora mesmo a refazer-me dos meus males infinitos?

CORO

Escuta este homem, que vem revelar-nos a sorte, para mim dolorosa, de Ájax.

TECMESSA

Ai de mim!... Ó homem, que dizes tu? Estamos perdidos?

MENSAGEIRO

Eu ignoro a tua sorte; só sei, quanto a Ájax, que, se saiu para fora, então não há coisa boa a esperar.

TECMESSA

Sim, ele saiu; por isso, causa-me grande aflição o sentido que as tuas palavras possam ter.

MENSAGEIRO

Teucro deu ordem de o reter dentro da tenda e de não o deixar sair só.

TECMESSA

Onde está Teucro? Porque deu essa ordem?

MENSAGEIRO

Ele estará aqui em breve. Receia que a saída de Ájax lhe possa ser fatal.

TECMESSA

Ai de mim, desgraçada! De quem soube ele isso?

MENSAGEIRO

Do adivinho, do filho de Testor. No dia de hoje decide-se acerca da sua morte ou da sua vida [61].

TECMESSA

Ai de mim, amigos! Ajudai-me neste extremo lance da sorte! Apressai-vos a ir ter com Teucro e que venha o mais depressa possível [62]. Quanto aos outros [63], parte vá para os recantos do Ocidente [64] e parte, para o Levante, em procura do caminho funesto de Ájax.

Agora reconheço que fui ludibriada por ele e que me excluí do seu favor de outrora. Ai de mim!... Que farei, meu filho?

Não devo ficar aqui assentada. Não; irei também até onde

as forças mo permitirem. Vamos, apressemo-nos! Não há tempo para repousar, quando se pretende salvar um homem que corre para a morte.

CORO

Estou pronto para partir; e não o provarei apenas com palavras. Estas serão seguidas do meu agir rápido e dos meus pés ligeiros.

(Saem todos)

Mudança do lugar da acção
Terreno, onde crescem apenas alguns arbustos
Ájax cravara o punho da espada no solo

ÁJAX

Eis o ferro assassino erecto, na melhor posição para cortar, como o colocaria quem tivesse lazer para calcular o golpe. É presente de um homem, de Heitor, o mais abominável dos meus hóspedes [65] e no qual até detestava pôr os olhos. Cravei a espada na terra inimiga de Tróia, amolada de fresco numa pedra que corrói o ferro. Cravei-a com toda a segurança no chão, para que, como o meu amigo mais benévolo, me faça morrer depressa. Assim, estou pronto.

E agora, ó Zeus, sê tu o primeiro, como é justo, a assistir-me. Eu não te pedirei que me concedas um grande favor. Envia um mensageiro a Teucro com a triste notícia da minha morte, depois de ter sido trespassado por esta espada cruenta, para que seja o primeiro a levantar-me e algum dos meus inimigos não me lance, tendo-me descoberto antes dele, como uma presa aos cães e às aves. É só isto, ó Zeus, que imploro de ti.

Ao mesmo tempo, invoco também o Hermes infernal, condutor das almas, para que me adormeça suavemente, depois de, sem

hesitar e com um salto rápido, ter com esta espada rasgado o meu flanco.

Igualmente, imploro o auxílio das virgens perpétuas, daquelas que têm sempre os olhos fixos sobre todas as acções dos mortais — das respeitáveis Erínias [66] de pés ligeiros. Que elas conheçam como eu, infeliz, pereço, vítima dos Atridas! [Oxalá arrebatem, da pior maneira, a esses dois malvados e de todo funestos; e do mesmo modo que elas me vêem cair morto por esta espada, assim pereçam eles às mãos dos seus parentes mais queridos [67]!]

Ide, ó alígeras e vingadoras Erínias, cevai-vos em todo o exército e não o poupeis! E tu, Sol, que vais conduzindo o teu carro pelo alto céu, quando vires a minha pátria terra, retém as rédeas bordadas de oiro e anuncia a meu velho pai e a minha desditosa mãe as desgraças do seu filho e a sua morte! Certamente, quando a infeliz ouvir esta notícia, há-de encher toda a cidade com as suas queixas prolongadas.

Mas não devo lamentar-me agora em vão; o que importa é pôr mãos à obra com toda a rapidez.

Ó Morte, lá em baixo, onde estaremos juntos, poderei conversar contigo; mas vem já, ó Morte, vem pôr os teus olhos em mim!

A ti, ó esplendor deste dia brilhante, a ti, ó Sol, condutor do teu carro, a vós me dirijo agora, pela última vez!

Ó luz, ó terra pátria de Salamina, assento do meu lar paterno! Ó ínclita Atenas, ó povo criado comigo, ó fontes e rios que vejo por aqui! A vós todos e às planícies troianas eu dirijo a minha saudação: vós, que me auxiliastes na vida [68], adeus! Esta é a última palavra que Ájax vos dirige; e só voltarei a falar para os que estão lá em baixo, no Hades. *(Lança-se sobre a ponta da espada.)*

CORO, DEPOIS TECMESSA

(Um arbusto oculta o cadáver de Ájax ao Coro, que entra parte por um lado e parte por outro)

PRIMEIRO MEIO-CORO

Trabalho sobre trabalho e só trabalho [69]!
Por onde, por onde, por onde não andei eu já? E nenhum lugar me fornece indícios dele.
Escuta, escuta! Agora oiço um ruído.

SEGUNDO MEIO-CORO

Somos nós, os vossos companheiros de bordo.

PRIMEIRO MEIO-CORO

Então que há?

SEGUNDO MEIO-CORO

Batemos toda a região a oeste dos navios.

PRIMEIRO MEIO-CORO

Que tendes, então...?

SEGUNDO MEIO-CORO

Encontrámos muitos trabalhos e nada que se visse.

PRIMEIRO MEIO-CORO

Em nenhures, para os lados de leste, também não apareceram sinais de Ájax.

CORO

Quem me poderia então informar? Qual dos pescadores laboriosos, que sem dormir andam à pesca, ou das deusas do Olimpo [70],

ou dos rios que se lançam no Bósforo, poderia dizer se viu errar algures este homem de génio intratável? É doloroso que, após longo e trabalhoso vaguear, não tenha encontrado o caminho direito, nem veja onde se encontra o fugitivo.

TECMESSA
(oculta pelos arbustos)

Ai!... Ai de mim!...

CORO

De quem será o lamento que saiu da moita ali perto?

TECMESSA

Ai, infeliz de mim!...

CORO

Eu vejo Tecmessa, a desditosa esposa de Ájax tomada pela lança, eu vejo-a toda consumida de aflição.

TECMESSA

Eu morro, amigos, estou perdida, desgraçada!

CORO

Que há então?

TECMESSA

Ájax jaz aqui, morto de fresco, trespassado pelo ferro que se esconde ainda no seu corpo.

CORO

Ai de mim e adeus regresso!... Ai de mim, senhor! Tu mataste, infeliz, o teu companheiro de viagem!... Oh, desditosa mulher!...

TECMESSA

Nas circunstâncias presentes, há razão para chorar.

CORO

De quem era o braço de que o infeliz se serviu?

TECMESSA

Serviu-se da própria mão, como é evidente. A espada cravada no chão indica que ele se lançou sobre ela.

CORO

Ai, que desgraça! Desamparado dos amigos, derramaste aqui sozinho o teu sangue!

E eu, surdo a tudo, ignorante de tudo, não me preocupei contigo [71].

Onde, onde jaz o Ájax intratável e de infausto nome?

TECMESSA

Não se pode ver. Vou cobri-lo e ocultá-lo bem com este pano, porque nem mesmo quem fosse seu amigo teria ânimo para o ver deitar negro sangue pelo nariz e da ferida mortal, que a própria mão lhe infligiu. Ai de mim! Que farei? Qual dos amigos te levantará? Onde está Teucro? Como ele chegaria a propósito, se viesse ajudar-me a enterrar este seu irmão! Ó infeliz Ájax, o que foste e o que és agora! Mereces até as lágrimas dos teus inimigos.

CORO

Tu devias, infeliz, por causa do teu génio tão pertinaz, devias, por fim, ter uma sorte triste, de infinitas dores, pois tão veementes eram os gemidos, que o teu coração feroz soltava de dia e de noite, com uma paixão funesta e cheio de ódio contra os Atridas.

Sim; as nossas dores começaram naquele dia funesto em que foi proposto ao mais valente o certame acerca daquelas armas malditas [72].

TECMESSA

Ai!... Ai de mim!...

CORO

Uma intensa dor, eu sei, penetra-te até ao íntimo do coração [73].

TECMESSA

Ai!... Ai de mim!...

CORO

Creio que tens razão, mulher, até para redobrar os teus ais, depois de ter sido privada hoje de um tão grande amigo.

TECMESSA

A ti só é dado imaginar isso; mas eu sinto-o profundamente.

CORO

Concordo contigo.

TECMESSA

Ai, meu filho! Que jugo da escravidão nos está iminente! A que vigilantes senhores vamos estar sujeitos!

CORO

Oh, dor! Tu mencionas o nefando porte dos dois Atridas insensíveis a esta desgraça! Oxalá um deus os afaste de ti!

TECMESSA

Não estaríamos nestes apertos, se não interviessem os deuses.

CORO

Eles impuseram-nos um fardo pesado de mais.

TECMESSA

Tal desgraça maquinou-a, por causa de Ulisses, a filha de Zeus, sem dúvida, a terrível deusa Palas.

CORO

Esse ousado herói há-de exultar em seu coração sinistro; há-de rir-se destas furiosas dores — ai! ai! — em estrídulas gargalhadas; e os dois Atridas hão-de rir-se com ele, quando souberem a notícia.

TECMESSA

Que se riam, que se alegrem com os males de Ájax. Se, quando vivo, não o viam com bons olhos, talvez, nos apuros da peleja, venham a lamentar a sua morte. Pois aqueles que são falhos de senso só apreciam o bem que tinham entre mãos quando são privados dele. Se a morte de Ájax é amarga para mim, pelo motivo que para os seus inimigos é doce [74], para ele próprio, pelo menos, foi agradável, porque conseguiu aquilo que desejava alcançar: teve a morte que quis. Porque o visarão com o seu riso escarninho? Ele morreu para satisfazer aos deuses, não aos seus inimigos. Por essa causa, pode Ulisses lançar sobre ele os seus insultos. Isso será baldado, porque Ájax já não existe para eles, mas para mim, a quem com a sua morte deixou aflições e lágrimas [75].

OS MESMOS E TEUCRO

TEUCRO
(fora da cena)

Ai de mim!... Oh, dor!...

CORO

Cala-te! Parece-me que oiço a voz de Teucro soltar lamentos relativos a esta desgraça.

TEUCRO
(entrando)

Ó meu caríssimo Ájax! Ó meu caro irmão! Chegou, então, o teu fim, como diz a fama?

CORO

O homem morreu, Teucro. Tem a certeza disso.

TEUCRO

Ai... Que sorte eu tenho, que me esmaga!...

CORO

Nestas circunstâncias...

TEUCRO

Ai, infeliz, ai desgraçado que eu sou!...

CORO

Tens razão para gemer.

TEUCRO

Oh, desgraça cruel!...

CORO

Demasiado cruel, Teucro!

TEUCRO

Oh, que infelicidade!... Que é feito do seu filho? Em que lugar de Tróia se encontra?

CORO

Ao pé das tendas, sozinho...

TEUCRO
(para Tecmessa)

Não o vais buscar imediatamente para aqui, a fim de que nenhum dos inimigos o arrebate, como cachorro de uma leoa que está privada do seu leão? Vai, corre, ajuda-nos! Todos gostam de zombar dos mortos [76] logo que jazem por terra. *(Tecmessa sai.)*

CORO

Ó Teucro, Ájax, quando ainda vivia, mandou que tivesses cuidado da criança, como agora fazes.

TEUCRO
(aproxima-se do cadáver)

Oh!... Eis o espectáculo mais doloroso de quantos contemplei com os meus olhos! O caminho que me trouxe aqui foi, de todos, o que mais afligiu o meu coração, desde o momento em que me lancei, apenas ouvi a notícia da tua morte, caríssimo

Ájax, a seguir o vestígio dos teus passos. Essa notícia de que tinhas morrido espalhou-se entre o exército dos Argivos tão velozmente como por obra de um deus. Eu, logo que a soube, comecei, infeliz, a chorar, apesar de ainda estar longe; e agora, que te vejo, mata-me a dor. Ai de mim!... *(Para um escravo.)* Vamos, descobre o cadáver, para que veja quão grande é a minha desgraça. Oh, visão horrível, obra de uma ousadia feroz! Quantas aflições, ó Ájax, me causa a tua morte! Para onde, para que homens poderei ir agora, eu, que nas tuas angústias não te prestei auxílio? Receber-me-á o nosso pai Telamão com rosto alegre e afavelmente, quando eu aparecer sem ti? Por certo, há-de ficar muito contente [77], ele, que nem nos dias felizes costuma ter um rosto mais alegre. De que maldições me não cobrirá, que injúrias não atirará contra mim — que sou o filho bastardo nascido de uma escrava tomada ao inimigo [78], que te traí, ó muito amado Ájax, por covardia e desumanidade, ou por astúcia até, tendo em vista herdar, após a tua morte, o teu poderio e o teu palácio! Tais despropósitos dirá o homem colérico, irritável com o peso dos anos, que por um nada entra a querelar.

Finalmente, serei expulso de casa e desterrado da pátria e tido por todos como escravo, não como homem livre [79]. Isto é o que me espera na pátria. Por outro lado, em Tróia os meus inimigos são numerosos e mesquinho o auxílio que possa obter. E tudo isto me sobrevém, por causa da tua morte.

Ai! Que devo eu fazer? Como te libertarei, infeliz, deste ferro cortante e luzidio, que foi o instrumento da tua morte? Não sabias antes que Heitor, depois de morto, devia, por fim, matar-te também? Considerai, pelos deuses, a sorte destes dois homens! Heitor, preso com o cinto, que recebera de Ájax, à orladura de um carro, foi dilacerado até perder a vida; e Ájax, por seu turno, a quem Heitor tinha dado esta prenda, pereceu por seu intermédio, em virtude de uma queda mortal. Não foi, porventura, a Erínia quem forjou esta espada, e o Hades, o artista

feroz que fabricou aquele cinto? Por isso, creio poder afirmar que são os deuses quem maquina contra os homens estas e todas as outras desgraças. Aquele a quem este parecer não agradar fique com a sua opinião, que eu fico com a minha.

CORO

Não prolongues mais o discurso. Pensa antes no modo de dar sepultura ao morto e nas palavras que terás de dizer em breve, pois vejo um inimigo, que vem, talvez, como um malvado, rir-se das nossas desgraças.

TEUCRO

Quem é esse guerreiro que vês caminhar para nós?

CORO

É Menelau, aquele por cuja causa fizemos esta viagem.

TEUCRO

Já o vejo. De perto não é difícil reconhecê-lo. *(Entra Menelau.)*

CORO, TEUCRO E MENELAU

MENELAU

Ó tu! Eu proíbo-te prestar as últimas honras a esse homem. Deixa-o ficar assim como está!

TEUCRO

Porque um tão grande desperdício de palavras?

MENELAU

Esta é a minha vontade e a vontade do comandante do exército.

TEUCRO

Não me poderias dizer o motivo de tal proibição?

MENELAU

É porque, julgando nós que trazíamos da pátria um aliado e um amigo dos Aqueus, descobrimos, em consequência de averiguações, que este homem era um inimigo pior do que os Frígios, o qual maquinou dar a morte a todo o exército e investiu, de noite, contra ele, a fim de executar com a espada o seu projecto sanguinário [80]. E, se um dos deuses não frustrasse esta tentativa, teríamos a sorte que ele teve e estaríamos hoje estendidos por terra, vítimas da mais vergonhosa das mortes, ao passo que o nosso adversário continuaria ainda vivo. Mas uma divindade desviou de nós o seu furor e fê-lo cair sobre os carneiros e sobre o gado. Por este motivo, nenhum homem tem tão grande poder que dê sepultura ao seu corpo; mas, arremessado sobre a fulva areia, será pasto das aves marinhas.

Não excites, portanto, uma cólera funesta! Se não pudemos dominar Ájax quando vivo, agora, que está morto, seremos dele senhores absolutos, ainda que tu não queiras; e o nosso braço obrigá-lo-á a obedecer, a ele que em vida nunca quis prestar ouvidos às palavras da nossa boca. É, na verdade, próprio de um mau cidadão não querer, como homem particular, sujeitar-se às autoridades. Jamais, com efeito, as leis serão bem observadas naquele Estado em que não reina o medo, nem tão-pouco um exército se conservaria em sábia disciplina sem o entrave do medo e do respeito. Um homem deve crer que, apesar de ser grande de corpo, um pequeno mal pode fazê-lo cair. Aquele, em cujo peito o medo e a vergonha dominam juntamente, fica sabendo que vai por bom caminho; o Estado, porém, onde a insolência reina e cada um faz o que quer, crê que, depois de navegar com vento próspero, se afundará finalmente [81].

Deixe-me eu, portanto, dominar pelo medo, segundo as circunstâncias; e não julguemos que, fazendo o que nos agrada, não teremos, depois, de sofrer aquilo que nos causa aflição. Tais coisas sobrevêm alternadamente. Este, primeiro, era um petulante fogoso; mas agora, por meu turno, o petulante sou eu. Por isso, digo-te que não enterres o morto, porque, caso o enterres, serás enterrado com ele.

CORO

Menelau, não tomes uma atitude insolente para com os mortos, depois de estabelecer tão sábios princípios.

TEUCRO

Eu, varões, não me admirarei jamais de que um homem de baixo nascimento erre, uma vez que os que se julgam de nobre origem aplicam erradamente princípios semelhantes.

Eia, voltemos ao princípio. Não afirmas tu que conduziste Ájax para Tróia, na qualidade de aliado dos Aqueus? Não navegaria então ele para cá por sua própria conta? Onde foste tu o seu chefe? Que direito te permite dominar sobre homens que ele conduziu da pátria? Tu vieste para aqui na qualidade de rei de Esparta, não como o nosso chefe; e nenhuma lei relativa ao comando te autoriza a dominar mais sobre Ájax do que Ájax sobre ti. Tu navegaste para Tróia como subalterno de outros, não como chefe de todo o exército, para poder dar-lhe ordens. Comanda, pois, aqueles que te estão subordinados e censura-os com as tuas palavras altivas, que a Ájax, quer tu quer outro dos comandantes mo recuseis, hei-de dar sepultura condigna, sem temer as palavras da tua boca. Pois não partiu na expedição, por causa da tua mulher, como aqueles que se metem em tudo [82]; foi por fidelidade ao juramento com o qual se obrigara [83], não por causa de ti, porque não dava importância a gente vil. Por esse motivo, podes chamar mais arautos para

aqui [84]. Venha até o comandante. Enquanto fores como és, não me importarei com o teu vão alarido.

CORO

Eu não gosto de uma tal linguagem, nem mesmo em quem é oprimido pela desgraça. As palavras ásperas, por muito justas que sejam, ofendem sempre.

MENELAU

O frecheiro parece não se ter em pouca conta.

TEUCRO

Não é vil a arte que exerço.

MENELAU

Grandemente te orgulharias se adquirisses um escudo.

TEUCRO

Mesmo sem ele, não te temerei, apesar de estares armado.

MENELAU

Não passa de altivez o teu formidável valor.

TEUCRO

Com a justiça por mim, é-me lícito ser altivo.

MENELAU

Seria conforme a justiça que fosse feliz o meu assassino?

TEUCRO

O teu assassino? É uma maravilha o que dizes: tu morreste e estás vivo!

MELENAU

Um deus salvou-me a vida; mas para Ájax estou morto.

TEUCRO

Não ultrajes os deuses, depois de te terem salvado!

MENELAU

Terei eu menosprezado as suas leis?

TEUCRO

Sim, se com a tua presença me impedes de enterrar os mortos.

MENELAU

Eu só recuso que enterres os meus inimigos. Seria uma vergonha deixar enterrá-los.

TEUCRO

Defrontou-te Ájax, na guerra, alguma vez, como inimigo [85]?

MENELAU

Ele odiava-me e eu odiava-o; e tu sabia-lo bem.

TEUCRO

Ele descobriu-te como um falsificador de votos [86].

MENELAU

A culpa foi dos juízes; eu não tive culpa.

TEUCRO

Tu deves às escondidas ter feito, ardilosamente, falcatrua.

MENELAU

Essa palavra ainda há-de causar aflição a alguém.

TEUCRO

Não maior, penso eu, do que a que hei-de fazer sofrer, depois.

MENELAU

Eu não te digo mais nada senão isto: não é permitido enterrar este morto.

TEUCRO

Escuta agora a resposta: este morto há-de ser enterrado.

MENELAU

Eu já vi um homem de língua atrevida que, em ocasião de tormenta, constrangeu os marinheiros a navegar, mas cuja voz não poderias ouvir, entre o furor da tempestade; e, envolvido no seu manto, deixava-se calcar pelos marinheiros que quisessem. Do mesmo modo, uma forte tempestade, a soprar de uma pequena nuvem, pode fazer emudecer depressa o alto clamor da tua boca arrogante.

TEUCRO

Eu também vi um homem que era todo loucura e se portava com insolência perante as desditas do seu próximo. Vendo-o,

depois, alguém parecido comigo e de carácter semelhante ao meu, falou-lhe deste modo: Ó *homem, não trates mal os mortos, porque, fazendo isso, sabe que incorrerás em castigo*. Assim admoestou alguém que estava presente àquele miserável. Eu tenho-o diante dos olhos, pois, como creio, não é outro senão tu. Falei enigmaticamente?

MENELAU

Vou-me, porque seria uma vergonha para mim se alguém soubesse que puno com palavras aquele que posso obrigar à força.

TEUCRO

Parte então! Para mim seria uma vergonha ainda maior escutar um tolo que diz apenas sandices. *(Menelau sai.)*

CORO, TEUCRO
E TECMESSA COM O FILHO

CORO

Esta grande discórdia vai ser origem de uma briga.

Eia, pois, Teucro, apressa-te quanto puderes e prepara uma cova onde Ájax possa ter um túmulo tenebroso [87], de perpétua memória, entre os mortais. *(Entra Tecmessa com o filho.)*

TEUCRO

Chegam em ocasião oportuna o filho e a mulher deste homem, a fim de prestarem as honras fúnebres ao infeliz.

Ó menino, vem cá, aproxima-te e toca no pai que te gerou! Assenta-te aqui, voltado para ele, numa atitude de quem pede, com os meus cabelos, os da tua mãe e os teus nas mãos — o único tesouro dos suplicantes [88]. E, se alguém do exército te quiser retirar à força da beira deste morto, que esse malvado, depois de ser expulso desta terra, não encontre na morte, igno-

miniosamente, um sepulcro! Toda a sua raça seja ceifada pela raiz, assim como eu corto esta madeixa. Toma-a, menino, e segura-a na mão! Que ninguém te demova daqui! Conserva-te assim prostrado de joelhos!

(Para o coro.) E vós permanecei a seu lado como homens, não como mulheres. Defendei-o até que eu volte e cuide de enterrar o morto, oponha-se a isso seja quem for. *(Sai.)*

CORO

Qual será o último desta série de anos de decurso sem fim[89], que de contínuo me traz a incessante desgraça das lides de guerra, pela vasta Tróia — opróbrio triste para os Gregos?

Oxalá se sumisse no éter imenso ou no Hades, que a todos recebe, o homem[90] que fez conhecer aos Gregos o flagelo mútuo das armas odiosas!

Oh, trabalhos, origem de trabalhos!... Aos homens ele causou a ruína!

O miserável não me deixou gozar do prazer das coroas e das profundas taças, nem do som doce das flautas, nem da delícia do sono nocturno.

Aos amores — ai de mim! —, aos amores pôs um termo; e jazo agora ao abandono, a coma sempre molhada pelos orvalhos contínuos, como lembrança desta Tróia funesta.

Contra os medos nocturnos e contra os dardos era para mim antes o intrépido Ájax um baluarte; mas hoje foi vítima de um cruel destino.

Que felicidade poderei ter ainda, no futuro?

Quem me dera estar no nemoroso cabo, sobranceiro ao mar, que as ondas beijam, ao pé do elevado planalto do Súnio[91],

para enviar daí as minhas saudações à sagrada cidade de Atenas! *(Entra Teucro.)*

TEUCRO

Apressei o passo, porque vi Agamémnone, o chefe do exército, a caminhar para este lado. Por certo, vai dar rédeas à sua língua maliciosa. *(Entra Agamémnone.)*

OS MESMOS E AGAMÉMNONE

AGAMÉMNONE

Atreveste-te, segundo me dizem, a abrir a boca para lançar, impunemente, contra mim palavras infames? Sim, tu, o filho da escrava, quero eu dizer. Certamente, se fosses filho de uma mãe nobre, assumirias ares de fanfarrão e caminharias na ponta dos pés; mas, visto não seres nada, tomas a defesa de um nada [92] e juras solenemente que nós não viemos para Tróia na qualidade de generais e de almirantes dos Gregos nem de ti próprio; e afirmas que Ájax veio para cá como chefe de si mesmo [93]. Não será uma vergonha sem igual ouvir tais ultrajes da boca de um escravo? Que homem é esse, por cuja causa vociferas com tanta altivez? Por onde andou ele ou em que lugar esteve em que eu não estivesse também? Não têm os Aqueus guerreiros, a não ser Ájax? Foi, por certo, um concurso nefasto aquele que, um dia, propusemos aos Aqueus, acerca das armas de Aquiles, se, por causa de um Teucro, devêssemos passar agora, em toda a parte, por covardes; ao passo que vós não só não vos quereis sujeitar à sentença da maioria dos juízes, depois de derrotados, mas até nos cobris de ultrajes ou nos dais ferroadas traiçoeiras, pelo facto de terdes ficado vencidos. Deste modo, nenhuma lei teria jamais estabilidade, se devêssemos repelir os que justamente são vencedores e colocar na dianteira os da retaguarda. Isto deve excluir-se, porque não são os homens

corpulentos e de espáduas largas quem merece mais confiança; os sensatos, esses é que triunfam por toda a parte. Um boi de grande costado obedece a um pequeno flagelo e caminha direito pela estrada. Para ti eu vejo aproximar-se o remédio, o qual, caso não ganhes juízo, dentro em breve te será aplicado, a ti que, por causa daquele que não mais é homem, mas apenas uma sombra, te atreves a ser insolente e a falar tão desenfreadamente. Não queres ser sensato? Não quererás, reconhecendo a tua origem, trazer para aqui um homem livre, o qual, em teu nome, defenda perante nós a tua causa? Pois, falando tu, não te poderei compreender; eu não compreendo uma língua bárbara [94].

CORO

Oxalá vós ambos fôsseis dotados de uma mente sensata! Este é o melhor conselho que tenho a dar-vos.

TEUCRO

Oh, como se esvai depressa entre os mortais a gratidão devida a este morto e se transmuda em traição, visto nem sequer este homem, ó Ájax, querer dizer a mínima palavra em memória de ti, pelo qual expuseste tantas vezes a vida, nas duras lidas da guerra! Já se dissipou tudo, levado pelos ventos!

Ó tu, que acabas de proferir tantos e tão loucos discursos, não te lembras mais de que foi este, quando vós, um dia, estáveis encerrados no acampamento, prestes a morrer, quem, avançando só, vos salvou da derrota, no momento em que o fogo, ardendo em volta dos navios, ameaçava já, no alto, os bancos dos remadores, ao mesmo tempo que Heitor, transposto o fosso com um salto, se lançava contra a frota [95]? Quem vos valeu então? Não foi este o autor da proeza, de quem afirmas não ter posto o pé em nenhuma parte onde tu não o tivesses posto? Não fez ele isto por vós, como era justo [96]?

E quando, noutra ocasião, Ájax se bateu só com Heitor, escolhido para isso pela sorte, não obrigado, depois de ter posto no elmo de belo penacho, não uma sorte fugaz, um torrão húmido, mas aquela que devesse ser a primeira a sair para fora num leve salto [97]? Ele fez isto e eu, o escravo nascido de uma mãe bárbara, estava ao seu lado. Infeliz!... Que tens tu em vista, ao falar dessa maneira? Não sabes que o antigo Pélope era um bárbaro da Frígia, que foi pai do teu pai [98]? Não sabes também que o teu pai Atreu, esse impiíssimo homem, ofereceu a seu irmão um banquete com as carnes dos seus filhos [99]?

E tu nasceste de uma cretense, cujo amante, surpreendido com ela nos braços, o teu pai lançou como pasto aos mudos peixes [100]. Ora, tendo tu uma tal ascendência, vens ultrajar a origem de um homem como eu? O meu pai é Telamão, que, depois de obter no exército o primeiro prémio, por sua bravura, tomou por esposa a minha mãe, rainha de nascença, por ser filha de Laomedonte, a qual fora dada a meu pai pelo filho de Alcmena [101], como um insigne dom.

Tão ilustre como eu sou, filho de tão ilustre par, iria permitir que os do meu sangue fossem desonrados, os quais, prostrados em terra por tamanha desgraça, tu pretendes deixar insepultos? E não tens vergonha de o dizer? Tem a certeza de que, se lançardes este cadáver ao monturo, lançareis a nós três juntamente com ele, pois é mais glorioso para mim morrer combatendo por Ájax do que pela tua mulher (pela do teu irmão, digo eu)[102]. Atende, portanto, não ao meu interesse, mas ao teu, porque, se me maltratares, virá tempo em que desejarás ter sido antes covarde do que ousado para comigo. *(Entra Ulisses.)*

OS MESMOS E ULISSES

CORO

Tu chegas, rei Ulisses, em ocasião oportuna, caso a tua presença não venha agravar a querela, mas apaziguá-la.

ULISSES

Ó homens, que é isso? De longe chegou-me aos ouvidos a gritaria dos Atridas, acerca do cadáver deste herói.

AGAMÉMNONE

Não acabamos nós de ouvir, ó rei Ulisses, as palavras mais infamantes da boca deste homem?

ULISSES

Quais? Eu perdoo ao homem que, recebendo ultrajes, paga com ultrajes.

AGAMÉMNONE

Ele ouviu palavras infamantes, porque me tratou como infame.

ULISSES

E que fez ele que te pudesse causar agravo?

AGAMÉMNONE

Diz que não permitirá que este cadáver seja privado de sepultura; mas que o há-de enterrar, mau grado meu.

ULISSES

Pode o amigo que te é franco contar com a tua amizade não menos do que antes?

AGAMÉMNONE

Fala! Aliás, não seria sensato, pois considero-te o meu maior amigo, entre os Argivos.

ULISSES

Então escuta! Não ouses, pelos deuses, lançar desapiedadamente ao monturo este homem que vês aqui; nem te leve a violência, de modo algum, a odiá-lo até ao extremo de pisares aos pés o direito. Ele foi também o maior inimigo que tive no exército, desde aquele dia em que me apoderei das armas de Aquiles; mas, não obstante isso, não lhe pagaria o ódio, não recusaria ver nele o guerreiro mais valente dos Argivos, que vieram para Tróia, excepto Aquiles. Por isso, não seria justo infligir-lhe uma afronta; não o ofenderias a ele, mas as leis divinas. Não te é lícito maltratar um homem valente depois de morto, nem mesmo que lhe tenhas ódio.

AGAMÉMNONE

Combates, então, Ulisses, a favor dele contra mim?

ULISSES

Sim. Eu odiei-o, mas quando era honesto odiá-lo.

AGAMÉMNONE

Não deves, então, calcar também o morto aos pés?

ULISSES

Não te alegres, Atrida, com vantagens que não dão glória alguma [103].

AGAMÉMNONE

Não é fácil a um rei nutrir sentimentos piedosos.

ULISSES

Mas, certamente, dar apreço aos conselhos dos amigos.

AGAMÉMNONE

O homem honesto deve obedecer às autoridades.

ULISSES

Não fales assim! Cedendo aos amigos, tu continuas a ser rei.

AGAMÉMNONE

Lembra-te do carácter que teve este homem a quem prestas esse favor.

ULISSES

Era meu inimigo, mas tinha um carácter nobre.

AGAMÉMNONE

Que farás então? Respeitas assim a um inimigo morto?

ULISSES

Para mim o mérito dele é muito superior ao ódio.

AGAMÉMNONE

Homens de uma tal índole passam por volúveis, entre os mortais.

ULISSES

Na verdade, muitos são hoje amigos que amanhã serão inimigos.

AGAMÉMNONE

Aconselhas tu a aquisição de amigos semelhantes?

ULISSES

Eu não tenho o costume de louvar um ânimo inflexível.

AGAMÉMNONE

Quererás que nós hoje pareçamos covardes?

ULISSES

Pelo contrário: justos aos olhos de todos os Gregos.

AGAMÉMNONE

Exortas-me, portanto, a que deixe enterrar o morto?

ULISSES

Sim. Eu próprio hei-de chegar também, um dia, a este termo [104].

AGAMÉMNONE

É sempre a mesma coisa: todo o homem trabalha em seu próprio interesse.

ULISSES

E para quem devo trabalhar mais do que para mim próprio?

AGAMÉMNONE

Portanto, a decisão que tomares será da tua responsabilidade, não da minha.

ULISSES

Tu, de qualquer modo que procedas, serás, em toda a parte, um homem honrado.

AGAMÉMNONE

Pois bem! Fica ciente de que eu conceder-te-ia um favor ainda

maior; mas, quanto a Ájax, vivo ou morto, será o meu maior inimigo. Podes proceder conforme os teus desejos. *(Sai.)*

CORO

Ó Ulisses, quem afirmar que tu, sendo dotado de tais sentimentos, não possuis uma alma sábia, esse homem é um louco.

ULISSES

E agora declaro a Teucro: quanto Ájax era meu inimigo antes, tanto, desde este momento, serei seu amigo. Quero ajudar-te a enterrar o seu cadáver, tomar contigo parte nesse trabalho e não omitir nada daquilo que os mortais devem fazer pelos heróis mais valentes.

TEUCRO

Eu só tenho, ó óptimo Ulisses, a tecer-te os mais altos louvores pela tua linguagem, que desmentiu toda a minha expectativa. Pois, apesar de seres, entre os Argivos, o maior inimigo de Ájax, só tu vieste em seu auxílio e não consentiste, tu, que ainda estás vivo, que ao seu corpo fosse infligido o aviltante ultraje de ser privado de sepultura e de ser lançado ao monturo, como pretendia o general, que apareceu aqui, como um louco, com esse intuito, assim como o seu irmão.

Oxalá o pai que reina sobre este Olimpo [105], a Erínia, que não esquece [106], e a Justiça, que dá a sentença decisiva, façam perecer miseravelmente os dois miseráveis, tal como eles queriam lançar este herói, de uma maneira indigna e ultrajante, ao monturo!

Quanto a ti, ó filho do velho Laertes, eu receio que seja desagradável ao defunto deixar-te imiscuir neste enterro [107]. Em tudo o demais aceito os teus serviços; e, se quiseres convidar alguém do exército, para nos ajudar a transportar o morto,

isso dar-nos-ia prazer. Tudo, porém, quanto é da minha obrigação eu próprio o executarei; e tu fica sabendo que nós te consideramos um varão nobre.

ULISSES

Eu gostaria de ajudar-te; mas, se os meus serviços não te são agradáveis, ir-me-ei, conforme o teu desejo. *(Sai.)*

TEUCRO

Basta! Já se perdeu muito tempo. Cavai depressa uma cova funda; vós ponde uma trípode de altas pernas ao fogo, destinada às abluções sagradas; e alguns homens, enfim, vão buscar à tenda a armadura que Ájax usava por debaixo do escudo. Mas tu, filho, cinge com delicadeza, quanto o braço puder, o corpo do teu pai, de cujas veias ainda quentes brota sangue negro, e ajuda-me a levantá-lo. Eia, todos aqueles aqui presentes, que afirmam serem amigos de Ájax, que se apressem, que venham prestar os seus serviços a este valente sem igual, pois entre os mortais ainda não apareceu nenhum homem superior a ele [108]. [A Ájax me refiro eu, quando era vivo [109].]

CORO

Muitas coisas, sem dúvida, podem conhecer os homens, por tê-las visto; mas ninguém adivinha o que no futuro sucederá, sem o ver primeiro.

(Sai o préstito fúnebre)

ELECTRA

PERSONAGENS

Preceptor
Orestes
Electra
Pílades
Crisótemis
Clitemnestra
Egisto
Coro das donzelas da região

A cena passa-se na acrópole de Micenas,
diante do palácio de Agamémnone

PRECEPTOR E ORESTES
(acompanhados de Pílades)

PRECEPTOR

Ó filho de Agamémnone, do general que comandou, outrora, o exército aqueu diante de Tróia, podes contemplar agora com os teus próprios olhos os lugares que de contínuo foram o objecto dos teus desejos. Eis à tua frente a vetusta Argólida, pela qual suspiravas, a terra consagrada à filha de Ínaco, a quem um tabão perseguiu [1]. Esta praça, Orestes, é a praça Lícia, dedicada ao deus que matou o lobo [2]; e à esquerda, além, está o templo ilustre de Hera [3]. Deste ponto, a que chegamos, acredita, já contemplas com os teus olhos Micenas, rica em oiro, e o palácio sanguinolento dos Pelópidas [4], onde outrora, após o assassínio do teu pai, te recebi das mãos de uma tua consanguínea — da tua irmã. Daqui levei-te, são e salvo, e nutri-te até à idade viril, para vingares, um dia, a morte do teu pai.

Agora, Orestes, e tu, Pílades, o mais querido dos hóspedes, decidi, sem demora, o que vos importa fazer, porque o brilhante clarão do Sol já desperta as vozes argênteas das aves madrugadoras e faz recuar as sombras da noite estrelada. Antes que alguém saia do palácio, combinai o vosso plano, porquanto o ponto a que chegamos já não permite hesitações; é o momento preciso de pôr mãos à obra.

ORESTES

Tu, ó mais querido dos meus servos, como me dás provas evidentes da tua dedicação! Como um cavalo de boa raça, apesar de velho, não perde nos perigos o seu ardor, antes põe as orelhas em riste, assim tu nos incitas o ânimo e segues até na van-

guarda. Por isso, vou revelar-te os meus projectos. Tu presta ouvido atento às minhas palavras; e, se o que falar não vier a propósito, corrige-me.

Quando fui consultar o oráculo pítico, a fim de saber de que modo me poderia vingar dos assassinos do meu pai, Febo respondeu-me o que vais ouvir: *só, desprovido de escudo e desacompanhado de exército, dá-lhes, secreta e ardilosamente, morte justa com o teu braço.*

Visto ser tal o oráculo que ouvi, vai e, quando for oportuno, entra nesse palácio e informa-te de tudo quanto aí se passa, para que, uma vez informado, no-lo anuncies com toda a exactidão. Não é para temer que, devido à tua avançada idade e após tão longo tempo, te reconheçam; nem suspeitarão quem tu és, assim encanecido como estás.

Fala deste modo: que és um estrangeiro da Fócida, vindo da parte de Fanoteu, o mais estimado dos seus hóspedes; e dá sob juramento a notícia de que Orestes morreu, por um acidente fatal: de que rolou do carro em que corria nos jogos píticos [5]. Seja esta a tua linguagem. Nós, entretanto, vamos, segundo a ordem de Apolo, fazer, primeiro, libações ao túmulo do meu pai e enfeitá-lo com cabelo cortado da minha cabeça; em seguida, regressaremos com uma urna de bronze nas mãos, que eu escondi, como sabes, entre os arbustos. Quero dar-lhes, com palavras fingidas, a alegre notícia de que o meu corpo, queimado pelo fogo e reduzido a cinzas, já não existe.

Que razão tenho para me afligir, se, apesar de morto por palavras, de facto vivo e me cubro de glória? Penso que nenhuma palavra é má, quando traz proveito consigo, pois já vi muitas vezes morrer debalde, por palavras, até homens sábios, e depois, quando regressaram de novo a sua casa, serem honrados ainda mais do que antes [6]. Assim também eu confio em que, após esta notícia, hei-de brilhar, um dia, vivo, como um astro, em face dos meus inimigos.

Ó terra dos meus pais, e vós, deuses da minha pátria, dai-me

propício acolhimento, neste meu regresso! E tu, ó palácio dos meus avoengos, que eu venho com razão [7] purificar, suscitado pelos deuses, não me reenvies desta terra coberto de ignomínia, mas deixa-me, como senhor das minhas riquezas hereditárias, restaurar a minha casa. Disse o que tinha a dizer.

A ti, ancião, importa ir agora executar o teu papel. Quanto a nós, retiramo-nos. A ocasião é oportuna; não existe melhor auxiliadora das empresas humanas do que ela.

ELECTRA

(no interior do palácio)

Ai de mim! Ai de mim, infeliz!...

PRECEPTOR

Pareceu-me ouvir, filho, uma das criadas gemer, dentro do palácio.

ORESTES

Não será a mísera Electra? Queres que fiquemos aqui ainda e que escutemos os seus gemidos?

PRECEPTOR

De modo algum. Não tentemos nenhuma acção, sem cumprir, primeiro, as ordens de Lóxias [8]. Executemo-las antes de tudo, começando pelas libações devidas a teu pai, porque isto dá-nos a vitória e um feliz êxito à nossa empresa. *(Afastam-se.)*

ELECTRA E CORO

ELECTRA

(sai do palácio)

Ó luz sagrada, e tu, ar, irmão gémeo da Terra, quantas vezes ouvistes os meus trenos, quantas vezes o eco dos golpes, que

me deixam o peito a escorrer sangue, à hora em que a noite escura se retira!

Das minhas vigílias nocturnas é testemunha o meu leito mísero, dentro desta desgraçada casa.

Ele sabe as lágrimas que chorei pelo meu desditoso pai, que, em terras bárbaras, o sanguinolento Ares não acolheu, e a quem a mãe e o seu amante Egisto fenderam a cabeça com homicida acha, como os lenhadores fendem um carvalho.

E ninguém, além de mim, soltou um lamento por ti, ó pai, assim morto tão iníqua e miseravelmente!

Pois bem! Não deixarei os meus lamentos, nem as tristes queixas, enquanto vir o clarão vivo das estrelas e esta luz do dia.

Às portas do palácio paterno, como a filomela privada dos filhinhos, eu farei ouvir a todos os queixumes da minha voz.

Ó casa do Hades e de Perséfona, ó Hermes subterrâneo, ó Imprecação augusta [9], e vós Erínias, severas filhas dos deuses, que vedes os que sofrem injusta morte e os leitos poluídos secretamente, vinde em meu socorro!

Do meu pai vingai o assassínio e enviai-me o meu irmão, pois já não posso sozinha contrapesar o fardo da dor [10].

CORO

Ó filha da mais infeliz das mães, ó Electra, porque de contínuo te consomes com uma dor sem fim por Agamémnone, que a tua pérfida mãe prendeu, um dia, com os ardis mais ímpios e entregou a mão covarde? Oxalá pereça o autor do crime, se posso assim falar!

ELECTRA

Vós, filhas de uma nobre estirpe, vindes aliviar-me dos meus trabalhos.

Eu sei e compreendo isso bem; para mim é claro; não obstante, não quero recusar as lágrimas ao meu desditoso pai.
Vós, que me dedicais uma amizade multifária, deixai-me ser louca, ai, ai, eu vos suplico!...

CORO

Mas com lamentos ou preces não poderás tirar o pai do lago comum do Hades.
Não; antes perecerás, sempre a gemer, passando de uma dor moderada a uma sem fim, sem encontrar remédio aos teus males.
Porque desejar tão intolerável sorte?

ELECTRA

Louco, quem esquece os pais, vítimas de uma desditosa morte!
Quanto a mim, simpatizo com a mensageira de Zeus, com a ave que, louca de dor, se lamenta, repetindo: Ítis!... Ítis [11]!...
A ti, misérrima Níobe, considero-te uma deusa, que no sepulcro da rocha, ai, te desfazes em lágrimas [12]!

CORO

Não foi só a ti, filha, que, entre os mortais, se revelou a dor, pela qual te afliges mais do que as do teu sangue, que vivem ali dentro — Crisótemis e Ifianassa [13] —, bem como o que geme na juventude, ao longe [14]. Mas este voltará, felizmente, um dia, à terra gloriosa de Micenas, pela conduta benévola de Zeus, e a pátria recebê-lo-á — Orestes.

ELECTRA

A ele não me canso de esperar, nesta vida infeliz de solteira e sem filhos; e consumo-me [15], sempre debulhada em lágrimas, os meus males a lamentar, debalde.

Mas ele esqueceu os meus favores e os ensinos que lhe dei.
Que mensagem não ilusória me envia Orestes?
Sempre deseja o regresso; não obstante isso, não se digna aparecer.

CORO

Ânimo, filha! Ânimo! O grande Zeus está ainda no céu, donde vê todas as coisas e as governa.
Deixa a ele a ira que te faz sofrer demasiado, e não odeies de mais aos inimigos, nem os esqueças! O tempo é um deus rico em recursos; e o filho de Agamémnone, que habita nas margens pascigosas de Crisa [16], não descuidará o que lhe importa, nem o deus que reina junto do Aqueronte.

ELECTRA

Sim; mas grande parte da vida passei-a já, iludida nas minhas esperanças.
Agora não posso mais. Órfã, a definhar, sem um esposo querido que me proteja e como pessoa estranha e desprezível, sirvo no palácio do pai, onde, com este traje vil, circulo em volta de mesas vazias [17].

CORO

Uma voz dolorida soou no regresso, um grito de dor vindo do leito do pai, quando o golpe assassino do éneo machado o atingiu. O dolo forjou o crime, a lascívia executou esse monstro horrível gerado por eles, que nem sei se foi obra de um deus ou se teve mortais por autor.

ELECTRA

Ó dia mais execrável de quantos vivi! Ó noite, ó dor horrível daquele banquete nefando, em que o meu pai recebeu uma morte infame de um duplo braço!...

Ele roubou-me, à traição, a vida e precipitou-me na ruína.
Quem dera que o grande Zeus olímpico os fizesse sofrer vingativas penas e não os deixasse jamais gozar da glória, depois de cometerem tais crimes!

CORO

Reflecte e refreia a língua! Não percebes que, após as desgraças actuais, te precipitas, vergonhosamente, em desgraças que não são tuas [18]? Tu atraíste sobre ti muitos males com o teu humor impaciente, que de contínuo engendra rixas.
Não te aproximes dos poderosos com litígios [19]!

ELECTRA

Sou obrigada a isso pela desdita, pelos meus males. Compreendo, não desconheço o meu mau humor; contudo, na minha aflição, não reprimirei estes transportes de louca [20], enquanto me durar a vida.
De quem, caras donzelas, de quem, dotado de sensatez [21], poderia ouvir um conselho salutar?
Deixai-me, deixai-me, consoladoras minhas!
Esta dor será proclamada sem remédio, pois nunca cessarão os meus ais, nem se estancarão as minhas lágrimas.

CORO

Eu, como uma mãe fiel, digo-te, por te querer bem, que de desgraças não geres desgraças!

ELECTRA

Qual a medida da minha dor? Dize-me: será um bem descurar os mortos? E de qual dos homens nasceu essa ideia?
Não seja jamais honrada por eles, nem, se me ligasse a um nobre varão [22], viva em paz na sua companhia, caso, ingrata ao meu pai, tolha o voo aos meus lamentos sonoros!

Pois, se o morto infeliz jazesse na terra, reduzido a nada, sem que outros, por seu turno, o vingassem, desvanecer-se-ia, então, o respeito e a piedade devida a todos os homens.

CORO

Eu vim, ó filha, zelosa do teu e do meu bem; mas, se não falo com acerto, então é tua a vitória e seguiremos o teu parecer.

ELECTRA

Eu tenho pejo, ó donzelas, de vos parecer sobremaneira desanimada, por causa das minhas lamentações contínuas. Perdoai-me! A violência da aflição obriga-me a portar-me desta maneira.

Como é que uma mulher nobre poderia ter outro porte, vendo os infortúnios paternos, os quais, a meus olhos, tomam de contínuo, de dia e de noite, cada vez maior vulto, em vez de diminuírem? Primeiro, as desavenças com a mãe que me deu à luz atingiram o auge; depois, vivo, em casa, na companhia dos assassinos do meu pai e estou às suas ordens, dos quais depende que me seja dada ou recusada alguma coisa. Imaginai, em seguida, que dias não passo eu, quando vejo Egisto assentado no trono do meu pai, usar os mesmos vestidos que ele e fazer libações junto ao lar, no sítio onde o matou!

Mas a insolência das insolências é ver o assassino no leito do meu pai, ao lado da minha desgraçada mãe, se tal nome merece aquela que é a sua concubina! E ela tem a ousadia de viver com esse malvado, sem temer Erínia alguma; pelo contrário, como que alegrando-se do que fez, no dia em que o meu pai foi morto traiçoeiramente, organiza danças e oferece sacrifícios mensais de ovelhas e cabras em honra dos deuses salvadores. Eu, infeliz, vendo isto, consumo-me, no meu aposento, a chorar; e aflijo-me, por causa deste miserável festim, a que dão o nome do meu pai [23]. Choro só comigo, porque nem sequer me é

permitido chorar quanto o meu coração exige; porquanto ela, a mulher de nobre linguagem [24], invectiva-me, gritando estas insolências: *Ó monstro abominável aos deuses, foi só a ti que morreu o pai? Entre os mortais, não está mais ninguém de luto? Oxalá tu morras de uma morte desgraçada e os deuses infernais não ponham termo às tuas lamúrias presentes!* Tais são as suas invectivas.

Além disso, quando ouve a alguém dizer que Orestes virá, um dia, então fica furiosa e, aproximando-se de mim, vocifera: *Não és tu a culpada? Não é tudo isto obra tua, pois me tiraste Orestes das mãos, para o ires esconder em lugar seguro? Mas sabe que hás-de receber paga condigna.* Assim uiva ela, ao mesmo tempo que, ao lado, o seu ínclito esposo não cessa de a incitar, essa cobardia em pessoa, esse monstro de maldade, que só faz guerra quando tem as mulheres por aliadas [25].

Entretanto, eu, infeliz, consumo-me, sempre à espera de que Orestes venha libertar-me desta situação; mas ele não acaba de chegar e fez já ruir todas as minhas esperanças, tanto as presentes como as que pudesse vir a ter. Nestas circunstâncias, amigas, não posso ser sensata nem respeitosa para com os deuses. Como vivo entre maus, sou arrastada fortemente para o mal [26].

CORO

Dize-me: enquanto falas assim connosco, encontra-se Egisto no palácio, ou ausentou-se?

ELECTRA

Ausentou-se, com certeza. Não penses que eu sairia para fora de casa, se ele estivesse perto daqui. Encontra-se, neste momento, nos campos.

CORO

Sendo assim, poderei conversar contigo mais à vontade.

ELECTRA

Aproveita a sua ausência, para me interrogar sobre o que te aprouver.

CORO

Eis, pois, o que inquiro de ti: Que dizes do teu irmão? Há-de vir, de facto, ou retarda apenas a sua vinda? Desejava saber isto.

ELECTRA

Ele afirma que virá; mas ainda não comprovou o que diz.

CORO

Hesitar é próprio do homem que tem em vista uma grande empresa.

ELECTRA

Mas eu salvei-lhe a vida sem hesitações.

CORO

Ânimo! Ele tem um carácter nobre e há-de socorrer os que ama.

ELECTRA

Assim o espero; aliás, teria deixado de viver, há muito.

CORO

Cala-te, que vejo sair do palácio a tua irmã Crisótemis, filha do mesmo pai e da mesma mãe que tu, com oferendas fúnebres nas mãos, que é costume oferecer aos mortos. *(Crisótemis assoma à porta do palácio.)*

OS MESMOS E CRISÓTEMIS

CRISÓTEMIS

Que conversa é essa, minha irmã, que vieste travar adiante das portas do vestíbulo? Após tanto tempo, teimas ainda em não aprender que é vã essa cólera, a que te entregas? Sem embargo, de uma coisa estou certa: é que as circunstâncias presentes também a mim me afligem; e, se tivesse ânimo, revelaria aos senhores quais as minhas disposições para com eles. Parece-me, porém, que, entre as actuais desditas, a prudência aconselha a navegar com as velas amainadas, sem dar a perceber que empreendo alguma acção e sem agravar ninguém [27]. Desejaria que te portasses também deste modo. Se bem que a justiça não está no que eu digo, mas no que tu pensas, todavia, se devo viver em liberdade, importa-me obedecer em tudo a quem manda.

ELECTRA

É extraordinário que te esqueças daquele de quem és filha e só te preocupes com a mãe. Todas essas admoestações foram-te ensinadas por ela e nada dizes da tua própria cabeça. Destas duas alternativas, escolhe, pois, uma: ser louca ou, no caso contrário, esquecida dos entes queridos. Porquanto acabaste de dizer que, se tivesses ânimo, mostrarias aos senhores o teu ódio; mas, procurando eu vingar o pai, não cooperas comigo e pretendes até dissuadir-me de o fazer. Não é isto ajuntar a cobardia aos males presentes? Ensina-me, pois — tu devê-lo-ias, antes, aprender de mim —, qual seria o meu ganho, se pusesse termo às minhas lamentações. Não estou eu ainda viva? Sim, vivo, e miseravelmente, bem o sei; mas isso a mim basta-me, e a eles atormento-os, prestando assim honras ao morto, na suposição de que, lá em baixo, isto lhe pode agradar [28].

Quanto a ti, odeias, mas só com palavras, pois, de facto, vives

com os assassinos do pai, a quem nunca me sujeitaria, ainda que me concedessem as regalias, devido às quais tu vives na opulência. Que a tua mesa seja lauta e que a vida te decorra na abundância! Não criar aflições a mim própria, esse seja o único alimento para mim [29]. Não desejo adquirir os privilégios de que gozas; e tu própria, se fosses sensata, não os desejarias. Por isso, em vez de te chamares filha do mais ilustre dos pais, como te era permitido, denomina-te filha de Clitemnestra; assim aparecerás perante a maioria dos homens como uma má filha, que traiu o seu falecido pai e os entes queridos.

CORO

Não vos encolerizeis, pelos deuses! Nas vossas palavras pode haver proveito para ambas: para ti, se souberes utilizar as desta, e para esta, se, por seu turno, souber utilizar as tuas.

CRISÓTEMIS

Ó mulheres, eu já estou acostumada a ouvir a sua linguagem e não teria feito menção de nada, se não ouvisse dizer que uma grande desgraça impende sobre ela, que porá fim aos seus eternos lamentos.

ELECTRA

Vamos! Revela-me essa desgraça terrível, porque, se for maior do que as presentes, não te contradirei mais.

CRISÓTEMIS

Está bem! Nesse caso, vou declarar-te tudo quanto sei. Eles tencionam, se não cessas as tuas lamentações, enviar-te para um lugar onde jamais verás a luz do Sol; e, encerrada viva, num antro abobadado, longe desta terra, aí chorarás as tuas desditas. Por isso, reflecte e não lances, mais tarde, as culpas

sobre mim, quando te sobrevier a desgraça. Tens tempo ainda para ganhar juízo.

ELECTRA

Eles têm, com certeza, deliberado fazer-me isso?

CRISÓTEMIS

Sem dúvida; apenas Egisto regresse ao palácio.

ELECTRA

Pois bem! Então, que regresse depressa.

CRISÓTEMIS

Que imprecação é essa, infeliz, que acabas de pronunciar?

ELECTRA

Que venha, se tenciona fazer o que dizes!

CRISÓTEMIS

Por que mal suspiras tu? Onde tens o juízo?

ELECTRA

Eu desejo estar o mais longe possível de vós.

CRISÓTEMIS

A vida presente é para ti como se nada fosse?

ELECTRA

Para mim é bela, admiravelmente bela!

CRISÓTEMIS

Sê-lo-ia, na verdade, se soubesses ser sensata.

ELECTRA

Não me ensines a ser infiel aos que eu amo!

CRISÓTEMIS

Nada mais te ensino do que a ceder aos que mandam em ti.

ELECTRA

Lisonjeia-os dessa maneira! A tua linguagem não se coaduna com o meu carácter.

CRISÓTEMIS

É bom, contudo, que não nos arruinemos por imprudência.

ELECTRA

Para vingar o pai, lançar-me-ia na ruína, se isso fosse preciso.

CRISÓTEMIS

O pai perdoa-nos, com certeza.

ELECTRA

Só os imbecis aplaudem essas razões.

CRISÓTEMIS

Não queres convencer-te e concordar comigo?

ELECTRA

De modo algum. Oxalá nunca seja tão louca!

CRISÓTEMIS

Continuarei o caminho para onde eu ia.

ELECTRA

Para onde vais tu? A quem levas essas oferendas?

CRISÓMETIS

A mãe mandou-me ir fazer libações ao túmulo do pai.

ELECTRA

Que dizes? Àquele, dentre os homens, que mais detesta?

CRISÓTEMIS

Que ela matou, queres tu dizer.

ELECTRA

Que pessoa amiga a aconselhou? A quem aprouve isso?

CRISÓTEMIS

A causa foi, creio eu, um pavor nocturno.

ELECTRA

Ó deuses dos meus antepassados, vinde, nesta hora, em meu socorro!

CRISÓTEMIS

O pavor que sobreveio à mãe traz-te algum alento [30]?

ELECTRA

Se me disseres que sonho ela teve, nesse caso responder-te-ei.

CRISÓTEMIS

Reduz-se a pouca coisa o que te posso contar.

ELECTRA

Bom! Conta-me esse pouco. Breves palavras já têm, muitas vezes, prostrado ou erguido de novo os mortais.

CRISÓTEMIS

Consta que vira na sua presença o pai de nós ambas, de regresso de novo ao mundo, e que ele, tomando o ceptro, que usava outrora e que, presentemente, Egisto usa, o plantou no lar, do qual cresceu um virente ramo que ensombrou toda a terra dos Micénios. Foi isto o que ouvi contar a alguém que estava presente, quando a mãe narrava ao Sol o sonho que tivera [31]. E não sei mais nada, a não ser que ela, amedrontada com este sonho, me enviara aonde agora vou.

[Pelos deuses dos nossos antepassados, rogo-te que cedas aos meus conselhos e não te deites a perder por loucura! Se não me escutas agora, virás ter comigo mais tarde, oprimida pela desgraça [32].]

ELECTRA

Olha, cara irmã, essas oferendas que levas nas mãos não as deponhas no túmulo, pois não é lícito nem pio depor oferendas ou fazer libações sobre o túmulo do pai em nome da mulher que é a sua inimiga. Lança antes isso aos ventos ou esconde-o nas profundezas da terra, onde nunca possa atingir o túmulo do pai; e fique aí, como prenda, reservada para ela, quando morrer. Se não fosse a mais desavergonhada de todas as mulheres, não faria jamais estas libações abomináveis àquele que matou. Considera um pouco! Parece-te que o morto há-de receber no seu túmulo, com agrado, estas oferendas de quem, depois de o matar ignominiosamente, o trucidou como a um inimigo [33]

e, à guisa de purificação, limpou as manchas do sangue à cabeça da sua vítima [34]?

Julgas, porventura, que essas oferendas podem absolvê-la do crime? Não é possível. Omite, então, isso! Corta, antes, a ti e a mim, infeliz, a ponta das tranças encaracoladas da cabeça — isto é pouco, mas não tenho mais nada — e oferece-lhe estes cabelos sem atavios [35], juntamente com o meu cinto desguarnecido de enfeites. Depois, prostrada no chão, suplica-lhe que venha, benévolo, do fundo do seu sepulcro, auxiliar-nos contra os nossos inimigos; e que suscite, vivo, o seu filho Orestes, e o ajude a espezinhar, vitorioso, os adversários, para que, no futuro, as nossas mãos possam coroar o seu túmulo com dádivas mais abundantes do que as que lhe oferecemos hoje.

A mim parece-me, sim, eu creio que foi a ele que aprouve enviar os sonhos tenebrosos à mãe. Seja como for, irmã, presta este auxílio a ti e a mim, bem como ao mais querido de todos os mortais, ao pai de nós ambas, que repousa na casa do Hades.

CORO

A donzela dirige-te uma admoestação pia; e tu, minha querida, se fores sensata, hás-de fazer o que ela te diz.

CRISÓTEMIS

Farei, porque o que é justo não pode dar causa a disputas, mas exige execução rápida.

Pelos deuses, amigas, guardai silêncio acerca do que vou tentar, porque, se a mãe o chega a saber, creio que terei de expiar um dia, amargamente, este meu proceder ousado. *(Sai.)*

CORO

Se não sou adivinho inexperto e tenho ainda uma mente sensata, a Justiça, anunciada de antemão, virá com a vitória justa do seu braço e, em breve, filha, há-de infligir vingança.

O ânimo recrudesce em mim, porque ouvi, há pouco, vozes de sonhos fagueiros. Não; o rei dos Helenos, o teu pai, não se esquece, não se esquece da vetusta acha dupla de bronze, sob a qual sucumbiu à morte mais infame.

A polipódia de muitos braços vai chegar — a Erínis de éneos pés, que se esconde para hórridas emboscadas.

Uma união adúltera, manchada com sangue, enredou a quem tal não era lícito; por isso, creio que jamais, jamais um presságio se mostrará em vão aos culpados e aos seus cúmplices [36]. Aliás, não tendo a aparição nocturna feliz êxito, nada valem, então, para os mortais interpretações de terríveis sonhos ou de oráculos.

Ó funesta corrida, que Pélope empreendeu outrora, como foste fatal para esta terra! Desde que Mírtilo pereceu no mar, arremessado do seu carro todo de oiro, por um ultraje doloroso [37], jamais deixou esta casa a maldita calamidade. *(Clitemnestra sai do palácio.)*

CLITEMNESTRA, ELECTRA E CORO

CLITEMNESTRA

Parece que andas outra vez a vaguear à rédea solta, uma vez que Egisto não está em casa. Ele costuma sempre impedir-te as saídas, para não envergonhares os teus familiares. Na sua ausência, não fazes caso de mim; e já bastante tens dado à língua a meu respeito, diante de muita gente, dizendo que governo com altivez e injustiça e que te trato mal a ti e a quanto te pertence. Mas altiva é que não sou; e, se digo mal de ti, é porque tu, de contínuo, dizes também mal de mim.

O teu pai — e nenhuma outra coisa te serve de pretexto —, afirmas que morreu às minhas mãos. Sim, às minhas mãos, bem sei, nem me é possível negá-lo; mas quem o condenara

foi a Justiça, não fui só eu, a quem devias prestar auxílio, se fosses sensata. Porquanto, entre os Gregos, foi o teu pai, esse que não cessas de chorar, o único que ousara sacrificar aos deuses a tua irmã [38], a qual não o tinha feito sofrer tanto, quando a procriou, como a mim, quando a dei à luz.

Dize-me, porque a sacrificou ele? Por causa dos Argivos? Mas eles não tinham direito de matar a minha filha. E, matando-a o teu pai, em nome do seu irmão Menelau, não devia sofrer o castigo por isso? Não tinha, porventura, Menelau dois filhos, os quais era mais natural que perecessem do que a minha filha, visto esses serem filhos de um pai e de uma mãe que deram causa à expedição? Ou tinha o Hades um desejo mais ardente de devorar os meus filhos do que os de Helena? Ou extinguira-se no coração desse pai abominável o amor dos filhos que eu lhe dera, para amar só os de Menelau? Não é isto próprio de um pai inconsiderado e perverso?

Esta é a minha opinião, ainda que a tua seja outra. A defunta, porém, se pudesse falar, concordaria comigo. Não estou, pois, arrependida daquilo que fiz; e, se te parece que penso mal, adquire tu primeiro um pouco de bom senso e depois censura os outros.

ELECTRA

Depois das palavras que me dirigiste, não dirás, pelo menos agora, que fui a primeira a ofender-te. E, se me permitisses, responder-te-ia, com sensatez, pelo defunto e por minha irmã, juntamente.

CLITEMNESTRA

Sim, podes falar! Se começasses sempre desse modo os teus arrazoados, não me seria molesto escutá-los.

ELECTRA

Bom! Então vou falar. Tu afirmas que mataste o meu pai.

Que confissão pode haver mais hedionda do que essa, quer tivesses direito ou não de fazer isso? Mas vou provar-te que o mataste sem razão alguma; que foi o criminoso, com quem coabitas agora, que te levou ao crime. Pergunta à caçadora Ártemis por que delito deteve o sopro de todos os ventos em Áulida! Ou devo dizer-to eu, visto tu não poderes sabê-lo da sua boca?

O meu pai, como ouvi dizer, andando, um dia, à caça, no bosque da deusa, fez levantar um cervo malhado e cornuto, que abateu; e, ensoberbecido da proeza, deixara escapar uma palavra qualquer. Por esse motivo, a filha de Latona, indignada, deteve os Aqueus e exigiu que o meu pai, em compensação do animal, sacrificasse a sua filha. Nestas circunstâncias é que ela foi sacrificada, porque o exército não podia, de outro modo, regressar à pátria nem atingir Tróia. Por isso, imolou-a a custo, coagido e relutante; mas não, de maneira alguma, por causa de Menelau [39].

Mas eu vou falar, segundo o teu modo de ver. Mesmo que ele procedesse, como procedeu, para prestar serviço ao irmão, seria isso motivo para o matares? Com que direito? Olha se, ao estabelecer esse princípio para todos os mortais, não buscas a tua própria ruína e um motivo de arrependimento; porque, se devêssemos pagar morte com morte, serias, nesse caso, a primeira a morrer, se te fosse dado o castigo justo. Repara se não recorres a um vão pretexto! Informa-me, se isso te apraz, porque praticas, actualmente, as obras mais abomináveis e partilhas do leito do assassino, do teu cúmplice na morte do meu pai, a quem dás filhos, depois de repudiares os primeiros, os nascidos de umas núpcias legítimas. Como poderia eu aprovar tais crimes? Dirás também, porventura, que, procedendo assim, pretendes vingar a morte da tua filha? Seria uma infâmia, se desses tal resposta, pois não é honesto, por essa causa, casar-te com um inimigo. Não obstante, nem sequer me é permitido admoestar-te, porque clamas logo, à boca cheia, que calunio a minha mãe. Eu considero-te, na verdade, mais senhora do que

mãe, nas tuas relações para comigo, eu, que levo uma vida atribulada e sofro de contínuo penas sem conta da tua parte e da do teu amante.

Quanto ao outro, ao infeliz Orestes, esse, depois de te escapar a custo das mãos, leva, por outras terras, uma vida desgraçada [40], a respeito do qual já muitas vezes me censuraste, por ter criado nele um agente da minha vingança. Isso, fica-o sabendo, tê-lo-ia feito, se pudesse. Por essa causa, proclama diante de toda a gente, se quiseres, que sou uma malvada, uma difamadora e uma mulher sem sombra de pejo, porque, se me distingo por tais qualidades, é precisamente por não degenerar da tua raça.

CORO

Vejo-a a respirar furor. Que a sua cólera seja justa, não percebo que lhe dê cuidado [41].

CLITEMNESTRA

E que cuidado devo então ter de uma filha que se atreve a lançar tais ultrajes contra quem a deu à luz e isto na idade que ela já tem? Não te parece que não se envergonharia de cometer todos os excessos?

ELECTRA

Fica agora ciente de que tenho vergonha de semelhante porte, ainda que não to pareça. Compreendo que não se coaduna com a minha idade e que não é próprio da minha pessoa. Mas o ódio que me tens e as tuas acções obrigam-me a obrar assim, mau grado meu, porque actos vergonhosos provocam actos vergonhosos.

CLITEMNESTRA

Criatura sem vergonha! Eu, as minhas palavras e os meus actos obrigam-te a dirigir-me insultos [42]!

ELECTRA

Não sou eu, és tu quem os profere, porque praticas as obras e as obras buscam a sua expressão nas palavras.

CLITEMNESTRA

Pela soberana Ártemis, não escaparás ao castigo por uma tal ousadia, logo que Egisto chegue.

ELECTRA

Vês? Deixaste-te arrebatar pela cólera, depois de me ter permitido dizer-te quanto quisesse. Nem sequer sabes escutar!

CLITEMNESTRA

Não consentirás que sacrifique, sem ser perturbada por clamores de mau agoiro, depois que te deixei dizer tudo?

ELECTRA

Consinto; e até te exorto a isso. Sacrifica e não culpes a minha língua, que eu não direi mais palavra.

CLITEMNESTRA
(para uma escrava)

Tu, que me assistes, levanta nas mãos a oferenda de variados frutos, para que dirija a este deus as preces que me devem livrar dos medos que me afligem actualmente. *(Adianta-se para o altar de Apolo.)* Apressa-te, ó tutelar Febo, a ouvir a minha silenciosa prece! Eu não a faço na presença de pessoas amigas; nem convém tudo expor à luz do dia, porque, estando ao pé de mim esta minha filha, receio que ela, por ódio e com grandes alaridos, espalhe por toda a cidade um boato vão. Escuta-me, pois, deste modo, porque é assim que falarei.

Os sonhos ambíguos que esta noite tive, se me pressagiam sucessos prósperos, concede, ó rei Lício [43], que se realizem; se, porém, me forem adversos, fá-los cair, então, sobre os meus inimigos! E, caso alguém conjure despojar-me traiçoeiramente das minhas actuais riquezas, não o permitas; mas deixa-me gozar sempre, como hoje, de uma vida imperturbável, na posse da casa e do ceptro dos Atridas, na companhia dos amigos, com quem presentemente vivo dias felizes, e sem que me atinja aflição amarga ou a malquerença dos filhos que me são hostis. Ouve, propício, ó Lício Apolo, esta súplica; concede-nos a nós todos o que te pedimos! Quanto ao resto, creio que tu, visto seres um deus, já o sabes, mesmo sem eu nada dizer, pois é natural que os descendentes de Zeus vejam tudo. *(Entra o Preceptor.)*

OS MESMOS E O PRECEPTOR

PRECEPTOR

Mulheres, poderia saber ao certo se este é o palácio do rei Egisto?

CORO

É sim, estrangeiro; a tua conjectura foi exacta.

PRECEPTOR

E também é exacta a minha suspeita de que esta é a sua esposa? Na verdade, ela tem aspecto de rainha.

CORO

Sem dúvida alguma. Tu estás na sua presença.

PRECEPTOR

Salve, ó rainha! Eu venho trazer-te a ti e a Egisto boas novas da parte de um amigo.

CLITEMNESTRA

Aceito com agrado a mensagem; mas, primeiro, desejava que me dissesses que homem te enviou.

PRECEPTOR

Fanoteu da Fócida. Ele encarregou-me de uma missão importante.

CLITEMNESTRA

Qual, estrangeiro? Fala! Sendo enviado por um amigo, hás-de dar-me, com certeza, notícias agradáveis.

PRECEPTOR

Orestes morreu. Eis tudo resumido numa só palavra.

ELECTRA

Ai, infeliz de mim! Eu morro hoje!...

CLITEMNESTRA

Que dizes? Que dizes tu, estrangeiro? Não dês ouvidos a esta mulher.

PRECEPTOR

Eu disse que Orestes morreu e repito-to ainda.

ELECTRA

Pobre de mim, que estou perdida! A minha vida chegou ao seu termo!...

CLITEMNESTRA
(a Electra)

Trata do que te diz respeito! *(Para o Preceptor.)* E tu, estrangeiro, certifica-me da verdade. Como morreu ele?

PRECEPTOR

Eu fui enviado por essa causa; por isso, vou declarar-te tudo. Orestes tinha ido aos célebres jogos délficos, que são a glória da Grécia [44], para tomar parte no concurso. Apenas ouviu o arauto anunciar, a altas vozes, a corrida, que era a primeira das justas, entrou logo na liça, de aspecto esplêndido, com admiração de todos os presentes; e, atingida a meta do estádio, com o sucesso que o seu aspecto prometia, abandona a liça, coroado pela vitória mais honrosa de todas.

Não sei como descrever-te algumas proezas e vitórias deste homem, entre muitas outras. Fica, porém, a saber que de quantas justas os árbitros proclamaram — da corrida simples, da corrida dupla e das cinco justas costumadas [45] —, de todas elas saiu vitorioso; e como tal foi felicitado, ao proclamarem que ele era argivo, de nome Orestes, filho de Agamémnone, daquele que outrora reunira o glorioso exército da Hélada. Isto foi o que sucedeu.

Mas, quando algum dos deuses quer ferir alguém, apesar de este ser forte, não poderá escapar-lhe. Assim, noutro dia, quando, ao nascer do Sol, se ia realizar o concurso de carros ligeiros, entrou na liça com muitos outros aurigas. Um era da Acaia, outro de Esparta, dois da Líbia, ambos exímios no curso da quadriga; o quinto dentre eles, que conduzia cavalos da Tessália, era Orestes; o sexto vinha da Etólia com cavalos loiros; o sétimo era da Magnésia [46]; o oitavo, natural de Énia [47], trazia cavalos brancos; o nono era de Atenas, da cidade fundada pelos deuses; enfim, um beócio com o seu carro perfazia a dezena.

Ora, estando todos de pé, no lugar que os árbitros eleitos lhes tinham designado por sorte, e dispostos os carros, logo que foi dado o sinal pela trombeta de bronze, eles partiram, incitando, aos gritos, os cavalos e agitando as rédeas com as mãos. Todo o estádio se encheu, então, do fragor ressoante dos carros;

e nuvens de pó elevaram-se para o alto, ao mesmo tempo que todos os concorrentes, misturados uns com os outros, não davam tréguas aos chicotes, a fim de ultrapassarem as rodas e os cavalos ofegantes dos rivais, cuja baforada espumejava sobre o dorso dos aurigas e nas cambas das rodas.

Quanto a Orestes, quando chegava à extremidade do estádio, ao contornar a baliza, roçava-a sempre ao de leve com o meão da roda, dando rédeas ao cavalo da direita, ao da boleia, e retendo-as ao que passava junto da baliza. Primeiro, todos os carros seguiam em ordem [48]; mas, depois, os cavalos do homem de Énia, quando já tinham executado a sexta corrida e principiavam a sétima, ao darem a volta, arrastaram, desobedientes ao freio, o carro com ímpeto e foram esbarrar com as frontes contra o carro da Líbia. Em consequência do embate, os carros despedaçaram-se e caíram um sobre o outro, cujos destroços encheram toda a planície de Crisa [49]. O auriga hábil de Atenas, ao notar isto, conduziu o seu carro para o lado e deteve-o, para deixar passar a leva efervescente dos outros carros [50].

Orestes ia no último lugar [51]; guiava os seus cavalos na retaguarda com esperanças no final da corrida. Mas, como visse que o auriga de Atenas era o único que restava, com um som estridente do chicote junto das orelhas dos seus fogosos cavalos, incitou-os a correr. Então, os dois seguiam a par, fazendo agora um, logo outro, que a cabeça dos seus cavalos ultrapassasse a quadriga do seu rival. O infeliz, porém, que tinha dado todas as outras voltas sem dificuldade, firme no seu carro sólido, afrouxou [52], depois, a rédea da esquerda, quando o cavalo fazia a curva, e, batendo, sem notar, com o cubo da roda contra a baliza, partiu-o pelo meio. Por essa causa, Orestes resvalou do carro e embaraçou-se nas rédeas, ao mesmo tempo que os cavalos se lançaram a correr, espantados, pelo meio do estádio. Os espectadores, como vissem o jovem cair, lamentavam-no em grita, por lhe ter sucedido uma desgraça igual aos seus feitos anteriores. E ora era arrastado pelo chão, ora estendia as pernas

para o céu, até que os aurigas, detida a custo a correria dos cavalos, desataram o corpo do infeliz, de tal modo ensanguentado, que nenhum dos amigos que o visse poderia reconhecê-lo.

Queimado, acto contínuo, na pira, foram escolhidos, depois, uns homens da Fócida para trazerem numa exígua urna de bronze as míseras cinzas daquele corpo gigante, a fim de lhes ser dada sepultura, na terra dos seus pais. Escutar estes factos é doloroso para ti; mas para quem, como nós, os viu com os próprios olhos eles são, de todas as desgraças, a maior que tenho presenciado.

CORO

Ai, ai!... Toda a raça dos nossos senhores de antanho creio que fica agora exterminada até às raízes!

CLITEMNESTRA

Ó Zeus, que dizer a isto? Devo considerá-lo uma felicidade, ou uma infelicidade de que resulta proveito? Em todo o caso, é triste salvar a vida à custa da minha própria infelicidade.

PRECEPTOR

Porque perdes assim o ânimo, mulher, ao ouvir a presente mensagem?

CLITEMNESTRA

É coisa singular o amor de mãe, porque não pode odiar os filhos, ainda que deles sofra agravo.

PRECEPTOR

Como parece, foi debalde que fiz esta viagem.

CLITEMNESTRA

Não, certamente. Porque dizes que foi debalde, se me trouxeste

provas certas da morte de um filho nascido da minha própria vida, que se afastou do meu seio e dos meus cuidados, para viver fora da pátria, como um exilado? E ele não só não me veio ver, desde que saiu da sua terra, mas até, atribuindo-me a morte do seu pai, ameaçava executar em mim uma vingança terrível, de sorte que nem de noite nem de dia um doce sono se apoderava de mim; pelo contrário, passava os dias após dias, como se em cada momento me surpreendesse a morte. Mas agora estou livre do medo; desde hoje, não temo mais esse meu filho, nem tão-pouco esta *(indicando Electra)*, que, habitando comigo, era para mim um flagelo ainda maior, a beber-me, de contínuo, o puro sangue das veias. Pelo que respeita às suas ameaças, vou passar agora, finalmente, os dias sossegada.

ELECTRA

Ai, pobre de mim!... Agora, Orestes, bem posso lamentar a tua desgraça, porque, além dessa tua má sorte, és ultrajado por tua própria mãe! Será isto justo?

CLITEMNESTRA

Para ti não, certamente; mas a ele foi justo que lhe sucedesse, como lhe sucedeu.

ELECTRA

Escuta, ó Némesis [53], vingadora daquele que pereceu há pouco!

CLITEMNESTRA

Ela escutou a quem devia e cumpriu-lhe os seus desejos.

ELECTRA

Insulta! Hoje a felicidade bateu-te à porta.

CLITEMNESTRA

Nem Orestes nem tu lhe podereis pôr termo.

ELECTRA

Para nós ambos é que chegou o termo, longe de o pormos a ti.

CLITEMNESTRA

A tua vinda, estrangeiro, seria digna de toda a nossa gratidão, se conseguisses acabar com a constante gritaria desta mulher.

PRECEPTOR

Visto aqui tudo correr bem, nesse caso, posso retirar-me.

CLITEMNESTRA

De modo algum; aliás, não receberias um trato digno de mim nem do hóspede que te enviou. Vamos, entra para dentro e deixa esta cá fora a gritar sobre a sua desgraça e a dos seus amigos.

(Clitemnestra e o Preceptor entram no palácio.)

ELECTRA

Parece-vos que a miserável chora e se lamenta verdadeiramente consumida de dor e de aflição, por causa da morte trágica do filho? Não; ela afastou-se com um riso sarcástico.

Ai, infeliz de mim!... Ó Orestes, meu irmão caríssimo, a tua morte é a minha morte! Tu arrancaste-me da alma e levas contigo as únicas esperanças que me restavam ainda de que virias, um dia, vivo, para vingar o nosso pai e esta tua desgraçada irmã. Agora, para onde devo ir? Eu estou só, privada de ti e do pai; e devo continuar a servir como escrava, entre aqueles que mais odeio e que assassinaram o meu pai. Será

justo que me suceda deste modo?... Não!... Não entrarei jamais nesta casa, para habitar com eles, mas, prostrada, diante desta porta, deixarei, órfã de amigos, que a minha vida se consuma. Se sou molesta a alguém, dentre os que moram lá dentro, no palácio, que esse me mate! Morrer seria para mim um benefício, viver é uma aflição. Da vida não tenho nenhuma pena.

CORO

Onde estão os raios de Zeus ou o Sol brilhante? Contemplam eles semelhantes coisas e ocultam-nas, indiferentes?

ELECTRA

Ai!... Ai!... Ai!...

CORO

Ó donzela, porque choras?

ELECTRA

Oh!...

CORO

Não grites tanto!

ELECTRA

Tu queres dar cabo de mim!

CORO

Quê?

ELECTRA

Se tentares insuflar-me esperanças, acerca dos que foram, por

certo, para o Hades, isso será maltratar-me ainda mais, a mim já tão consumida pela dor.

CORO

Eu lembro-me de que o rei Anfiarau foi apanhado pelas redes de um colar de oiro de mulher [54]; e de que, debaixo da terra, agora...

ELECTRA

Ai!... Ai!...

CORO

... reina ainda lá, bem vivo.

ELECTRA

[Oh, dor!...

CORO

Oh, dor!... Essa mulher nefasta...

ELECTRA

... pereceu [55]?]

CORO

Sim.

ELECTRA

Eu sei isso; eu sei que surgiu um vingador que valeu ao rei na sua aflição; mas a mim já não me resta ninguém. Aquele que tinha foi-me arrebatado do mundo.

CORO

Tu és infeliz entre as infelizes!

ELECTRA

Eu não desconheço isso; se i-o em demasia, ao ver a torrente contínua de desgraças sem conta, terríveis e odiosas, que me oprimem!...

CORO

Nós compreendemos o que dizes.

ELECTRA

Não venhas agora iludir-me com palavras, visto eu não...

CORO

Que dizes tu?

ELECTRA

... poder já ter esperanças no auxílio do meu nobre irmão carnal.

CORO

A morte é o destino de todos os mortais.

ELECTRA

Também é o seu destino, como o daquele infeliz, embaraçar-se em rédeas de coiro, num concurso de ligeiros cascos?

CORO

Desgraça jamais imaginada!

ELECTRA

Como não ser assim? Em terra estranha, sem o auxílio das minhas mãos...

CORO

Oh!...

ELECTRA

... privado de um túmulo e posto numa urna, sem ser chorado por mim!...

(Entra Crisótemis)

ELECTRA, CRISÓTEMIS E CORO

CRISÓTEMIS

A alegria obriga-me, irmã caríssima, a vir à pressa, sem atender ao porte devido, para dar-te notícias alegres e aliviar-te dos males que antes te afligiam e eram causa dos teus gemidos.

ELECTRA

Onde poderás ter encontrado alívio para as minhas penas, para as quais não vejo remédio algum?

CRISÓTEMIS

Orestes está perto de nós. Acredita nas minhas palavras, porque são tão certas como eu estar aqui, à tua beira.

ELECTRA

Estás louca, infeliz; e ris-te da tua própria desgraça e da minha!

CRISÓTEMIS

Juro pelo lar paterno que não escarneço. Falo na convicção de que ele, realmente, não está longe de nós.

ELECTRA

Ai, pobre de mim! A quem ouviste essa novidade, para assim lhe dares tanto crédito?

CRISÓTEMIS

Eu soube-a por mim própria, não de outrem; e creio nela, pelos sinais manifestos que vi.

ELECTRA

Que prova viste tu, desgraçada? Que sinais descobriram os teus olhos, para te inflamares numa febre tão pertinaz?

CRISÓTEMIS

Pelos deuses, escuta-me! E, depois de me teres ouvido, dize se sou louca ou sensata.

ELECTRA

Pois bem! Fala, se isso te apraz!

CRISÓTEMIS

Vou contar-te tudo quanto vi.

Quando cheguei ao velho sepulcro do pai, notei que do alto do monumento escorriam fios de leite derramado recentemente e que uma coroa de todas as espécies de flores que existem o circundava. Fiquei admirada, ao ver isto, e lancei os olhos em volta, a espiar se algum homem estaria ali perto de mim. Como, porém, notasse que no lugar estava tudo em sossego, aproximei-me, então, mais do túmulo e descobri no cimo uma madeixa de cabelo recentemente cortada. Apenas a vi, logo perpassou pela minha pobre alma uma imagem que lhe era familiar — a imagem do mais querido dos mortais, de Orestes,

por ter ali um vestígio dele. Levantei-a imediatamente, ao mesmo tempo que os meus olhos se enchiam de lágrimas de alegria.

E agora, estou certa, como então, de que uma tal oferenda não podia provir de outrem, a não ser de Orestes; pois a quem podia ela ser atribuída senão a mim ou a ti? Mas eu não fui a autora da oferenda, isso sei eu, nem tão-pouco tu. Como poderias tu ser, se nem sequer te é permitido sair de casa, impunemente, para ires encomendar-te aos deuses? À mãe também não costuma vir-lhe à cabeça fazer tais coisas; e, se fizesse, isso não passaria despercebido. Portanto, é de Orestes aquela oferenda.

Ânimo, pois, minha amiga! A fortuna não é sempre a mesma para os mesmos homens. Não nos era ela antes adversa? O dia de hoje, porém, vai, talvez, ser para nós o início de uma grande prosperidade.

ELECTRA

Como tu, desde há momentos, me causas compaixão!

CRISÓTEMIS

Que quer dizer isso? Não te causam alegria as minhas palavras [56]?

ELECTRA

Não sabes onde estás nem o que dizes.

CRISÓTEMIS

Quê? Então não sei o que vi com os meus olhos?

ELECTRA

Orestes morreu, infeliz! O auxílio que esperavas dele desvaneceu-se. Não ponhas mais os teus olhos em Orestes.

CRISÓTEMIS

Ai, pobre de mim! De que homem ouviste tu isso?

ELECTRA

De quem estava ao pé dele, quando morreu.

CRISÓTEMIS

E onde está esse homem? Isso causa-me admiração.

ELECTRA

No palácio, para alegria, não para desgosto da mãe.

CRISÓTEMIS

Ai, como sou desgraçada! De quem vieram, então, todas essas oferendas sobre o túmulo do pai?

ELECTRA

Parece-me muito provável que alguém as depusesse lá em memória do falecido Orestes.

CRISÓTEMIS

Oh, que infelicidade para mim! Eu apressei-me com alegria a dar-te a notícia que ouviste, sem saber qual era a nossa desgraça; mas agora, uma vez chegada, encontro, além das antigas, ainda outras desventuras.

ELECTRA

Assim é a tua sorte. Se, porém, me acreditares, ver-te-ás livre do fardo da desgraça presente.

CRISÓTEMIS

Porventura poderei ressuscitar os mortos?

ELECTRA

Não é isso o que quero dizer; não sou tão desajuizada.

CRISÓTEMIS

A que empresa me exortas, cuja execução eu possa garantir?

ELECTRA

A ousar fazer aquilo que te vou aconselhar.

CRISÓTEMIS

Bom! Se é alguma coisa útil, não me recusarei.

ELECTRA

Olha! Sem trabalho não se consegue êxito algum.

CRISÓTEMIS

Bem sei. Em tudo quanto puder, prestar-te-ei auxílio.

ELECTRA

Ouve agora, então, como tenciono proceder. Tu sabes que não temos nenhum amigo que nos possa socorrer; o Hades arrebatou-os e ficámos sós, privadas deles. Enquanto ouvia dizer que o nosso irmão continuava na flor dos anos, tinha esperanças de que viesse, um dia, vingar a morte do pai; mas agora, uma vez que não existe, é para ti que eu olho, certa de que não hesitarás, juntamente comigo, matar o autor da morte do pai, a Egisto — projecto que não devo ocultar-te mais.

Durante quanto tempo permanecerás inactiva, a ver se resta firme ainda alguma esperança? Tu podes apenas lamentar-te da privação dos bens paternos; nada mais te é possível do que gemer, durante um tempo sem fim, à espera da velhice, sem jamais te desposares e celebrares núpcias. E não esperes ter, um dia, essa sorte, porque Egisto não é tão louco que permita que de ti ou de mim nasça uma descendência para a sua ruína certa. Ao contrário, se seguires o meu conselho, obterás, primeiramente, do falecido pai e do teu irmão o louvor pelo piedoso acto; depois, serás, no futuro, chamada livre, assim como o eras de nascença, e terás um esposo condigno, pois toda a gente costuma atender à condição.

Não vês também quanta glória e fama atrais sobre ti e sobre mim, se seguires o meu conselho? Porquanto qual dos cidadãos ou dos estrangeiros, ao olhar para nós, não nos saudará com elogios como este: *Vede, amigos, as duas irmãs que salvaram a casa paterna, que, sem se importarem com a própria vida, mataram os seus inimigos que, outrora, viviam aí na opulência! A elas todos devem amar e reverenciar; e nas festas e assembleias de toda a cidade importa que sejam honradas por toda a gente, por causa da sua valentia.* Isto dirão a nosso respeito, de sorte que, vivas ou mortas, a nossa glória não se extinguirá.

Ânimo, minha amiga, segue o meu conselho! Sê prestável a teu pai, socorre a teu irmão e põe termo aos meus males e aos de ti própria, lembrando-te de que para a gente honrada é uma ignomínia viver ignominiosamente.

CORO

Em casos semelhantes, a prudência deve assistir tanto a quem fala como a quem ouve.

CRISÓTEMIS

Sim, mulheres, se ela tivesse juízo, antes de falar, acautelar-se-ia,

ao contrário do que fez. Em que pões tu os olhos, ao armar-te de uma tal ousadia, que te leva a convidar-me para te prestar auxílio? Não vês que nasceste mulher e não homem e que tens menos força do que os teus adversários? Ademais, a fortuna favorece-os presentemente, ao passo que a nós abandona-nos e vai-se reduzindo a nada.

Quem, pois, pode conceber a ideia de abater um tal homem, como Egisto, e de escapar, ileso, da ruína? Olha que nós somos já desgraçadas. Não atraiamos sobre nós desgraças maiores, como sucederia, se alguém escutasse a nossa conversa! Nada nos aproveita, nem nos granjeia ganho algum, depois de adquirirmos um nome glorioso, perecer de uma morte infame. [Mas o pior não é morrer: é, quando se deseja a morte, não se poder alcançá-la [57].] Por isso, peço-te que reprimas a tua cólera, se não quiseres que sucumbamos a uma morte de todo funesta e extingamos, assim, a nossa raça.

Quanto às palavras que te ouvi, terei cuidado de que elas fiquem em segredo e sem consequências. Mas, pelo menos, desde agora, começa, enfim, a ter juízo; e, visto seres fraca, aprende a ceder aos poderosos.

CORO

Deixa-te convencer! Nada pode ser mais útil aos homens do que a prudência e uma mente sensata.

ELECTRA

Não disseste nada que não esperasse. Já sabia bem que te opunhas à minha proposta. Portanto, devo realizar por minha mão esta empresa, sem o teu auxílio, pois não permitirei que fique sem execução.

CRISÓTEMIS

Ai!... Oxalá tivesses tido uma tal disposição, quando morreu o pai! Então, conseguirias tudo.

ELECTRA

Ânimo tinha eu, nesse tempo; mas faltava-me uma compreensão clara das coisas.

CRISÓTEMIS

Esforça-te por conservar uma tal compreensão através da vida.

ELECTRA

Essa admoestação indica que não queres cooperar comigo.

CRISÓTEMIS

É natural que uma má empresa tenha um mau sucesso.

ELECTRA

Louvo a tua prudência, mas detesto a tua cobardia.

CRISÓTEMIS

Suportarei escutar-te, mesmo quando disseres bem de mim [58].

ELECTRA

Pois bem! Louvores nunca ouvirás da minha boca.

CRISÓTEMIS

Há muito tempo, no futuro, para decidir a esse respeito.

ELECTRA

Vai-te, visto negares-me o teu auxílio!

CRISÓTEMIS

Não nego; tu é que não me queres compreender.

ELECTRA

Vai contar à mãe tudo quanto ouviste.

CRISÓTEMIS

O ódio que te tenho não chega a tanto.

ELECTRA

Repara, então, a que baixeza me obrigas!

CRISÓTEMIS

Não é a uma baixeza, mas a que tenhas cautela.

ELECTRA

Devo, portanto, acomodar-me ao que te parece justo?

CRISÓTEMIS

Quando tiveres juízo, poderás guiar-nos a ambas.

ELECTRA

Admiro-me de que esteja em erro quem tem tão belas palavras.

CRISÓTEMIS

Falaste com acerto do mal de que tu és vítima.

ELECTRA

Mas quê? Não te parece que tenho direito de falar assim?

CRISÓTEMIS

Há casos, em que o direito dá prejuízo.

ELECTRA

Eu não quero viver, segundo tais princípios.

CRISÓTEMIS

Se os seguires, aplaudir-me-ás, um dia.

ELECTRA

Procederei como entender; não me causas medo algum.

CRISÓTEMIS

Isso é verdade? Não queres mudar de resolução?

ELECTRA

Nada odeio tanto como um conselho infame.

CRISÓTEMIS

Parece que não fazes caso do que te digo.

ELECTRA

Não é só de hoje; é de há muito já esta minha resolução.

CRISÓTEMIS

Nesse caso, retiro-me, pois não te resolves a aprovar as minhas palavras nem eu o teu modo de pensar.

ELECTRA

Vai para casa! Eu não te seguirei jamais, ainda que deveras o desejasses, porque é prova de grande loucura correr atrás de bagatelas.

CRISÓTEMIS

Bom! Se julgas que tens razão, guarda-a para ti. Quando te sobrevier a desdita, então aprovarás o meu parecer.

(Entra no palácio)

CORO

Por que razão, vendo nós as mais inteligentes aves do céu cuidar da nutrição das que lhes deram a vida e das quais receberam tudo, não procedemos de igual modo?

Não! Pelo raio de Zeus e por Témis [59], filha do céu, o castigo não demorará [60].

Ó fama, por quem a voz dos mortais penetra a terra, faz retumbar nos Infernos aos ouvidos dos Atridas os meus lamentos e anuncia-lhes tão tristes ignomínias! Dize-lhes que a sua casa está arruinada e que as suas duas filhas, em desavença, jamais se harmonizam em doce convívio.

Só, ao abandono, Electra debate-se com a dor, lamentando sempre, infeliz, a sorte do pai, qual gemebunda filomela; e, despreocupada com a própria morte, está pronta para morrer, depois de executar a dupla vingança.

Teve algum pai filha tão nobre como esta?

Ninguém de sangue ilustre, ó filha, quer com um porte vergonhoso manchar a sua glória, obscurecer o seu nome. Foi por isso que escolheste uma vida de lágrimas e obscura [61]; e, armando o teu braço contra o crime, adquiriste dupla glória de uma só vez — ser chamada filha sábia e valente.

Oxalá superasses os teus inimigos em potência e riqueza tanto, quanto eles te oprimem! Disso és digna, porque te vi caminhar pela estrada da desdita. Não obstante, acerca das

leis supremas, tu conquistaste a primazia, por teu piedoso respeito para com Zeus.

(Entram Orestes e Pílades acompanhados por escravos que trazem uma urna)

ORESTES, ELECTRA, CORO

ORESTES

Mulheres, fomos nós bem informados? É este o caminho direito para onde pretendemos ir?

CORO

Que procuras e que desejas daqui?

ORESTES

Há momentos que procuro a morada de Egisto.

CORO

Vais bem. Quem te informou não merece censura.

ORESTES

Quem de vós poderia anunciar dentro da casa a minha desejada presença e a dos meus companheiros?

CORO

Esta, por ser da família, é quem deve dar o recado.

ORESTES

Vai, mulher, e dize lá dentro que uns homens da Fócida procuram Egisto.

ELECTRA

Ai de mim, infeliz! Certamente, não trazeis provas certas do boato que temos ouvido?

ORESTES

Ignoro o boato a que te referes. Só sei que o velho Estrófio me enviou a anunciar acerca de Orestes.

ELECTRA

Que dizes, estrangeiro? Oh, com que medo estou!...

ORESTES

Como vês, trazemos numa pequena urna o pouco que resta do morto.

ELECTRA

Ai, pobre de mim! O boato tornou-se certeza. Eu tenho diante dos olhos, como parece, a causa da minha dor.

ORESTES

Se choras o infeliz Orestes, sabe que este vaso contém o seu corpo.

ELECTRA

Ó estrangeiro, caso esta urna o encerre, deixa-me, pelos deuses te peço, deixa-me tomá-la nas minhas mãos, para que chore e lamente sobre estas cinzas, ao mesmo tempo, a minha sorte e a de toda a minha raça!

ORESTES

(para os escravos)

Aproximai-vos e entregai-lhe a urna, seja ela quem for, pois

o seu desejo não indica uma intenção malévola; é uma pessoa amiga ou alguém da família.

ELECTRA
(abraçando a urna)

Ó memória daquele que me era mais caro entre os homens, último despojo do que em vida se chamou Orestes! Como eu te recebo hoje, desiludida das esperanças, com que te enviei outrora! Neste momento, tenho-te nas mãos reduzido a cinza, ao passo que, quando te enviei do palácio, eras de esplêndido aspecto!

Tivesse eu morrido, em vez de enviar-te para uma terra estranha, depois de, às escondidas, te haver salvado da morte! Se morresses nesse dia, poderias participar do túmulo do teu pai; mas agora desgraçadamente morto, longe da casa paterna e numa terra estrangeira, subtraído aos cuidados da tua irmã, a qual (oh, infeliz de mim!) não pôde lavar-te com as suas amorosas mãos, não te amortalhou, nem recolheu do fogo consumidor, como era justo, este pobre fardo. Tiveste os cuidados de mãos estranhas e chegas aqui como um mesquinho punhado de cinzas, numa mesquinha urna! Ai de mim, que foram inúteis os serviços de outrora, que tantas vezes te ministrei com uma canseira que me era suave! Tu não eras mais amado da mãe do que de mim, nem alguma das pessoas da casa te alimentou, a não ser eu, a quem davas sempre o nome de *irmã*.

Agora, com a tua morte, desvaneceu-se isto, num só dia! Sim, tu morreste e arrebataste tudo, como um furacão. O nosso pai desapareceu, eu já estou morta para ti e tu próprio partiste desta vida, enquanto os nossos inimigos se riem e a mãe, que de mãe só tem o nome, está louca de alegria, da qual, como tantas vezes me mandavas dizer, em segredo, havias de vir tomar vingança. Isto foi-me recusado pela tua e pela minha infeliz sorte, que te enviou a mim neste estado: em vez da tua amável figura, apresentou-me cinza e uma sombra vã!...

Ai!... Ai de mim!... Oh, cadáver miserando!... Oh, dor! Oh, dor!... Após esta horrorosa viagem (desgraçada de mim!), ó querido, tu mataste-me! Sim, tu mataste-me, ó meu amado irmão! Por isso, recebe-me junto de ti, a mim que sou nada, ao lado desse teu nada, para que, sob a terra, habite, no futuro, contigo. Quando andavas no mundo, participava também de sorte igual à tua; e agora, visto estar morta, anseio por não ser excluída do teu sepulcro, pois, como vejo, os mortos não sofrem aflições.

CORO

Tu és filha de um pai mortal, Electra. Pensa nisso! Orestes também era mortal. Não te lastimes, portanto, demasiadamente, pois todos havemos de sofrer igual sorte.

ORESTES

Ai, ai!... Que direi eu? Como encontrar palavras neste transe? Eu já não posso dominar a minha língua.

ELECTRA

Que dor te aflige? Porque falas assim?

ORESTES

A ilustre figura que vejo não é a de Electra?

ELECTRA

É ela mesma, mas num estado bem miserando.

ORESTES

Ai, como é triste a tua sorte!

ELECTRA

Essas lamentações não são, certamente, por minha causa?

ORESTES

Oh, o corpo indigna e criminosamente desfigurado!...

ELECTRA

Tu não lamentas, por certo, a outrem, estrangeiro, mas só a mim.

ORESTES

Ai, que infeliz vida de solteira a tua!

ELECTRA

Porque me lamentas, estrangeiro, com os olhos assim fixos em mim?

ORESTES

Quão desgraçado eu sou e ignorava-o!...

ELECTRA

Que disse eu, para te descobrir isso?

ORESTES

Eu reconheço-o, ao ver-te oprimida com tantas aflições.

ELECTRA

E contudo conheces apenas alguns dos meus males.

ORESTES

Como poderia conhecê-los ainda maiores?

ELECTRA

Sabendo que vivo com os assassinos...

ORESTES

Com os assassinos de quem? A que crime te referes?

ELECTRA

Com os assassinos do meu pai, a quem sou obrigada a servir como escrava.

ORESTES

E quem te constrange a isso?

ELECTRA

Aquela que se denomina *mãe,* mas que não tem nada de mãe.

ORESTES

Por que meio? Com o seu braço, ou recusando-te o alimento?

ELECTRA

Com o seu braço, recusando-me o alimento e por maus tratos de toda a espécie.

ORESTES

Não há quem te defenda, nem lhe impeça isso?

ELECTRA

Não. Aquele que me restava trazes-mo reduzido a cinzas.

ORESTES

Oh, infeliz! Tu causas-me compaixão, ao pôr os olhos em ti!

ELECTRA

Está certo de que, entre os mortais, és o único que tem pena de mim.

ORESTES

É porque sou o único a sofrer de males iguais aos teus.

ELECTRA

És tu nosso parente? Donde vens?

ORESTES

Explicar-to-ia, se estas que estão presentes fossem gente amiga.

ELECTRA

Sim, são amigas. Tu falas diante de pessoas de confiança.

ORESTES

Então, deixa essa urna, que vais ser informada de tudo.

ELECTRA

Pelos deuses, estrangeiro, não me faças tal!

ORESTES

Obedece ao que te digo, que nada terás a perder.

ELECTRA

Não, por quem és [62], não me prives do que eu mais estimo!

ORESTES

Não te deixarei isso, afirmo-to eu.

ELECTRA

Oh, como sou infeliz, por tua causa, Orestes, se não puder sepultar-te [63]!...

ORESTES

Não digas palavras de mau agoiro! Tu estás a lamentar-te sem razão.

ELECTRA

Como? Não tenho eu motivo para chorar a morte do irmão meu?

ORESTES

Não deves falar desse modo.

ELECTRA

Sou eu tão indigna do morto?

ORESTES

Tu não és indigna de ninguém; mas o conteúdo da urna não te pertence.

ELECTRA

Sim; se, na verdade, tenho nas mãos as cinzas de Orestes.

ORESTES

De Orestes não. Isto não passa de um embuste.

ELECTRA

Onde está então o túmulo daquele infeliz?

ORESTES

Em nenhuma parte, porque o túmulo não é próprio dos vivos.

ELECTRA

Que dizes, mancebo?

ORESTES

Eu digo-te só a verdade.

ELECTRA

Então Orestes vive ainda?

ORESTE

Vive, visto haver alento em mim.

ELECTRA

Portanto, és tu Orestes?

ORESTES

Como prova de que falo verdade, vê este sinete do meu pai.

ELECTRA
(abraçando Orestes)

Ó dia de todos o mais querido!...

ORESTES

O mais querido, digo eu também!

ELECTRA

Ó doce voz, tu chegaste, enfim!

ORESTES

Não te informes de mais ninguém!

ELECTRA

Eu tenho-te nos meus braços!

ORESTES

Possas tu assim ter-me sempre!

ELECTRA

Ó mulheres caríssimas, ó cidadãs, vede Orestes aqui em pessoa, que, depois de um ardil o ter dado por morto, aparece agora, por um ardil, são e salvo!

CORO

Nós vemos, ó filha, e lágrimas de alegria, por um facto semelhante, correm-nos dos olhos.

ELECTRA

Ah, filho, ah, filho do varão que eu mais amo [64]! Tu acabas de chegar! Tu vieste, encontraste e viste a quem desejavas!

ORESTES

Sim, eu estou aqui, mas espera em silêncio!

ELECTRA

Então que há?

ORESTES

É melhor calarmo-nos, para não nos ouvirem na casa.

ELECTRA

Não, pela sempre indómita Ártemis [65], não julgarei nunca digno de receio esse fardo inútil das mulheres [66] que nunca saem do palácio.

ORESTES

Olha que Ares [67] também reside entre mulheres. Tu sabes bem isso por experiência.

ELECTRA

Ai, ai!... Que horror!... Tu fizeste menção da desgraça que nos sucedeu um dia — desgraça irreparável e que jamais se pode olvidar!

ORESTES

Eu sei isso; mas, quando é oportuno, convém recordar essas desditas.

ELECTRA

Em todo o tempo, em todo o tempo, podia haver ocasião, para com justiça as declarar. Foi a custo que pude ter a língua agora livre.

ORESTES

Concordo contigo; mas acautela-te!

ELECTRA

De que modo?

ORESTES

Evita falar muito, quando isso não for oportuno.

ELECTRA

Quem poderia, uma vez que tu chegaste, trocar as palavras pelo silêncio, ao ver-te agora inopinadamente e sem te esperar?

ORESTES

Tu viste-me, quando os deuses me incitaram a vir [68].

ELECTRA

Se, como declaras, foi um deus que te enviou, este favor é ainda maior do que o primeiro. Eu considero-o, realmente, uma obra divina.

ORESTES

Não quero impedir a tua alegria. Só temo que te entregues demais a ela.

ELECTRA

Já que, depois de tanto tempo e após o teu tão estimado regresso, te dignaste mostrar-te a mim, oh, por me veres assim enredada em trabalhos...

ORESTES

Que receias que eu faça?

ELECTRA

Que me prives da alegria de ver o teu rosto [69].

ORESTES

Seria grande a minha cólera, se alguém ta quisesse impedir.

ELECTRA

Concedes-ma então?

ORESTES

Porque não?

ELECTRA

Ó meu caro, eu ouvi uma palavra inesperada; e, ao ouvi-la, retive, muda, a emoção, sem soltar, infeliz, o menor grito [70]. Eu agora possuo-te; tu mostraste-me o teu amabilíssimo rosto, que, mesmo na desdita, jamais esquecerei.

ORESTES

Deixa-te de palavras supérfluas; e não me dês notícias acerca do porte indigno da mãe, nem me digas como Egisto esvazia a casa dos bens paternos, os dissipa e gasta à toa, porque os teus longos discursos fariam descurar a ocasião oportuna. Declara-me antes o que me convém nas presentes circunstâncias; dize-me onde deverei, seja às claras, seja às escondidas, pôr termo, após este meu regresso, às risadas dos nossos inimigos.

Acautela-te de que a mãe, ao entrarmos em casa, descubra a nossa intenção, pelo teu rosto assim alegre. De preferência, põe-te a gemer, como se te anunciassem uma desgraça, pois, saindo bem da nossa empresa, poderemos, depois, alegrar-nos e livremente rir.

ELECTRA

Está bem, irmão. Como for o teu agrado, assim será também o meu, porque tu foste a causa, não eu, desta alegria que sinto. E não quereria dar-te o mínimo desgosto, em troca de um grande proveito meu, pois que isto não prestaria serviço honroso à divindade, que hoje nos assiste.

Tu sabes o que se passa em nossa casa, não é verdade? Ouviste, por certo, dizer que Egisto está ausente e que a mãe se encontra no palácio. Não receies que ela me veja a face radiante de gozo, porque um ódio velho impregna-me o coração. Mas, desde

que te vi, não cessarei jamais de derramar lágrimas de alegria. E como poderia pôr-lhes termo, se, neste teu regresso [71], tu me apareceste morto e vivo, ao mesmo tempo? Obraste o que eu nunca sonhei, de sorte que, se o pai me aparecesse vivo, não julgaria que se tratava de um prodígio e acreditaria que o tinha, realmente, diante de mim. Visto, pois, teres chegado aqui, após uma tal viagem, guia-me tu próprio, como quiseres. No caso de eu estar só, não deixaria de alcançar um destes dois fins: salvar-me gloriosamente ou perecer com glória.

ORESTES

Cala-te, peço-te eu! Oiço passos de quem caminha do interior do palácio para a porta [72].

ELECTRA
(mudando de tom)

Podes entrar, estrangeiro, em atenção, sobretudo, às notícias que trazes, as quais ninguém, nesta casa, recusaria ouvir nem receberia com prazer.

(O Preceptor sai do palácio)

OS MESMOS E O PRECEPTOR

PRECEPTOR

Ó loucos rematados, para onde vos foi o juízo? Então já não vos importais com a vossa vida? Ou não existe senso em vós, para assim desconhecerdes que estais, não à beira do perigo, mas no perigo mesmo e num dos maiores? Se não me encontrasse, desde há momentos, vigilando junto desta porta, teriam sido os vossos planos conhecidos dentro do palácio, antes de vós entrardes. Mas, para evitar isso, tomei precauções. Agora acabai

com a vossa longa conversa e com essas vozes intermináveis de alegria e vinde para dentro. Em casos como este hesitar é um mal. Urge libertarmo-nos da empresa.

ORESTES

Que ambiente encontrarei no palácio, quando lá entrar?

PRECEPTOR

Bom. Tens a sorte de ninguém te conhecer.

ORESTES

Anunciaste, penso eu, que tinha morrido?

PRECEPTOR

Podes estar certo de que lá dentro consideram-te um dos que habitam no Hades.

ORESTES

Eles alegram-se, então, com isso? E que dizem?

PRECEPTOR

Depois de terminarmos, responderei. Tudo quanto se refere a eles está bem, como presentemente está, mesmo o que não esteja bem.

ELECTRA

Ó meu irmão, quem é este homem? Responde-me, pelos deuses!

ORESTES

Não o conheces?

ELECTRA

Não me lembro dele.

ORESTES

Não sabes a quem me entregaste, outrora?

ELECTRA

A quem? Que dizes tu?

ORESTES

Eu refiro-me àquele por cujas mãos fui levado para a Fócida, graças às tuas precauções.

ELECTRA

Foi este homem, entre muitos outros, o único que encontrei, outrora, digno de confiança, por ocasião do assassinato do pai?

ORESTES

Sim. Mas não me peças informações mais minuciosas.

ELECTRA

Ó dia mais belo, entre todos! Ó salvador único da casa de Agamémnone, como apareceste aqui? És tu quem salvou a Orestes e a mim de desgraças sem conta? Ó mãos amabilíssimas daquele cujos pés se prestaram ao mais doce dos serviços! Como é que tu, amigo, com quem em tempos convivi, me passaste despercebido e não te deste a conhecer, antes me mortificaste com palavras, não obstante serem-me agradabilíssimas as tuas obras? Salve, ó pai — eu creio, na verdade, ver um pai em ti —, salve! Tem por certo que, entre os homens, és aquele a quem mais odiei e amei, no mesmo dia.

PRECEPTOR

Parece-me que basta de palavras. Quanto ao que desde outrora até hoje se passou, Electra, disso serás informada ao certo durante muitas noites e outros tantos dias, na sucessão dos tempos. A vós dois declaro que é já tempo de entrardes em acção. Clitemnestra agora está só e nenhum dos homens se encontra no palácio. Se demorais, vede que tereis de combater não só com estes, mas com muitos outros, mais astutos do que estes.

ORESTES

Esta empresa, Pílades, não exige de nós mais longos discursos. Vamos para dentro o mais depressa possível, depois de saudar as imagens dos deuses dos nossos antepassados que se encontram neste pórtico.

(Orestes e o Preceptor entram, acompanhados de Pílades, no palácio)

ELECTRA

Ó rei Apolo, escuta, propício, a estes dois e a mim também, que já te ofereci muitas vezes com mão súplice aquilo que eu podia. Hoje, ó Apolo Lício [73], peço-te com toda a instância [74] e suplico-te, prostrada de joelhos, que sejas auxiliar benévolo dos nossos projectos e mostres aos homens como os deuses castigam a impiedade.

(Entra no palácio)

ELECTRA, CLITEMNESTRA (no interior) E CORO

CORO

Vede como Ares avança, na sua fúria irresistível de sangue!... Penetraram já no palácio as cadelas inevitáveis [75], que perse-

guem crimes hediondos; de sorte que o sonho da minha alma não ficará por muito tempo a pairar na indecisão.

O vingador dos manes, com furtivo pé, entra no palácio, na sede do pai, erário de antigas riquezas; e leva nas mãos um ferro recentemente afiado [76]. Hermes, o filho de Maia, envolvendo-o no seu ardil de treva, condu-lo, sem mais demora, para o seu fim.

(Electra sai do palácio)

ELECTRA

Ó donzelas caríssimas, os homens, em breve, levarão a cabo a sua empresa. Esperai em silêncio!

CORO

Como? Que fazem eles agora?

ELECTRA

Ela enfeita a urna para os funerais. E os dois estão ao seu lado.

CORO

Porque saíste para fora?

ELECTRA

Para vigiar que Egisto, no seu regresso, não entre por surpresa.

CLITEMNESTRA

Ai, ai!... Oh dor, o palácio sem amigos e cheio de assassinos!...

ELECTRA

Alguém grita lá dentro. Não ouvistes, amigas?

CORO

Ouvi o que eu, infeliz, não quereria ouvir e que me faz estremecer.

CLITEMNESTRA

Ai, desgraçada de mim! Ó Egisto, onde te encontras tu?

ELECTRA

Escuta! De novo gritos.

CLITEMNESTRA

Ó filho, ó meu filho, tem compaixão da tua mãe!...

ELECTRA

Tu também não tiveste pena dele e do pai que o gerou.

CORO

Ó cidade, ó infeliz geração, chegou a hora de o fado do presente dia te exterminar [77]!...

CLITEMNESTRA

Ai de mim, que sou espancada!...

ELECTRA

Dá-lhe segundo golpe, se podes!

CLITEMNESTRA

Ai, ainda outra vez!...

ELECTRA

Oxalá fosse também em Egisto!...

CORO

As imprecações cumprem-se. Os que jazem sob a terra vivem ainda. Eles, que pereceram outrora, reclamam que, em vingança, corra o sangue dos seus assassinos!

(Orestes, Pílades e o Preceptor aparecem às portas do palácio)

CORO

[Ei-los aqui de novo! A sua mão sangrenta goteja ainda do sacrifício a Ares! Eu não os posso censurar [78].]

ELECTRA

Orestes, como decorreu a empresa [79]?

ORESTES

No palácio decorreu bem, se o vaticínio de Apolo foi exacto.

ELECTRA

A infeliz está morta?

ORESTES

Podes estar descansada, que a insolência da mãe não tornará a insultar-te.

ELECTRA

..... [80]

ORESTES

..... [80]

CORO

Calai-vos! Eu vejo Egisto, sem dúvida alguma.

ORESTES

.....[81]

ELECTRA

Ó moços, não entrais de novo?

ORESTES

Vedes o homem? Está perto de nós?

ELECTRA

Ele caminha, alegre, dos subúrbios [82].

CORO

Voltai o mais depressa possível para o vestíbulo; e sede tão felizes na segunda empresa como na primeira!

ORESTES

Tem ânimo! Nós levaremos a cabo a obra [83].

ELECTRA

Apressa-te, então, e faz como entenderes.

ORESTES

Eu vou imediatamente.

ELECTRA

Quanto ao que importa fazer aqui, isso fica ao meu cuidado.

(Orestes, Pílades e o Preceptor entram de novo no palácio)

CORO

Seria oportuno dizer ao ouvido deste homem algumas palavras aprazíveis, para que inopinadamente se envolva na luta vingadora. *(Egisto entra.)*

EGISTO, ORESTES, ELECTRA E O CORO

EGISTO

Quem de vós sabe dizer onde se encontram os estrangeiros da Fócida, que, segundo dizem, nos vêm anunciar a morte de Orestes, entre os destroços de um carro? *(Para Electra.)* É a ti quem eu interrogo, sim, a ti, tão atrevida antes, pois julgo que o caso te interessa sobremaneira e que melhor que ninguém me poderias informar.

ELECTRA

Eu sei isso. Porque não devia sabê-lo? De outra sorte, seria alheia à infelicidade das pessoas que me são mais queridas.

EGISTO

Onde se encontram, então, os estrangeiros? Declara-mo!

ELECTRA

No interior do palácio. Eles entraram na casa de uma amável hospedeira.

EGISTO

E anunciaram verdadeiramente que Orestes está morto?

ELECTRA

Não só por palavras; eles apresentaram também a prova.

EGISTO

Poderei então vê-la com os próprios olhos?

ELECTRA

Podes; ainda que o espectáculo é bem triste.

EGISTO

Contra o teu costume, tu alegras-me em extremo.

ELECTRA

Bom! Alegra-te, se encontras motivo para isso.

EGISTO

Eu ordeno silêncio! Que se abram as portas aos olhares dos Micénios e Argivos! Se algum deles nutria anteriormente esperanças vãs, a respeito deste homem, vendo-o hoje morto, que se acomode ao meu freio e não me obrigue a fazê-lo ganhar juízo, à força, por meio de castigos.

ELECTRA

Eu já vou executar as tuas ordens, porque aprendi, finalmente, a ser sensata e dócil aos meus senhores.

(Abrem-se as portas e vêem-se Orestes e Pílades de pé, junto de um cadáver coberto com um pano)

EGISTO

Ó Zeus, eis a visão de um morto, que, sem malquerença, me é agradável [84]! Mas, se o que digo é censurável, então retiro a palavra. Afastai de todo o véu ao meu olhar, para que o consanguíneo receba o preito das minhas lágrimas.

ORESTES

Afasta-o tu próprio. Não me interessa a mim, mas a ti ver o que ele encobre e saudar um parente com amor.

EGISTO

Bom conselho; e eu quero segui-lo. *(Para Electra.)* Vai chamar Clitemnestra, se, porventura, está em casa!

ELECTRA

Ela está perto de ti. Não a procures noutra parte!

EGISTO

(levanta o véu)

Oh!... Que vejo eu?

ORESTES

Quem te assusta? Desconheces quem está ali?

EGISTO

Nos laços de que homens caí eu, miserável?!...

ORESTES

Não percebes que, desde momentos, estás a falar com vivos que eram tidos por mortos?

EGISTO

Ai de mim! Compreendo o que dizes, pois não pode ser outrem senão Orestes quem fala comigo.

ORESTES

E, sendo um adivinho sem par, como andaste tanto tempo enganado?

EGISTO

Desgraçado de mim, que estou perdido! Permite, contudo, que te diga uma breve palavra!

ELECTRA

Pelos deuses, irmão, não o deixes falar mais, nem prolongar a conversa! [Quando se trata de homens acostumados ao crime, que lucro tiraria da dilação o que está para morrer [85]?] Mata-o o mais depressa possível; e, depois de morto, entrega-o aos coveiros [86], longe de nós, aos quais é justo que pertença, pois só isto me libertaria das minhas penas anteriores.

ORESTES

Entra para dentro sem demora! Não se trata, presentemente, de um debate de palavras, mas da tua vida.

EGISTO

Porque me mandas entrar no palácio? Sendo honesta a acção, porque precisas da sombra e não te resolves a matar-me já?

ORESTES

Não me dês ordens! Caminha para onde mataste o meu pai, pois deves morrer, nesse lugar.

EGISTO

É, porventura, absolutamente necessário que este palácio veja as desgraças dos Pelópidas, tanto as presentes como as futuras [87]?

ORESTES

As tuas, certamente; delas sou eu um adivinho infalível.

EGISTO

Tu orgulhas-te de uma arte que não herdaste do teu pai.

ORESTES

Tu falas demasiado e retardas a partida. Caminha!

EGISTO

Vai à frente!

ORESTES

Não; adiante deves ir tu.

EGISTO

Tens medo de que te fuja?

ORESTES

Não; mas de que tenhas uma morte a teu gosto. Eu cuidarei, todavia, que ela te seja amarga. [Todo aquele que ousasse transgredir as leis deveria, sem dilação, sofrer um semelhante castigo — a morte. Assim evitar-se-iam muitos crimes [88].] *(Entram para o palácio.)*

CORO

Ó descendência de Atreu, como conseguiste a custo a liberdade, após tantas desditas, pelo labor do dia presente!...

FILOCTETES

PERSONAGENS

Ulisses
Neoptólemo
Filoctetes
Um comerciante
Héracles
Coro de marinheiros

A cena passa-se nas costas da ilha de Lemnos, diante da gruta de Filoctetes. Região deserta

ULISSES E NEOPTÓLEMO
(seguidos de um marinheiro)

ULISSES

Eis a costa de Lemnos, da terra rodeada pelas ondas, sem vestígios de pé do homem e deserta [1]. Foi aqui, ó Neoptólemo, filho de Aquiles, do mais valente dos Gregos, onde deixei, outrora, o Maleiense [2], filho de Peias, por ordem dos comandantes do exército, por ter uma chaga corrosiva no pé, que supurava nojento pus. Nós não podíamos executar em paz uma libação ou um sacrifício, sem que ele enchesse, de contínuo, o acampamento com horríveis vozes de mau agoiro, com os seus gritos e as suas lamúrias. Mas porque referir-me a tais coisas? O momento não é para longos discursos. Pode suceder que ele se informe da minha vinda e transtorne o plano, por meio do qual tenciono capturá-lo brevemente. Enfim, encarrega-te, neste momento, de me prestar o teu auxílio e de investigar onde existe aqui um rochedo de entrada dupla, de tal maneira disposto que, no Inverno, ofereça um duplo assento ao Sol e que, no Verão, a brisa, passando de lado a lado, introduza na gruta o sono. Um pouco abaixo, à esquerda, hás-de encontrar uma fonte, se é que não secou. Aproxima-te, em silêncio, e indica-me por sinais se ele ainda habita nesses sítios ou se foi viver para outra parte, a fim de que possa dizer o que falta explicar-te e tu o percebas; e assim harmonizemos os nossos esforços.

NEOPTÓLEMO

A empresa de que falas, comandante Ulisses, será executada, em breve [3]. Eu julgo ver uma caverna semelhante à que descreveste.

ULISSES

No lado de cima ou em baixo? Eu não vejo nada.

NEOPTÓLEMO

Aqui em cima. E nenhum ruído de passos...

ULISSES

Vê, não esteja deitado a dormir.

NEOPTÓLEMO

Eu vejo a habitação deserta. Lá dentro não está ninguém.

ULISSES

Nem existem aí sinais de ela ser habitada?

NEOPTÓLEMO

Apenas a folhagem disposta em forma de leito indica que reside aqui alguém.

ULISSES

Afora isso, não contém mais nada a caverna debaixo do seu tecto?

NEOPTÓLEMO

Contém um copo de madeira, obra de artista reles, além destas acendalhas.

ULISSES

É toda a sua riqueza isso que tu mencionas?

NEOPTÓLEMO

Ai, ai! Também aqueles trapos que estão a secar, cheios de nojento pus.

ULISSES

Seguramente, o homem habita neste lugar; e, por certo, não está longe. Como poderia afastar-se muito um homem, a quem um mal antigo martiriza um pé? Não; ele saiu em busca de alimento ou de alguma planta para mitigar as dores, cuja existência conhece algures. Por isso, envia como espião esse homem que tens ao lado, não suceda que caia sobre mim inopinadamente. Ele preferiria apoderar-se de mim a apoderar-se de todos os argivos juntos. *(O marinheiro afasta-se.)*

NEOPTÓLEMO

O homem já parte e observará o caminho. Tu, se desejas mais alguma coisa, dize-me isso bem pormenorizadamente.

ULISSES

Ó filho de Aquiles, é necessário que não sejas dotado apenas de força física para execução da tarefa que te trouxe aqui; mas, caso ouças alguma recomendação que não tivesses ouvido antes, deves prestar-me também nisso a tua ajuda, pois para me ajudar é que vieste.

NEOPTÓLEMO

Que ordenas então?

ULISSES

Para captares com as tuas palavras o ânimo de Filoctetes, importa, quando te perguntar quem és, e donde vens, dizeres-

-lhe que és filho de Aquiles — isto não deves ocultar — e que navegas para o teu país, depois de abandonar a armada dos Aqueus, movido por um ódio figadal. Acrescenta que com os seus rogos eles tinham-te feito partir da pátria, alegando que este era o único meio de tomar Tróia; mas que, anuindo tu, em lugar de te darem as armas de Aquiles, que justamente reclamavas, atribuíram-nas a Ulisses. Nesta narração podes atirar contra mim os mais feios ultrajes que quiseres, porque não me ofenderás com isso; ao contrário, não fazendo assim, causarás aflição a todos os argivos, porque, se não te apoderares do seu arco, não te será possível conquistar a planície de Dárdano [4].

Sabe, além disso, a razão pela qual não me é possível a mim, mas só a ti conversar com segurança e confiadamente com Filoctetes: tu não navegaste para Tróia obrigado a alguém por juramento [5] ou constrangido, nem fizeste parte da nossa primeira expedição [6]. Quanto a mim, nada disto se pode dizer; por isso, se ele, que é senhor do arco, me descobre, estarei perdido e serei causa da tua morte. Deves, portanto, imaginar uma maneira astuta de lhe subtrair esse arco invencível.

Eu sei muito bem que a natureza não te dotou de língua para tais embustes nem de engenho para preparar ardis. Todavia, porque é doce conseguir a vitória, esforça-te ousadamente por alcançá-la, que, mais tarde, provaremos que somos honestos. Desempenha agora, durante o curto espaço de um dia, o papel de impudente; depois, no restante tempo da vida, faz-te chamar o mais virtuoso dos homens.

NEOPTÓLEMO

Ó filho de Laertes, aquilo que me repugna ouvir, detesto também pô-lo por obra. Na verdade, não sou inclinado de natureza a servir-me de meios fraudulentos, como tão-pouco o meu pai o era, segundo dizem. Por isso, estou pronto a conduzir o homem à força, mas jamais por dolo, porque, servindo-se apenas de um

pé, não nos poderá vencer a nós, que somos tantos [7]. Eu fui enviado aqui para te ajudar e não gostaria de ser chamado traidor; contudo, quero antes proceder honradamente e ser mal sucedido do que triunfar com velhacaria.

ULISSES

Também eu, ó filho de um pai valente, era na minha juventude inexpedito de língua e activo de mãos; hoje, porém, após a experiência, vejo que, entre os mortais, é a língua, não as obras, quem tudo guia.

NEOPTÓLEMO

De que missão me encarregas, que não seja intrujice?

ULISSES

Eu exorto-te a apoderares-te de Filoctetes pela astúcia.

NEOPTÓLEMO

Porque devo trazê-lo pela astúcia e não pela persuasão?

ULISSES

Ele não se deixa convencer; e à força não te apoderarás do homem.

NEOPTÓLEMO

Possui ele alguma coisa tão terrível, em cuja eficácia põe a sua confiança?

ULISSES

Sim; as suas setas infalíveis e que produzem a morte.

NEOPTÓLEMO

Corre então perigo quem se aproximar dele?

ULISSES

Certamente; a não ser que o prenda por astúcia, como eu disse.

NEOPTÓLEMO

Julgas, portanto, que não é vergonhoso mentir?

ULISSES

Sim; se com a mentira consegues salvar a vida.

NEOPTÓLEMO

Com que cara ousará alguém ter uma tal linguagem?

ULISSES

Quando se atende ao proveito, não se deve hesitar.

NEOPTÓLEMO

E que proveito é o meu, se ele for para Tróia?

ULISSES

Só o seu arco poderá tomar a cidade.

NEOPTÓLEMO

Não sou eu quem a há-de tomar, como vós afirmáveis?

ULISSES

Não és tu sem o arco, nem o arco sem ti.

NEOPTÓ LEMO

Nesse caso, importa apoderar-me dele.

ULISSES

Conseguindo isto, terás dois proveitos.

NEOPTÓLEMO

Quais? Se os conhecer, não recusarei a empresa.

ULISSES

Chamar-te-ão sagaz e valente.

NEOPTÓLEMO

Está bem! Farei o que dizes, sem me importar mais com o pudor.

ULISSES

Lembras-te do que te recomendei?

NEOPTÓLEMO

Confia em mim, depois de ter-to prometido uma vez.

ULISSES

Agora espera o homem aqui e acolhe-o, que eu retiro-me; temo que note a minha presença. Quanto ao espia, reenviá-lo-ei para a nave. Mas, se me parecer que demorais demasiado, mandá-lo-ei de novo aqui, depois de o disfarçar em patrão de navio, a fim de que não seja reconhecido. Da sua linguagem artificiosa retém, filho, aquilo que, em toda a ocasião, te possa ser útil. Eu vou para a nave e a ti confio a empresa. Que Hermes, o

condutor astuto, nos guie a ambos, bem como Atena, a deusa da vitória e protectora da minha cidade, que me protege sempre. *(Sai. Entra o Coro).*

NEOPTÓLEMO E O CORO

CORO

Que devo eu, estrangeiro em terra estranha, que devo eu, senhor, ocultar ou dizer ao homem suspeito?

Ensina-me, porque em solércia e conselho supera os outros homens quem tem nas mãos o ceptro divino de Zeus.

De longínquos antepassados adveio, ó filho, todo o teu poder. A ti pertence, pois, dizer-me que serviço te devo prestar.

NEOPTÓLEMO

Agora (talvez desejes ver ali, no extremo, o lugar onde ele habita) podes olhar sem medo.

Mas, quando o terrível caminhante chegar, conserva-te sempre ao meu lado, fora da gruta, e trata de me ajudar, segundo a ocasião.

CORO

Eu já observava antes o aviso que me dás, senhor, de ter o olhar atento [8], para te servir o melhor possível. Mas dize-me, agora, qual é a sua habitação e em que lugar se encontra o homem. Para que não me surpreenda inopinadamente, não é fora de propósito saber isto: Que lugar ou que assento ocupa ele? Por onde anda? Está dentro ou fora da sua morada?

NEOPTÓLEMO

Essa rocha que vês com entrada dupla é a sua pétrea habitação.

CORO

Mas para onde se ausentou o infeliz?

NEOPTÓLEMO

Creio que se arrastou em busca de comida, para alguma parte, não longe de aqui.

Como dizem, este é o modo de vida do infeliz — matar, na sua miséria [9], a caça com aladas setas.

E ninguém se aproxima dele, para dar remédio aos seus males.

CORO

Causa dó que nenhum dos mortais se preocupe com esse homem; e que o desgraçado, sempre só, não tenha a presença de um olhar amigo.

Ele sofre de um mal atroz, e enfurece-se contra a sua pobreza contínua. Como poderá, como poderá o infeliz resistir?

Ai, desígnios dos deuses [10]!... Ai, raça miserável dos homens, a quem a vida é intolerável [11]!...

Este, que não é inferior, por certo, a nenhum dos descendentes de nobres casas, está na vida privado de tudo, isolado, longe dos outros homens, entre malhadas e hirsutas feras.

E cruciam o infeliz dores e fome juntamente, além de cuidados sem remédio, enquanto o eco, ressoando de contínuo ao longe, os seus amargos gemidos repete [12].

NEOPTÓLEMO

Nada disto me causa admiração. Se eu compreendo alguma coisa, os seus males provêm dos deuses; deveu-os à cruel Crisa [13], assim como os que sofre agora sem amparo algum, sem dúvida por desígnio dos deuses, a fim de que não dispare contra Tróia

os invencíveis dardos divinos, antes de chegar o tempo em que, como dizem, esta cidade deve ser por eles expugnada.

CORO

Cala-te, filho!

NEOPTÓLEMO

Que há?

CORO

Ouvi um ruído próprio de um homem que sofre dores.

[Foi deste lado? Foi daquele?... Fere-me, fere-me o ouvido um som, que só pode ser de quem se arrasta a custo; e reconheço bem a voz dolente, longínqua de um homem sem forças. Ele lamenta-se com toda a certeza [14].]

Acautela-te, filho...

NEOPTÓLEMO

De quê?

CORO

De trabalhos iminentes.

O homem, que já não está longe daqui, não modula sons de flauta, como um pastor pelos campos. Talvez, por ter tropeçado, deu com dores um grito que se ouviu ao longe. Não seria por ter visto o porto inóspito a navios [15] que ele gritou angustiosamente [16]? *(Filoctetes entra.)*

OS MESMOS E FILOCTETES

FILOCTETES

Oh, estrangeiros!... Quem sois vós, que num barco a remos viestes ter a esta terra sem porto e desabitada? A que país ou

que povo devo dizer que pertenceis, sem me enganar? O vosso traje assemelha-se ao que me é mais caro do que nenhum outro, ao usado na Hélada. Mas quero ouvir-vos falar. Não receeis nem vos cause espanto o meu aspecto selvagem; tende antes compaixão deste desgraçado aqui só, ao abandono e sem amigos [17]! Falai a quem vos dirige a palavra, se vindes como pessoas amigas! Respondei-me, pois não é justo que seja privado da vossa resposta, nem tão-pouco vós da minha!

NEOPTÓLEMO

Pois bem, estrangeiro! Sabe, antes de tudo, que somos gregos, visto ser este o teu desejo.

FILOCTETES

Ó língua muito amada! Que alegria ouvir, após tão longo tempo, um Grego dirigir-me a palavra! Mas como vieste, ó filho, para aqui? Que necessidade te trouxe ou que desejo? Que vento, entre todos o mais caro? Declara-me tudo isto, para que fique a saber quem tu és.

NEOPTÓLEMO

Eu sou natural de Ciros [18], que as ondas rodeiam, e navego para a minha pátria. Chamo-me Neoptólemo; e Aquiles é o meu pai. Já ouviste tudo.

FILOCTETES

Ó filho de um pai que muito estimo, ó filho de uma terra que me é cara, ó descendente do velho Licomedes [19], porque vens a esta terra e donde navegas tu?

NEOPTÓLEMO

Acabo de chegar agora mesmo de Tróia.

FILOCTETES

Que dizes? Tu não eras nosso companheiro, na expedição que primeiro partiu para aí.

NEOPTÓLEMO

Fazias parte dessa empresa?

FILOCTETES

Ó filho, então não sabes quem tens na tua presença?

NEOPTÓLEMO

Como posso conhecer quem nunca vi?

FILOCTETES

Nunca ouviste o meu nome, nem tiveste notícia dos males que me arruinaram?

NEOPTÓLEMO

Nada sei acerca do que me perguntas.

FILOCTETES

Ai, quanto sou infeliz e odiado pelos deuses! Da minha desgraça não chegou a fama à pátria nem a nenhum ponto da terra helénica; e os que me arrojaram, impiamente, para aqui riem-se de mim em silêncio, enquanto o meu sofrimento progride sempre de mal em pior!

Ó meu filho, ó filho de Aquiles, eu sou aquele do qual, talvez, ouvisses dizer que possui as armas de Héracles. Sou Filoctetes, filho de Peias, a quem os dois generais [20] e o rei dos Cefalenes [21] aqui ignominiosamente abandonaram, consumido por

uma doença cruel, que lhe tinha causado a mordedura atroz de uma mortífera serpente [22]. Com uma tal doença, filho, eles deixaram-me neste deserto, onde tinha aportado a sua frota, no regresso da ilha de Crisa. Como me vissem a dormir na costa, na concavidade de um rochedo, fora da violenta agitação do mar [23], nessa altura fizeram-se, contentes, à vela, sem me deixarem mais nada além de uns pequenos trapos e um pouco de alimento — socorro mesquinho para um pobre desgraçado.

Oxalá lhes venha a suceder o mesmo! Podes imaginar, filho, qual foi o meu despertar do sono, depois de terem partido, a torrente de lágrimas que chorei e como lamentei a minha infelicidade? Eu vi que os navios, com os quais eu navegara, haviam partido todos! E nenhum homem neste lugar que me socorresse ou servisse de lenitivo na minha doença! Espiando em volta, não descobria mais do que motivos de aflição; e estes, meu filho, em muita abundância.

Os dias sucediam-se uns aos outros; e eu, sozinho, debaixo deste exíguo tecto, via-me obrigado a ser o criado de mim próprio. Com este arco obtinha o necessário para o estômago, caçava as pombas bravas de ágil voo; mas o que feria a seta disparada pelo arco devia-o eu, mísero, arrastar, em seguida, e arrastar também o meu miserável pé. Se precisava de beber ou de cortar lenha, quando, no Inverno, o chão estava coberto de geada, era de rastos que eu, desgraçado, me tirava de apuros. Depois, não tinha lume; mas, friccionando uma pedra contra a outra, fazia a custo jorrar a oculta chama, que sempre me tem valido. Assim, habitação e lume fornecem-me tudo; só não me dão saúde.

Agora, ó filho, escuta o que te vou dizer acerca desta ilha. Nenhum navegante se aproxima voluntariamente dela, porque não possui bom ancoradoiro; nem encontrará lucro rendoso nem hospedagem quem abordar aqui. Os marinheiros expertos não fazem viagem para estes sítios. Pode arribar algum à ilha, mas não é por sua vontade, o que sucede não raras vezes, no

longo curso da vida de um homem. Quando eles aqui aportam, filho, dirigem-me palavras compassivas e, condoídos de mim, dão-me até alguma porção de alimento ou algum vestido; mas, quanto a levar-me para a pátria, todos se negam, quando disso faço menção. Assim, vou sucumbindo, miseravelmente, há já dez anos, vítima da fome e das dores provenientes desta chaga insaciável que me devora.

Tal é, ó filho, o que me fizeram os Atridas e Ulisses, aos quais dêem os deuses olímpicos, um dia, a paga do mal que me causaram.

CORO

É natural, filho de Peias, que me compadeça de ti, como os estrangeiros que abordam a esta ilha.

NEOPTÓLEMO

Eu próprio posso dar testemunho em favor do que acabaste de dizer. Sei que isso é verdade, porque já me ensinou a experiência quão malvados são esses homens — os Atridas e Ulisses.

FILOCTETES

Porventura também tens queixa contra esses malvados Atridas? Fizeram-te algum mal, para estares encolerizado contra eles?

NEOPTÓLEMO

Oxalá pudesse, um dia, cevar neles, com o meu braço, esta cólera, para Micenas e Esparta conhecerem que Ciros também é berço de homens valentes!

FILOCTETES

Bravo, meu filho! Mas que razão te leva a imputar-lhes o motivo da tua cólera?

NEOPTÓLEMO

Ó filho de Peias, ainda que me custa, vou dizer-te as injúrias que deles sofri, desde que fui para a sua companhia. Quando a Aquiles sobreveio a morte...

FILOCTETES

Oh, dor!... Não continues; conta-me primeiro isso. Então o filho de Peleu já não vive?

NEOPTÓLEMO

Morreu, ferido por nenhum homem, mas por um deus. Como dizem, foi uma flecha de Apolo que o matou [24].

FILOCTETES

Então eram nobres o assassino e a sua vítima. Mas eu estou embaraçado, filho: não sei se devo informar-me primeiro da injúria que sofreste ou chorar a morte deste herói.

NEOPTÓLEMO

Eu creio, ó infeliz, que já te bastam as tuas desgraças e que escusas de chorar as dos outros.

FILOCTETES

Dizes bem. Continua, então, a falar do agravo que, petulantemente, te fizeram.

NEOPTÓLEMO

O divino Ulisses e o preceptor do meu pai [25], tendo ido ter comigo num navio festivamente ornamentado, declararam, com verdade ou sem fundamento, que, após a morte de meu pai, não era permitido a outrem, além de mim, tomar a fortaleza troiana. Apenas ouvidas estas palavras, estrangeiro, não me

detive mais tempo, mas embarquei logo, levado, sobretudo, pelo afecto para com o morto, para que o visse insepulto, pois nunca o tinha visto antes. A isto ajuntava-se ainda a bela perspectiva de conquistar Tróia, no caso de eu ir.

O navio chegou, com vento favorável, no segundo dia de viagem, ao inviso Sigeu [26]. Ao sair do navio, fui saudado, acto contínuo, por todo o exército, em volta, o qual jurava ver de novo a Aquiles, o herói que já tinha morrido e cujo cadáver jazia lá. Depois de o ter chorado, fui, para minha infelicidade, procurar, sem perda de tempo, os meus amigos, os filhos de Atreu, como era natural, e pedir-lhes as armas do meu pai e o resto que lhe pertencia. Eles, porém (ai de mim!) deram-me a mais insolente das respostas: *Ó filho de Aquiles, tudo o que pertenceu a teu pai podes levá-lo, mas as armas já as tomou um outro guerreiro, o filho de Laertes.* As lágrimas afloraram-me aos olhos [27]; e de repente levanto-me, dominado por uma veemente cólera, e digo-lhes com amarga dor: *Miseráveis! Como ousastes, sem me consultar primeiro, dar a outrem e não a mim as armas que me pertenciam?* A isto respondeu Ulisses, que estava ao lado: *Sim, meu rapaz, deram-mas a mim com toda a razão, porque fui eu, por encontrar-me presente, quem as salvou juntamente com o cadáver de Aquiles.* Então, indignado, cobri-o, sem mais delongas nem disfarce, de todos os insultos [28], caso ousasse despojar-me das armas. Então ele, ofendido pelas palavras que ouvira, apesar de não ser atreito a cólera, replicou-me assim: *Tu não estavas onde nós estávamos; encontravas-te ausente, onde não devias estar. Com estas armas, em paga da tua linguagem atrevida, nunca regressarás a Ciros.* Por ter ouvido tais palavras e sofrido uma semelhante afronta é que navego agora para a pátria, privado do que era meu por Ulisses, esse malvado, filho de malvada gente [29]. Mas eu não atribuo tanto as culpas a este como aos chefes supremos; porque tanto um Estado como todo um exército depende dos seus chefes, assim como, entre os homens, os que procedem incorrectamente devem o seu mau porte ao exemplo dos seus mestres.

E já disse tudo. Oxalá seja tão caro aos deuses quem odeia os Atridas, como é a mim!

CORO

Ó montanhosa Terra nutridora de tudo, mãe do próprio Zeus, que dominas sobre o grande Pactolo [30] aurífero! Eu já te invoquei, além, mãe augusta [31], quando toda a insolência dos Atridas se desencadeou contra este herói, ao darem ao Laertíades as armas do pai. Ó deusa feliz, que tens por assento tauróctonos leões, esta foi uma honraria demasiada para Ulisses.

FILOCTETES

Como vejo, estrangeiros, vós navegastes para mim com uma prova clara da ofensa recebida. Os vossos sentimentos concordam com os meus; e reconheço que as vossas desgraças são obra dos Atridas e de Ulisses. Este, como muito bem sei, empreende com a língua todo o género de embustes e de maldade; e nada que seja nobre leva a cabo. Mas isso não me causa admiração; o que me admiraria era que o grande Ájax, caso estivesse presente, suportasse uma tal injustiça.

NEOPTÓLEMO

Já não vivia, estrangeiro; porquanto, se ele vivesse, jamais seria privado das minhas armas.

FILOCTETES

Que dizes? Também ele morreu?

NEOPTÓLEMO

Sim. Já não goza da luz do dia.

FILOCTETES

Oh, coitado! Só não morre o filho de Tideu [32] nem aquele que Laertes comprara a Sísifo [33]. Estes é que deviam morrer.

NEOPTÓLEMO

Sem dúvida. Mas fica sabendo que eles gozam, presentemente, de grande prestígio no exército dos Argivos.

FILOCTETES

E que me dizes do meu velho e excelente amigo, de Nestor de Pilo? Vive ainda? Com os seus sábios conselhos costumava impedir os excessos daqueles.

NEOPTÓLEMO

Agora passa mal, desde que a morte lhe arrebatou o seu filho Antíloco [34].

FILOCTETES

Oh, dor! Tu nomeaste dois homens [35], dos quais eu não quereria, de modo algum, ouvir dizer que estivessem mortos. Oh! Para onde lançar a vista, depois de estes dois terem morrido e Ulisses andar ainda por este mundo, onde oxalá corresse a fama da sua morte, em vez da daqueles!

NEOPTÓLEMO

Ele é um hábil combatente; mas também os espíritos hábeis, Filoctetes, falham muitas vezes [36].

FILOCTETES

Dize-me ainda, pelos deuses, onde se encontrava, então, Pátroclo, o maior amigo que teu pai tinha [37]?

NEOPTÓLEMO

Morrera também. Uma breve palavra dar-te-á a explicação: a guerra nunca faz desaparecer, de bom grado, um homem mau; ao contrário, os bons nunca lhe escapam.

FILOCTETES

Disso sou eu também testemunha; por essa causa, quero agora perguntar-te por um homem indigno, mas hábil de língua e astuto. Que é feito dele?

NEOPTÓLEMO

Que homem é esse, de quem falas? Não é de Ulisses?

FILOCTETES

Não me queria referir a esse, mas a um certo Tersites [38], o qual não se contentava com falar uma só vez, ainda que não lho permitissem. Sabes se ele ainda é vivo?

NEOPTÓLEMO

Não o vi; mas ouvi dizer que ainda vive.

FILOCTETES

Sim, deve viver; porque, do que é mau, nada morre. Os deuses protegem-no bem. Eles gostam de afastar do Hades toda a malvadez e velhacaria e enviam para lá sempre o que é justo e nobre. Como se deve compreender tal? Como louvar isto, se, quando quero aplaudir a acção divina [39], descubro que os deuses são maus [40]?

NEOPTÓLEMO

Ó filho de um pai de Eta [41], eu acautelar-me-ei, no futuro,

de ver Tróia e os Atridas, a não ser de longe. A homens, entre os quais o perverso predomina sobre o justo, perece a honra e triunfa a poltronice, a estes não darei jamais a minha estima. Contentar-me-ei, de hoje em diante, com a rochosa Ciros e porei no lar os meus encantos.

Agora vou para o navio; e tu, filho de Peias, recebe o nosso adeus mais cordial. Adeus! Que os deuses te curem da tua doença, consoante os teus desejos! Quanto a nós, partimos. Logo que um deus nos conceda vento favorável, devemos, nessa altura, fazer-nos à vela.

FILOCTETES

Já vos ides, filho?

NEOPTÓLEMO

A ocasião aconselha a não olhar para a monção de longe, mas de perto.

FILOCTETES

Por teu pai, por tua mãe e por qualquer outro ser, filho, a que, em casa, tenhas amor, suplico-te que não me deixes ficar aqui só, abandonado a estes meus sofrimentos, dos quais, como vês e como ouviste, estou rodeado! Faz de conta que sou uma carga suplementar do teu navio. O incómodo que dá o fardo deste meu corpo é grande, bem o sei. Contudo, anima-te! Os que têm um coração nobre odeiam só o que é infamante e consideram honrosa a virtude. Para ti, se me recusares este favor, obterás um feio opróbrio; mas, se mo concederes, filho, se eu chegar vivo à terra dos Eteus, alcançarás com isso a maior das glórias.

Vamos! Isto não é trabalho que dure sequer um dia inteiro. Ânimo! Lança-me onde quiseres, contanto que eu vá — no porão, na proa, na ré, onde, enfim, de modo algum deva incomodar os teus companheiros. Por Zeus, protector dos supli-

cantes, não me recuses isto, filho! Compadece-te de mim! Eu lanço-me de joelhos diante de ti, apesar de ser um infeliz sem forças e coxo.

Eia, não me deixes ficar neste deserto, sem vestígios de passos do homem! Leva-me para a tua casa ou para a morada de Calcodonte [42], em Eubeia! Dali já não é uma longa viagem até Eta, até aos montes de Traquina [43] ou até à bela corrente do Esperquio [44]; e assim me restituirás a meu querido pai, o qual receio que tenha já há muito morrido. Muitas vezes, por meio dos que por aqui passam, lhe supliquei ardentemente que ele próprio me viesse buscar com um navio e me levasse para casa. Mas morreu ou os portadores dos meus pedidos importaram-se, provavelmente, como julgo, pouco comigo, na pressa de chegarem à sua terra. Desta vez, porém, volto-me para ti, para que sejas o meu condutor e, ao mesmo tempo, o meu mensageiro.

Salva-me, tem pena de mim! Vê como para os mortais tudo é para temer e cheio de perigos, tanto na felicidade como na desgraça. Quem está livre de trabalhos deve abrir os olhos para o pior; e, quando se possuem riquezas, então é que mais se deve atender a elas, para que não pereçam, despercebidamente.

CORO

Compadece-te, senhor! Ele manifestou os seus muitos e insuportáveis reveses.

Oxalá nenhum dos meus amigos venha a sofrer tantos!

Se odeias, senhor, os Atridas hostis, eu converteria, no teu caso, as maldades deles em proveito deste; e conduzi-lo-ia, segundo os seus desejos, num navio bem armado e rápido, para a sua pátria, a fim de eu próprio escapar à vingança dos deuses [45].

NEOPTÓLEMO

Acautela-te! Não te mostres agora condescendente, não suceda

que, quando te sentires enojado pela companhia do seu mal, venhas, então, a contradizer estas tuas palavras.

CORO

De modo algum. Nunca terás razão para me fazeres essa censura.

NEOPTÓLEMO

Seria, na verdade, uma vergonha parecer menos disposto do que tu a prestar um serviço ao estrangeiro, quando para isso se oferece a ocasião. Pois bem! Se assim te apraz, partamos e que ele se disponha, sem demora, para a viagem, porque o navio transportá-lo-á, sem que lhe seja feita repulsa. Levem-nos somente os deuses sãos e salvos desta terra e conduzam-nos para onde pretendemos navegar!

FILOCTETES

Ó dia de todos o mais belo! Tu, amabilíssimo varão, e vós, marinheiros queridos, como desejaria mostrar-vos por obras que amigo em mim adquiristes! Partamos, filho, mas primeiro saudemos a inóspita morada que aqui tive; e fica a saber também do que vivi e como suportei com ânimo a minha sorte. Eu creio que ninguém, excepto eu, suportaria ver sequer com os olhos esta miséria. Mas a necessidade ensinou-me a ser resignado com a minha triste sorte.

CORO

Alto! Informemo-nos do que há de novo! Dois homens caminham para nós, um marinheiro do teu navio e outro estranho. Escutai-os primeiro, depois entrai para dentro.

(Chega um comerciante acompanhado de um marinheiro)

OS MESMOS E O COMERCIANTE
(com um marinheiro)

COMERCIANTE

Ó filho de Aquiles, eu tinha rogado a este teu companheiro, que guardava com outros dois o teu navio, que me indicasse onde poderias estar. Vim ao seu encontro, sem contar com isso; e foi só por acaso que atraquei o meu barco no mesmo sítio que tu. Eu viajo, como patrão de um navio de diminuto equipamento, de Tróia para a minha terra, para a ilha de Pepareto [46], rica em uvas; mas, como ouvisse dizer aos marinheiros que navegavam todos contigo, pareceu-me bem não continuar viagem, sem te dar certas informações e receber disso a competente paga. Não sabes nada, talvez, do que se passa a teu respeito, dos novos planos que os Argivos urdem acerca de ti — não planos simplesmente, mas factos que já executam, sem a menor dilação.

NEOPTÓLEMO

Se não sou, estrangeiro, um desnaturado, ficar-te-ei reconhecido pelo favor da tua solicitude. Explica-me, pois, isso que disseste, para que fique ciente dos novos planos dos Argivos que conheces a meu respeito.

COMERCIANTE

O velho Fénix e os filhos de Teseu [47] fizeram-se à vela em tua perseguição.

NEOPTÓLEMO

Para me reconduzirem à força, ou por palavras?

COMERCIANTE

Não sei. Sou apenas um mensageiro que te anuncia o que ouviu dizer.

NEOPTÓLEMO

E será por amor dos Atridas que Fénix e os seus companheiros se lançam com tanto ardor a essa empresa?

COMERCIANTE

Estes são os factos, podes estar certo, e não coisas ainda em projecto.

NEOPTÓLEMO

Mas como é que Ulisses não se prontificou a navegar, como portador desta mensagem? Foi impedido, porventura, pelo medo?

COMERCIANTE

Ele e o filho de Tideu foram em busca de um outro homem, no momento em que eu partia.

NEOPTÓLEMO

Que homem é esse, em busca do qual o próprio Ulisses se fez à vela?

COMERCIANTE

É um certo... Mas dize-me primeiro quem é este que está aqui; e o que responderes seja em voz baixa.

NEOPTÓLEMO

Este que vês aqui, estrangeiro, é o ilustre Filoctetes.

COMERCIANTE

Não me interrogues agora mais; mas levanta âncora, o mais depressa possível, e põe-te fora desta terra.

FILOCTETES

Que diz ele, filho? Que negócio faz contigo o navegante, secretamente, a meu respeito?

NEOPTÓLEMO

Não sei ainda bem o que quer dizer. Seja o que for, deve declarar isso abertamente, na tua presença, na minha e na destes que estão aqui.

COMERCIANTE

Ó filho de Aquiles, não me indisponhas com o exército grego, mandando-me revelar o que não convém. Eu costumo receber dele boa paga pelos frequentes serviços que um pobre, como eu, pode prestar.

NEOPTÓLEMO

Sou inimigo dos Atridas; e este é o meu maior amigo, porque odeia os filhos de Atreu. Portanto, se vens aqui como amigo, não deves ocultar-nos nada daquilo que ouviste.

COMERCIANTE

Repara, filho, no que fazes!

NEOPTÓLEMO

Já reflecti nisso, há muito.

COMERCIANTE

Far-te-ei responsável pelas consequências.

NEOPTÓLEMO

Está bem, mas fala!

COMERCIANTE

Vou falar, então. É em busca deste que navegam os dois homens que ouviste mencionar, o filho de Tideu e o potente Ulisses, os quais fizeram juramento de o levar, depois de o convencerem com razões ou empregando a força. E todos os Aqueus tinham ouvido isto claramente da boca de Ulisses, porque ele afiançava mais do que o outro que levaria a empresa a cabo.

NEOPTÓLEMO

E porque voltaram os Atridas, após tão longo tempo, o sentido para este homem, que já há muito tinham rejeitado? Que desejo os moveu? Levou-os, porventura, a isso a potência dos deuses e o medo da vingança que eles infligem ao crime?

COMERCIANTE

Eu vou informar-te de tudo, porque, naturalmente, não te chegou nada aos ouvidos.

Havia um adivinho ilustre, filho de Príamo, a quem davam o nome de Héleno [48]. Este, como saísse de noite, sozinho, foi apanhado pelo astuto Ulisses, por este homem, cujo renome é só vergonha e infâmia, o qual o conduziu preso e apresentou aos Aqueus como uma bela caçada. Ora o adivinho profetizou-lhes, além doutras coisas, que nunca conseguiriam destruir a fortaleza de Tróia, enquanto não convencessem este homem a deixar esta ilha, onde presentemente habita. Apenas o filho

de Laertes ouviu isto, imediatamente se prontificou a conduzir o homem e a apresentá-lo aos Aqueus. Ele esperava que Filoctetes se deixaria prender; no caso contrário, empregaria a força. E permitiria até que lhe cortassem a própria cabeça, se o seu plano falhasse.

Já disse tudo, filho. Agora exorto-te a que procedas com diligência, não só por causa de ti, mas também por causa de outrem, pelo qual te interesses.

FILOCTETES

Ai, miserável de mim! Então esse homem, a malvadez em pessoa, jurou convencer-me a ir para a companhia dos Aqueus? Há-de convencer-me tanto como, depois de morto, a voltar do Hades a este mundo, como o pai dele [49].

COMERCIANTE

Disso não sei nada. Bom! Vou-me para o navio. E oxalá um deus vos assista o melhor possível! *(Sai.)*

FILOCTETES

Não é uma coisa inaudita, filho, que Ulisses espere, um dia, apresentar-me no meio dos Argivos, depois de me conduzir com palavras bajuladoras no seu navio? Não! Mais facilmente daria ouvidos ao bicho que mais odeio, à víbora que me inutilizou o pé. Mas ele tem língua para tudo; tudo pode ousar. E agora estou certo de que há-de vir aqui.

Eia, partamos, filho, a fim de que uma vasta extensão de mar nos separe do navio de Ulisses! Vamo-nos! Apressar-se em tempo oportuno é granjear sono e repouso, uma vez passado o trabalho.

NEOPTÓLEMO

Sim. Logo que o vento deixe de soprar da proa, então partiremos. Agora ele contraria a navegação.

FILOCTETES

O vento é sempre favorável, todas as vezes que foges de uma desgraça.

NEOPTÓLEMO

Não; mas também aos outros são contrários os ventos [50].

FILOCTETES

Para os piratas não há ventos contrários, quando se trata de roubar e de saquear.

NEOPTÓLEMO

Bom! Então partamos, se assim te apraz. Mas traz lá de dentro, primeiro, as coisas de que precisas e as que mais desejas ter.

FILOCTETES

Sim; há ali coisas de que preciso, mas não muitas.

NEOPTÓLEMO

Qual será o objecto que não poderias encontrar no meu navio?

FILOCTETES

Eu possuo uma erva que, melhor que tudo, adormenta sempre esta ferida e alivia totalmente a dor.

NEOPTÓLEMO

Trá-la então contigo. Que mais desejas ainda trazer?

FILOCTETES

Se alguma destas frechas, por descuido, me caísse ao chão, não permitiria que alguém a apanhasse.

NEOPTÓLEMO

É esse o arco célebre, o que aí tens agora?

FILOCTETES

É ele e não outro, o que seguro nas mãos.

NEOPTÓLEMO

Ser-me-á lícito contemplá-lo de perto, pegar nele e venerá-lo como a um deus?

FILOCTETES

A ti é permitido, ó filho, não só quanto ao arco, mas também quanto a outro objecto dos meus que te interesse.

NEOPTÓLEMO

Eu desejo isso, certamente; mas só sob esta condição: se é permitido, gostaria de o ver; se não é, então não te importes.

FILOCTETES

Tu tens uma linguagem pia. A ti é lícito, a ti, o único que me deixa contemplar a luz do Sol, ver as terras de Eta [51], o meu velho pai e os amigos; e que me dás o triunfo sobre os inimigos que me oprimiam. Ânimo! A ti será permitido não só tocar neste arco, mas também restituí-lo a quem to emprestou [52]; e gloriares-te de seres o único, entre os mortais, que em paga da sua virtude lhe pôs as mãos. Foi também por prestar serviços que eu o adquiri.

NEOPTÓLEMO

[Eu não me lamento por te ter visto e por adquirir a tua ami-

zade. Quem sabe pagar um benefício com outro é um amigo mais valioso do que todos os tesouros [53].] Entra para dentro!

FILOCTETES

Tu entrarás comigo, pois o meu mal reclama o teu auxílio.

(Entram ambos na gruta)

CORO
(só)

Eu ouvi dizer, não fui, porém, testemunha ocular, que foi preso a uma roda em movimento pelo filho omnipotente de Crono aquele que, um dia, ousou abeirar-se do seu leito [54]. Não sei de outiva nem vi jamais que algum mortal fosse mais infeliz do que este, o qual, sem ter maltratado ninguém nem roubado, ao contrário, tendo sido equitativo para os que o eram, perecia aqui de uma maneira tão indigna. E admiro-me como, nesta solidão, ouvindo o quebrar das ondas em redor, pôde suportar uma tal vida, uma vida toda de lágrimas.

Aqui viveu ele isolado e impotente para andar, sem ter na sua aflição algum habitante da ilha por companheiro, no qual encontrassem eco os seus lamentos causados pela ferida sangrenta e corroedora. Nem havia quem, sobrevindo algum acesso, lhe vedasse o sangue em brasa, que brotava da verminada ferida do seu pé, por meio de mitigantes ervas colhidas da terra fecunda. E arrastava-se, então, para aqui e para ali, logo que o mal deixava de roer-lhe o coração, gatinhando, como uma criança, sem a sua querida ama, por onde mais cómodo lhe fosse o caminho.

Não lhe servia de alimento fruto da terra sagrada, nem outro dos que os homens activos [55] comem, excepto quando as aladas

frechas do seu arco de célebre tiro lhe adquiriam comida para o estômago. Ai, que infeliz vida!... Há dez anos que não prova uma gota de vinho; e, se lobrigava algures águas mortas [56], para aí movia sempre o pé.

Mas hoje encontrou-o um filho de varões ilustres, que o fará feliz e grande, após a sua miséria; e na sua nau, decorridos muitos meses, leva-o, sulcando as ondas, para a pátria — a residência das malíacas ninfas [57] — e para as margens do Esperquio [58], onde o herói do éneo escudo subiu para todos os deuses, sobre os picos do Eta, no resplendor do fogo divino [59].

(Filoctetes e Neoptólemo saem da gruta)

O MESMO, FILOCTETES E NEOPTÓLEMO

NEOPTÓLEMO

Caminha, se queres! Porque emudeces sem motivo algum e estás assim, como assombrado?

FILOCTETES

Ai!... Ai!...

NEOPTÓLEMO

Que tens tu?

FILOCTETES

Nada de extraordinário. Caminha tu, filho!

NEOPTÓLEMO

Não te sobreveio alguma dor devida à tua doença?

FILOCTETES

Não; não sobreveio. Penso que vai já abrandando. Oh, deuses!...

NEOPTÓLEMO

Porque invocas os deuses, gemendo assim?

FILOCTETES

Para que eles nos venham socorrer e nos sejam propícios. Ai!... Ai!... Ai!...

NEOPTÓLEMO

Então que é que sentes? Não queres falar? Preferes continuar em silêncio? Sem dúvida, sobreveio-te algum mal.

FILOCTETES

Estou perdido, meu filho, e não poderei já ocultar-vos o meu mal. Ui!... Ele penetra fundo, traspassa-me... Ai, infeliz, infeliz que eu sou!... Estou perdido! Ele dilacera-me, filho!... Ui, que dor!... Que dor!... Ai, ai, ai!... Pelos deuses, filho, se tens alguma espada à mão, fere-me a extremidade do pé, decepa-ma o mais depressa possível! Não me poupes a vida! Ânimo!...

NEOPTÓLEMO

Que novo acesso é esse que te sobreveio assim tão de repente e te faz soltar tais gemidos e esses gritos de dor?

FILOCTETES

Tu já o sabes, filho.

NEOPTÓLEMO

Que é que eu sei?

FILOCTETES

Sim, tu já o sabes.

NEOPTÓLEMO

Mas, que tens? Eu não sei nada.

FILOCTETES

Como é possível que o ignores? Ai, ai, ai, que dor!... Ui!... Ui!...

NEOPTÓLEMO

O mal oprime-te de uma maneira horrível!

FILOCTETES

Horrível e inexplicável. Tem compaixão de mim!...

NEOPTÓLEMO

Que devo fazer?

FILOCTETES

Não temas e não me abandones. O mal só costuma sobrevir-me, após um longo intervalo, quando está já farto de divagações [60].

NEOPTÓLEMO

Oh!... Como tu és infeliz! Sim, evidentemente infeliz, por todos esses teus sofrimentos. Queres que te ampare e segure com a mão?

FILOCTETES

Não é isso. Toma este arco, como me pedias há pouco. Guarda-o com cuidado, até que passe este acesso maligno que me sobreveio agora; porque eu começo a dormir, logo que o mal chega ao seu termo. Antes não é possível descansar. Então, deves deixar-me dormir em paz. E, se, entretanto, aqueles homens [61] vierem, peço-te pelos deuses que não lhes cedas, de bom grado ou mau grado teu, nem por qualquer ardil que seja,

este arco, para que não te mates a ti próprio nem a mim, que sou o teu suplicante [62].

NEOPTÓLEMO

Está descansado! Eu terei toda a cautela. A ninguém será entregue, a não ser a ti e a mim. Passa-mo para as mãos e que me traga boa sorte!

FILOCTETES

Ei-lo; recebe-o, meu filho! Propicia, porém, a inveja [63], a fim de que não seja para ti origem de desgraças, como foi para mim e para quem o possuiu anteriormente [64].

NEOPTÓLEMO

Ó deuses, concedei-nos este voto! Que tenhamos uma navegação feliz e vento favorável para onde à divindade apraz e nos conceder navegar [65]!

FILOCTETES

Eu temo, ó filho, que o teu voto não se cumpra. Do fundo da minha ferida goteja de novo sangue negro [66]. Eu espero outro acesso.

Ui, ui, ui!... Oh, que dores!... Ai, ai!... Ó pé, por que transes me fazes passar!... Ele aproxima-se... Está já mais perto... Ai, infeliz de mim!... Vós vedes em que apuros estou. Não me fujais, eu vos peço! Ai!... Ai!...

Ó hóspede de Cefalénia [67], quem dera que esta dor te atravessasse o peito de lado a lado!

Ai, que dor!... Ai, ai!... Ainda mais uma vez! Oxalá vós, os dois capitães do exército, oxalá sofrêsseis esta doença, em minha vez, durante igual espaço de tempo! Ai de mim!...

Ó morte, ó morte, porque não acorres, enfim, ao meu incessante chamamento quotidiano?... Ó filho, ó coração nobre, agarra em mim e, depois de ter invocado este fogo de Lemnos [68],

queima-me nele! Também, um dia, julguei dever prestar este serviço ao filho de Zeus, em troca dessas armas que tu presentemente guardas [69].

Que dizes a isto, filho, que dizes a isto?... Porque não me respondes? Onde estás tu?

NEOPTÓLEMO

Há muito que sofro e te lamento por causa desses teus males.

FILOCTETES

Eia, filho, cobra ânimo! Esta doença acomete-me com veemência, mas afasta-se depressa. Oh, eu suplico-te, não me deixes ficar aqui só!

NEOPTÓLEMO

Confia! Nós ficaremos.

FILOCTETES

Ficarás?

NEOPTÓLEMO

Tem a certeza disso.

FILOCTETES

Não quero, filho, ligar-te com juramento.

NEOPTÓLEMO

Não me é, com efeito, permitido partir sem ti.

FILOCTETES

Dá-me como penhor a tua mão.

NEOPTÓLEMO

Dou como prova de que ficarei.

FILOCTETES

Para além, agora, para além...

NEOPTÓLEMO

Para onde dizes tu?

FILOCTETES

Para cima...

NEOPTÓLEMO

Que novo delírio é esse? Porque olhas tu para a roda do Sol, lá no alto?

FILOCTETES

Deixa-me, deixa-me!

NEOPTÓLEMO

Para onde queres que te deixe ir?

FILOCTETES

Deixa-me, finalmente!

NEOPTÓLEMO

Não! Eu devo segurar-te.

FILOCTETES

Matar-me-ás, se me tocas.

NEOPTÓLEMO

Pois bem! Então deixo-te. Já estás mais senhor de ti?

FILOCTETES

Recebe-me, ó terra, moribundo, como estou! Este mal não me deixa mais suster-me de pé. *(Cai por terra.)*

NEOPTÓLEMO

Parece que o sono vai apoderar-se do homem, dentro de momentos. Ele inclina a cabeça para trás; em todo o seu corpo goteja o suor e, na extremidade do pé, corre sangue de uma negra veia. Deixemo-lo em paz, amigos, para que ele consiga dormir.

CORO

Ó sono, que desconheces dores e aflições, vem a nossos rogos, com um hálito propício! Sê, sê-nos favorável, senhor! Oculta [70] aos seus olhos este clarão que brilha agora! Vem em meu auxílio, vem, ó curandeiro!...

Ó jovem, vê que resolução tomas e os cuidados que disso para mim resultam [71]! Tu já percebes. Porque hesitas pôr mão à obra? A ocasião, conselheira em tudo, garante, aproveitada a tempo, pleno êxito.

NEOPTÓLEMO

Ele já não ouve. Mas eu vejo que adquirimos o arco em vão, se embarcarmos sem o homem. A ele está prometida a coroa e foi a este homem que o deus mandou levar. Opróbrio vergonhoso é gloriar-se a gente de um mau êxito, mentindo.

CORO

A isso, jovem, proverá a divindade. O que tiveres, porém,

ainda a responder-me di-lo baixinho, di-lo baixinho, porque o sono de um doente não é sono; ele vê e percebe tudo.

Olha como executarás, o melhor que puderes, sem que ele dê conta, o que pretendes fazer,

Tu percebes o que digo. Se tens outro propósito a seu respeito, sabe que trabalhos difíceis de evitar te ameaçam [72].

Sopra a monção, jovem, sopra a monção. E o homem, sem ver e privado de auxílio, está estendido, como num sono nocturno [73] — um sono bem-vindo, ao calor solar [74]... Não tem o domínio das mãos, dos pés, nem de nada, como quem jaz no seio do Hades.

Reflecte! Vê se as tuas palavras foram a propósito [75]! O que entendo em meu cuidado, jovem, é que a melhor empresa está isenta de receios.

NEOPTÓLEMO

Peço que te cales e que não percas a serenidade. O homem move os olhos e já levanta a cabeça.

FILOCTETES

Ó luz que sucedes ao meu sono! Ó estrangeiros, meus guardas inesperados! Jamais teria acreditado, ó filho, que tu ousarias ficar aqui, à minha beira, suportando, compassivamente, os meus males e dando-me o teu auxílio. Os Atridas, apesar de serem generais valentes, não tiveram ânimo para os suportar tão facilmente como tu. Mas, porque és de coração nobre e descendes de nobre gente, filho, consideraste isso coisa fácil, não obstante estares já farto da minha gritaria e do mau cheiro que eu exalo.

Agora, visto sobrevir-me, como parece, um certo alívio e esquecimento das minhas dores, levanta-me. Põe-me de pé, filho, para que, quando a fadiga, enfim, me deixar, possamos ir para o navio e não retardemos a viagem.

NEOPTÓLEMO

Eu alegro-me de te ver, contra toda a expectativa, livre das tuas dores, de olhos abertos e a respirar ainda. Os sintomas que apresentavas no presente acesso pareciam de quem não viveria mais.

Levanta-te agora por ti próprio; ou, se preferes, esta gente transportar-te-á. Eles não se recusarão a este trabalho, visto a ti e a mim parecer bem esta decisão.

FILOCTETES

Obrigado, filho! Levanta-me tu, como entenderes! A estes deixa-os! Que não sejam molestados pelo mau cheiro, antes de isso ser inevitável; porque irem no navio na minha companhia é já incómodo bastante para eles.

NEOPTÓLEMO

Assim seja! Levanta-te, então, e segura-te sozinho.

FILOCTETES

Está descansado! O hábito adquirido manter-me-á de pé.

(Começam a andar; mas de súbito detêm-se)

NEOPTÓLEMO

Ai! Que deverei fazer depois disto?

FILOCTETES

Que te sucedeu, filho? Que significam essas palavras extravagantes?

NEOPTÓLEMO

Não sei para onde voltar-me, nos apuros em que me encontro.

FILOCTETES

Em que apuros estás tu? Não digas isso, filho!

NEOPTÓLEMO

Sim. Eu sinto-me, presentemente, em apuros.

FILOCTETES

Não seria o incómodo da minha doença que te convenceu a não me levar para o navio?

NEOPTÓLEMO

Tudo repugna, quando alguém, traindo o seu carácter, pratica acções indignas.

FILOCTETES

Mas tu, prestando auxílio a um homem nobre, não fazes nem dizes coisa indigna do teu pai.

NEOPTÓLEMO

Serei considerado um infame. Esta ideia já há muito me atormenta.

FILOCTETES

Pelos teus actos, não. Só temo que o sejas pelas tuas palavras.

NEOPTÓLEMO

Ó Zeus, que farei? Devo portar-me outra vez como um men-

tiroso, ocultando o que não é lícito e dizendo as mais infamantes falsidades?

FILOCTETES

Este homem, se bem o percebo, parece querer fazer-se à vela e deixar-me traiçoeiramente aqui.

NEOPTÓLEMO

Eu não te deixo aqui; mas o que há muito me aflige é o medo de te levar para uma viagem tormentosa.

FILOCTETES

Que dizes, filho? Não te entendo.

NEOPTÓLEMO

Nada te quero ocultar. Importa que viajes para Tróia, para entre os Aqueus e para a frota dos Atridas.

FILOCTETES

Ai de mim!... Que estás a dizer?

NEOPTÓLEMO

Não te lamentes, sem te informar primeiro.

FILOCTETES

Informar-me de quê? Que pretendes fazer de mim?

NEOPTÓLEMO

Em primeiro lugar, livrar-te dessa doença; e, depois, ir contigo devastar as planícies de Tróia.

FILOCTETES

Pensas, na verdade, fazer isso?

NEOPTÓLEMO

Impõe-no uma grande necessidade. E tu não te agastes, ao ouvi-lo.

FILOCTETES

Ai de mim, que estou perdido, atraiçoado!... Que insídias são essas, estrangeiro, que tu me armas?... Restitui-me o arco imediatamente!

NEOPTÓLEMO

Não é possível. A justiça e o interesse próprio exigem que obedeça às autoridades.

FILOCTETES

Ó fogo [76], ó monstro, obra-prima execrável da hórrida perfídia, que mal me causaste e como me iludiste! E não coras de vergonha, malvado, ao pôr os olhos em mim, que procurei, como suplicante, o teu socorro? Tomando o meu arco, tu privaste-me do sustento [77]. Oh, restitui-mo, eu te suplico! Restitui-mo, eu te rogo com instância, meu filho! Pelos deuses dos teus pais, não me roubes o meu sustento!

Ai, infeliz de mim!... E não me dirige mais a palavra; nem sequer me olha, como tendo o propósito de não largar o arco!

Ó ancoradoiros, ó promontórios, ó feras montanhesas, minhas companheiras, ó rochedos escarpados, a vós — não conheço outrem a quem me possa dirigir —, a vós, que me assistis de contínuo, me queixo dos males que o filho de Aquiles me fez. Ele, depois de ter jurado que me conduziria para a pátria, leva-me para Tróia. Ele tinha-me estendido em penhor a sua direita

e retém na sua mão o sagrado arco de Héracles, filho de Zeus, que de mim recebera, o qual quer apresentar aos Aqueus. Como se tivesse vencido um homem valente, conduz-me agora à força, sem saber que matou um cadáver ou uma sombra de fumo e uma imagem vã. Se eu fosse válido, nunca se assenhoraria de mim; e nem mesmo o conseguiria no estado em que estou, a não ser por astúcia. Mas fui miseravelmente logrado. Que devo fazer agora?...

Vamos, restitui-me o arco! Retoma a tua índole natural!... Que resposta me dás? Calas-te?... Infeliz de mim, que não sou mais do que um nada!...

Ó rochedo de entrada dupla, eu vou regressar ao teu bojo, desarmado e sem ter que comer!... Nesta gruta mirrar-me-ei sozinho, sem poder matar com o arco um pássaro alado ou uma fera montanhesa. Para minha infelicidade, eu próprio é que fornecerei, depois de morto, alimento aos animais que me nutriam; e as feras que antes caçava caçar-me-ão agora, pagando assim (infeliz que eu sou!) com a morte a morte que lhes fazia sofrer. E isto, por causa daquele que eu julgavai gnorar toda a maldade. Que tu pereças!... Mas ainda não. Primeiro quero saber se persistes na tua resolução. E, neste caso, que morras miseravelmente!...

CORO

Que deveremos fazer? De ti depende, senhor, a nossa partida imediata ou ceder aos rogos deste homem.

NEOPTÓLEMO

Tenho muita pena dele, não só agora, mas já há muito.

FILOCTETES

Pelos deuses, filho, compadece-te de mim! E não queiras,

perante os teus homens, incorrer na censura de me teres ludibriado [78].

NEOPTÓLEMO

Oh! Que fazer? Nunca tivesse deixado Ciros! Por isso, aflige-me agora o transe presente.

FILOCTETES

Tu não és mau de natureza; mas parece que as influências de homens pérfidos te arrastam para o mal. Deixa-lhes o que é deles e navega, depois de me restituir as minhas armas.

NEOPTÓLEMO

Homens, que faremos? *(Dispõe-se a entregar o arco a Filoctetes; mas, de súbito, irrompe Ulisses.)*

OS MESMOS E ULISSES

ULISSES

Ó meu grande patife, que queres fazer? Passa-me para as mãos esse arco e vai-te daqui!

FILOCTETES

Oh! Que homem é este? Não é de Ulisses esta voz?

ULISSES

Não tenhas dúvida. Tu vês Ulisses em pessoa diante de ti.

FILOCTETES

Ai! Venderam-me e estou perdido! Foi este o meu raptor e quem me roubou as armas.

ULISSES

Fui eu, por certo, e não outrem; reconheço-o.

FILOCTETES
(para Neoptólemo)

Restitui-me o arco, filho! Entrega-mo!

ULISSES

Isso não fará ele, nem mesmo que queira. Tu é que deves ir com o arco; aliás serás levado à força.

FILOCTETES

Ó monstro de maldade e de impudência! Então queres levar-me à força?

ULISSES

Se recusares ir voluntariamente.

FILOCTETES

Ó terra de Lemnos, ó chama omnipotente da forja de Hefesto [79], será tolerável que este homem me separe violentamente de vós [80]?

ULISSES

Foi Zeus (não o ignores), foi Zeus, o senhor desta terra, quem assim determinou. Eu executo as suas ordens.

FILOCTETES

Ó abominável criatura, que razões não inventas tu! Apresentando como pretexto os deuses, fazes os deuses mentirosos.

ULISSES

Não; digo só a verdade. É por este caminho que deves seguir.

FILOCTETES

Eu nego-me a isso.

ULISSES

Afirmo que deves obedecer.

FILOCTETES

Oh, desgraçado de mim! O meu pai gerou-me, certamente, para ser escravo, não homem livre.

ULISSES

De modo algum. Foi antes para seres igual aos mais valentes, com quem deves tomar Tróia e reduzi-la a escombros.

FILOCTETES

Jamais! Nem mesmo se viessem sobre mim todos os males. Jamais, enquanto me estiver este solo abrupto debaixo dos pés.

ULISSES

Que desejarias fazer, então?

FILOCTETES

Precipitar-me, acto contínuo, do alto deste rochedo e despedaçar a minha cabeça contra o penhasco lá em baixo.

ULISSES

Prendei-o, para que não possa fazer o que tenciona [81]!

FILOCTETES

Ó mãos, que trato, privadas do meu estimado arco, suportais da parte deste homem, que vos retém presas!

Ó tu, cujos pensamentos nada têm de são nem de nobre, como me surpreendeste e apanhaste, entrepondo este jovem que eu desconhecia, indigno de ti, mas digno de Filoctetes, o qual nada mais sabia do que cumprir as tuas ordens e, visivelmente, suporta agora com dor as consequências do seu erro e os males que me causou! O teu génio criminoso, sempre a espiar da sombra, adestrou-o bem, apesar de simples e contrafeito, a ser astuto na prática do mal. E agora, maldito, depois de me teres manietado, pensas levar-me destas praias, para onde, um dia, me arrojaste sozinho, sem amigos nem pátria, como um morto entre vivos!

Ai!... Oxalá tu morras! Já muitas vezes imprequei contra ti este voto. Como, porém, os deuses não me concedem nada de jucundo, por isso, para ti a vida é um prazer, ao passo que a mim me tortura a dor; e vivo, infeliz, carregado de males, objecto da tua mofa e da dos filhos de Atreu, os dois chefes, a quem, para minha desgraça, tu obedeces. Todavia, foi só obrigado por astúcia e constrangido que te fizeste à vela com eles [82]. Quanto a mim, o desafortunado, que parti, voluntariamente, com sete navios, repudiaram-me com ignomínia, como tu afirmas; eles, porém, atribuem a ti a culpa.

E agora porque me levais? Porque me tirar daqui? Qual a razão disso? Eu não sou mais do que um nada; e há muito tempo que morri para vós. Ó criatura abominada em extremo pelos deuses, porque não sou já para ti um coxo, um homem que exala mau cheiro? Como vos seria possível queimar oferendas aos deuses e fazer-lhes libações, indo eu no navio? Este foi o pretexto que aduziste para me alijar.

Oxalá sucumbais a uma morte desastrada! Sim, haveis de sucumbir, em paga do trato injusto que me destes, se os deuses ainda

se preocupam com a justiça! Sei bem que se preocupam ainda; e nunca teríeis feito esta viagem por causa de um miserável, se um deus não vos aguilhoasse para me vir buscar.

Ó terra dos meus pais, ó deuses que vedes tudo, castigai-os, castigai-os, no curso dos tempos, a todos conjuntamente, se vos compadeceis de mim! Eu levo uma vida desgraçada; mas, se os visse a eles na ruína, julgar-me-ia livre do meu mal.

CORO

O estrangeiro é enérgico, Ulisses; e tem uma linguagem tão destemida que não cede ao infortúnio.

ULISSES

Muitas coisas teria a responder ao arrazoado deste homem, se fosse oportuno. Mas, neste momento, digo-lhe só uma palavra. Quando há precisão de tal ou tal homem [83], esse tal sou eu; e, quando se trata da apreciação [84] de homens justos e virtuosos, não encontrarás ninguém mais honesto do que Ulisses. É natural que o meu génio pretenda triunfar em toda a parte, menos sobre ti, de quem, de bom grado, me quero retirar agora.

Deixai esse homem! Não lhe toqueis mais! Deixai-o ficar! Tendo estas tuas armas, não precisamos mais de ti, porque temos Teucro entre nós, conhecedor desta arte [85], além de mim, que não sou, penso eu, inferior a Filoctetes no manejo do arco nem na pontaria ao alvo. Que necessidade temos, então, de ti? Compraz-te em pisar a terra de Lemnos; e nós partamos! Talvez o arco que é a tua prerrogativa me dê a glória que te estava reservada.

FILOCTETES

Pobre de mim! Que farei, infeliz?... Queres, então, aparecer entre os Argivos, ostentando as minhas armas?

ULISSES

Não me digas mais nada, que eu já estou a caminho!

FILOCTETES

Ó filho de Aquiles, nem tu me deixarás ouvir mais uma palavra da tua boca? Afastas-te de mim desse modo?

ULISSES
(para Neoptólemo)

Caminha e não olhes para ele! Generoso como és, não nos vás transtornar a fortuna!

FILOCTETES
(para o Coro)

Também vós, estrangeiros, me deixais ficar aqui só, sem vos compadecerdes de mim?

CORO

Este jovem é o capitão do nosso navio. Aquilo que ele te disser, isso dizemos-te nós também.

NEOPTÓLEMO
(para o Coro)

Ulisses vai censurar-me, por ter um coração demasiado compassivo. Apesar disso, ficai, se Filoctetes assim deseja, enquanto os marinheiros preparam o necessário para a viagem e nós fazemos votos aos deuses. Entretanto, pode ser que esse homem conceba disposições que nos sejam mais favoráveis. Nós dois partimos; e vós, quando nós vos chamarmos, vinde a toda a pressa! *(Ulisses e Neoptólemo afastam-se.)*

FILOCTETES E CORO

FILOCTETES

Ó bojo côncavo da rocha, ora quente, ora de gelo, eu jamais te deixarei! E só tu (infeliz que eu sou!) saberás da minha morte[86]! Oh, dor!... Oh, dor!...

Ó caverna mísera, toda cheia das minhas queixas, como viverei, dia a dia? De quê e de onde (desgraçado de mim!) poderei esperar alimento?

O estrídulo ar fendei, tímidas aves, para o alto dos céus, que eu já vos não posso caçar[87]!...

CORO

Esta sorte a ti a deves, a ti próprio, ó desafortunado! De um ente superior não te veio, porque, podendo obrar com sensatez, em vez do melhor partido, preferiste abraçar o pior.

FILOCTETES

Oh, infeliz, infeliz de mim, que, alquebrado pela desgraça, habito aqui, miserável, longe dos outros homens, e aqui morrerei, no futuro. Oh, dor!... Oh, dor!... Já não posso adquirir alimento com as minhas setas aladas, que disparavam as minhas mãos potentes.

As palavras imprevistas e disfarçadas de um espírito fraudulento enganaram-me. Oxalá pudesse ver participar da minha dor, durante tanto tempo como eu, quem maquinou esta intriga!...

CORO

O destino vindo dos deuses, não uma intriga da minha mão,

foi a causa do teu mal. A tua maldição funesta e terrível lança-a sobre outros, pois eu desejo que não desprezes a minha amizade.

FILOCTETES

Ai de mim!... Oh, dor!... Assentado na praia do mar pardacento, ele ri-se de mim, agitando com a mão o sustentáculo deste miserável, que ninguém usou jamais.

Ó arco querido, que foste arrebatado das minhas mãos, se sentimentos te fossem dados, tu olharias, compassivo, para o infeliz companheiro de Héracles [88], que jamais, no futuro, se servirá de ti; mas, mudando de possuidor, um homem fecundo em artimanhas te manejará! Tu vês os infames enganos e o meu inimigo execrado, que suscitou com as suas infâmias males sem conta, quais ninguém ainda maquinou contra mim [89].

CORO

Convém ao homem louvar o que é justo; e, após o louvor, não romper em palavras de uma ressentida inveja [90]. Aquele a quem te referes foi o único, entre muitos, encarregado de executar uma empresa de préstimo para todos os seus amigos.

FILOCTETES

Ó alada caça, e feras de olhar faiscante, que andais por estes montes, vós não fugireis mais da minha gruta, depois de vos terdes aproximado dela, pois não tenho a defesa anterior das frechas. Oh, como sou infeliz agora!... Este lugar está indefeso e nada tendes a temer.

Vinde! Podeis, agora, vingar-vos à vontade, e saciar-vos de minhas carnes lívidas, pois em breve deixarei de viver!

De onde obterei subsistência?

Quem pode nutrir-se das brisas, quando não dispõe já de nenhum produto dos que fornece a mãe-terra?

CORO

Pelos deuses, se te merece alguma consideração o estrangeiro, aproxima-te dele, que veio para ti mui benevolamente! Reconhece, reconhece bem que depende de ti livrar-te desse teu mal, pois é doloroso nutri-lo e não saber como suportar a dor imensa inerente a ele.

FILOCTETES

De novo, de novo me recordas a minha velha dor, ó mais estimado dos que pisaram antes esta terra! Porque me matas? Porque me fazes mal?

CORO

Porque falas assim?

FILOCTETES

Porque esperas levar-me para a terra de Tróia, que eu detesto.

CORO

Julgo que esta é a melhor solução.

FILOCTETES

Deixai-me ficar e ide-vos sem demora!

CORO

É-me grata, é-me grata essa ordem e executo-a de boa mente. Vamos, vamos para o navio, para o posto que nos foi designado!

FILOCTETES

Não partais, eu vos suplico por Zeus, executor das imprecações!

CORO

Modera-te!

FILOCTETES

Ó estrangeiros, ficai, pelos deuses!

CORO

Porque gritas tu?

FILOCTETES

Ai!... Ai!... Ai!... Oh, fatalidade, fatalidade! Eu, infeliz, estou morto!
Ó meu pé, meu pé, que farei contigo, no futuro?
Voltai de novo, estrangeiros!

CORO

Porque proceder em oposição ao que nos mandaste antes?

FILOCTETES

Não merece censura quem, fora de si por uma tempestade de dores, diz coisas sem sentido.

CORO

Vem, então, infeliz! Eu te exorto.

FILOCTETES

Jamais, jamais! Está certo disso. Nem mesmo se o ignífero tonante me viesse abrasar com os clarões do raio...

Pereça Ílion e os seus sitiantes todos, que se atreveram a alijar-me, por causa do meu pé!
Ó estrangeiros, satisfazei este meu único desejo!

CORO

Que desejo é esse?

FILOCTETES

Se tendes uma espada, um machado ou outra arma qualquer, trazei-me isso.

CORO

Que tencionas fazer?

FILOCTETES

Cortar a cabeça e todas as vértebras [91].
A morte, eu desejo já a morte!...

CORO

Porquê?

FILOCTETES

Para ir procurar o meu pai.

CORO

A que lugar?

FILOCTETES

Ao Hades, pois não vê já a luz do dia [92].
Ó cidade minha, ó minha pátria cidade, como eu, infeliz, te desejaria ver, depois de ter deixado a tua sagrada corrente [93],

em vez de ir em auxílio dos odiados Dánaos! E eis que não sou agora mais do que um nada!...

(Entra na gruta)

CORO

Eu já me teria ido e estaria a chegar à minha nave, se não visse Ulisses, ali perto, caminhando na direcção de nós, juntamente com o filho de Aquiles.

ULISSES E NEOPTÓLEMO
DEPOIS FILOCTETES

ULISSES

Não me quererás dizer porque arrepias caminho com tanta diligência e num passo tão ligeiro?

NEOPTÓLEMO

Vou reparar uma falta que antes cometi.

ULISSES

Estranho a tua resposta. Que falta foi essa?

NEOPTÓLEMO

Por obedecer a ti e a todo o exército dos Aqueus...

ULISSES

Que executaste que não seja digno da tua pessoa?

NEOPTÓLEMO

Logrei um homem com mentiras torpes e por astúcia.

ULISSES

Que homem? Ai de mim!... Pensas, porventura, nalguma surpresa?

NEOPTÓLEMO

Não. Mas no filho de Peias...

ULISSES

Que desejas fazer? Sobreveio-me um susto.

NEOPTÓLEMO

Estas armas que lhe roubei, de novo...

ULISSES

Oh, Zeus! Que queres dizer? Pensas restituí-las?

NEOPTÓLEMO

Eu roubei-as com fraude e sem razão.

ULISSES

Pelos deuses, dizes isso por mofa?

NEOPTÓLEMO

Se para ti confessar a verdade é o mesmo que mofar...

ULISSES

Que dizes, filho de Aquiles? Que palavra foi essa que pronunciaste?

NEOPTÓLEMO

Queres que repita duas e três vezes a mesma coisa?

ULISSES

Eu não quereria ouvi-la uma só vez.

NEOPTÓLEMO

Fica, pois, sabendo que já ouviste toda a verdade.

ULISSES

Existe alguém... Existe alguém que possa impedir o teu propósito?

NEOPTÓLEMO

Quê? Quem será capaz disso?

ULISSES

Todo o exército dos Aqueus, sem me excluir a mim.

NEOPTÓLEMO

Apesar de seres astuto, não mostras astúcia nas palavras.

ULISSES

E tu nem nas palavras nem nas obras.

NEOPTÓLEMO

Mas pratico o que é justo; e isto vale mais do que a astúcia.

ULISSES

E será justo que restituas aquilo que adquiriste, devido aos meus conselhos?

NEOPTÓLEMO

Tentarei remediar a falta vergonhosa que cometi.

ULISSES

E, obrando assim, não receias o exército dos Aqueus?

NEOPTÓLEMO

Tendo por mim a justiça, não temo o teu exército.

ULISSES

.....[94]

NEOPTÓLEMO

Nem mesmo forçado por ti obedecerei às tuas ordens.

ULISSES

Combateremos não contra os Troianos, mas contra ti.

NEOPTÓLEMO

Seja o que for.

ULISSES

Vês a minha mão posta no punho da espada?

NEOPTÓLEMO

Podes ver que faço o mesmo e sem demora alguma.

ULISSES

Pois bem! Prefiro retirar-me; e, no meu regresso, contarei o caso a todo o exército, que não deixará de te castigar.

NEOPTÓLEMO

Procedes com juízo. Se assim procederes, no futuro não terás, talvez, motivo para lamentações. *(Voltado para a gruta.)* Ó filho de Peias (Filoctetes, quero eu dizer), sai cá para fora, deixa esse abrigo de pedra!

FILOCTETES

(assomando à entrada da gruta)

Que gritaria é esta que, outra vez, se levanta junto da minha gruta? Porque me chamais? Ó estrangeiros, que quereis de mim? *(Avistando Neoptólemo.)* Ai, ai! Não é coisa boa! Vens ajuntar aos males que tenho algum grande mal?

NEOPTÓLEMO

Ânimo! Escuta o que venho dizer-te.

FILOCTETES

Eu estou com medo; pois, fiando-me, antes, em ti, as tuas belas palavras acarretaram sobre mim a desgraça.

NEOPTÓLEMO

Não pode um homem mudar de intenções?

FILOCTETES

Era assim a tua linguagem — de um amigo, todo perfídia na alma — quando me privaste do meu arco.

NEOPTÓLEMO

Agora não é o mesmo caso. Eu desejo saber se estás resolvido a suportar a tua permanência aqui ou a navegar connosco.

FILOCTETES

Basta! Não digas mais, porque será baldado tudo quanto disseres.

NEOPTÓLEMO

É essa a tua resolução?

FILOCTETES

Sabe que é tão firme que eu não tenho palavras para a exprimir.

NEOPTÓLEMO

Eu desejaria que te deixasses convencer pelas minhas razões; mas, caso não seja oportuno falar, então não digo nada.

FILOCTETES

Tudo dirás em vão, porquanto jamais ganhará a minha benevolência quem, com astúcia, me privou do sustento e me vem agora dar conselhos — tu, o filho mais detestado do mais nobre dos pais! Arrebate-vos a morte a todos, primeiro aos Atridas, depois ao filho de Laertes e a ti!

NEOPTÓLEMO

Não praguejes mais e recebe estas armas da minha mão!

FILOCTETES

Que dizes? Serei, pela segunda vez, vítima de um ardil?

NEOPTÓLEMO

Não! Juro-o pela majestade santa do Zeus altíssimo.

FILOCTETES

Oh, dulcíssimas palavras, se são ditas com sinceridade!

NEOPTÓLEMO

Os factos mostrá-lo-ão claramente. Estende o braço e apodera-te das tuas armas.

ULISSES

(sobrevindo de súbito)

Não permito tal, em nome dos Atridas e de todo o exército. Sejam testemunhas os deuses!

FILOCTETES

Filho, quem falou? Não ouvi eu a voz de Ulisses?

ULISSES

Não tenhas dúvida. E podes vê-lo bem perto, o qual te levará para a planície de Tróia, quer o filho de Aquiles o permita, quer não.

FILOCTETES

Mas não impunemente, se for certeiro este dardo.

NEOPTÓLEMO

Ah, pelos deuses, não dispares o dardo, de maneira nenhuma!

FILOCTETES

Pelos deuses, larga-me o braço, meu filho querido!

NEOPTÓLEMO

Não to largarei.

FILOCTETES

Porque me impedes de matar com as minhas setas o homem, o adversário que detesto?

NEOPTÓLEMO

Não é honroso para mim nem para ti.

FILOCTETES

Sabe, então, ao menos, que os capitães do exército — esses arautos fingidos dos Aqueus —, além de serem uns cobardes na peleja, são nas palavras fanfarrões.

(Ulisses afasta-se)

NEOPTÓLEMO

Seja assim. Mas agora, que já possuis o teu arco, não tens motivo para estar encolerizado contra mim, nem para me fazer qualquer censura.

FILOCTETES

Estou de acordo. Tu mostraste, filho, a estirpe de que nasceste. Não tiveste a Sísifo por pai, mas a Aquiles, o qual, quando andava entre os vivos, era o mais glorioso dos heróis e é-o ainda agora entre os mortos.

NEOPTÓLEMO

Alegro-me por ouvir-te dizer bem do meu pai, assim como de mim. Escuta, porém, o que desejo obter de ti. Os homens devem, necessariamente, submeter-se à sorte que lhes deram os deuses. Mas aqueles que são vítimas de males que eles próprios procuraram, como tu, esses não merecem indulgência, nem que alguém

os lastime. Tu irritas-te e não admites conselhos; e, se alguém te admoesta com palavras benévolas, odeia-lo, julgando-o um inimigo que te quer mal. Não obstante, vou falar, tomando por testemunha a Zeus, defensor dos juramentos; e tu atende bem ao que te digo e grava-o no teu espírito.

O mal de que sofres foi-te enviado por um deus, por teres-te aproximado da sentinela de Crisa — a serpente que guardava, oculta, o seu recinto ao ar livre [95]. E tem por certo que, enquanto este mesmo Sol se levantar deste lado e se puser além, jamais te verás livre dessa terrível doença, caso não te decidas, primeiro, a ir para as planícies de Tróia e não destruas, realmente, a cidadela com o teu arco, juntamente comigo, depois de curado desse teu mal pelos filhos de Asclépio, que se encontram junto de nós [96].

Agora vou declarar-te de que modo vim ao conhecimento destas coisas. Nós aprisionámos um troiano, um hábil adivinho de nome Héleno, o qual revelou claramente que tudo sucederia, como acabo de dizer; e ajuntava, ademais, que Tróia seria conquistada, fatalmente, neste Verão; aliás, declarava o adivinho, deixar-se-ia de bom grado matar, caso as suas profecias falhassem.

Visto já estares informado de tudo, não teimes agora em não ceder, porquanto é uma bela recompensa que um dos Gregos, considerado o mais valente, depois de encontrar as mãos que o curaram do seu mal, conquiste Tróia, causa de tantas aflições, adquirindo assim uma glória imensa.

FILOCTETES

Ó vida detestável, porque me deténs ainda vivo sobre a terra e não me envias para o Hades? Pobre de mim! Que farei? Como posso eu desconfiar das palavras deste homem, que tão benevolamente me aconselhou? Devo ceder? Mas, como poderei eu, infeliz, encarar a luz, após a minha conduta anterior? A quem ousarei dirigir a palavra? Como é que vós, olhos meus, tendo

visto tudo quanto me sucedeu, suportareis a minha convivência com os filhos de Atreu, os causadores da minha ruína? Como poderei viver na companhia do filho de Laertes, desse celerado? Na verdade, as dores passadas já não me afligem; julgo, porém, adivinhar quanto deverei sofrer ainda da parte desses homens, porque daqueles, cuja mente estiver acostumada ao mal, outros maus tratos, por certo, devem provir [97]. Na verdade, olho com admiração o teu modo de proceder, pois não devias voltar para Tróia, nem permitir que eu para lá fosse, para junto dos que te injuriaram e privaram de um legado paterno.

Tencionas, então, ir combater na sua companhia e forças-me também a isso? Não faças tal, filho! Permanece fiel ao que me juraste e leva-me para a minha casa. Tu próprio ficas em Ciros, sem fazer caso de que esses malditos pereçam miseravelmente. Assim adquirirás uma dupla recompensa de mim e do meu pai e não parecerás, por ajudar os maus, semelhante a eles.

NEOPTÓLEMO

Tu falas bem; não obstante, desejo que, confiado nos deuses e na minha palavra, navegues desta terra, na companhia de um amigo, como eu sou.

FILOCTETES

Para as planícies de Tróia e para junto do abominável filho de Atreu com este miserável pé?

NEOPTÓLEMO

Para junto daqueles que te hão-de tirar as dores desse membro purulento e livrar-te do teu mal.

FILOCTETES

Ó conselheiro de uma linguagem singular, que queres tu dizer?

NEOPTÓLEMO

Aquilo, cuja execução julgo de máximo proveito para ti e para mim.

FILOCTETES

E, falando assim, não coras de vergonha em face dos deuses?

NEOPTÓLEMO

Porque devia envergonhar-se a gente de procurar um proveito?

FILOCTETES

Para os Atridas, queres tu dizer, ou para mim?

NEOPTÓLEMO

Para ti, certamente, de quem sou amigo e como tal te falo.

FILOCTETES

Como assim? Tu, que pretendes entregar-me aos meus inimigos!...

NEOPTÓLEMO

Ó meu caro, aprende a não ser pertinaz na infelicidade.

FILOCTETES

Eu já te conheço. Tu vais perder-me com essas tuas palavras.

NEOPTÓLEMO

Não; tem a certeza disso. Creio que não me compreendes.

FILOCTETES

Não sei eu que os Atridas me rejeitaram?

NEOPTÓLEMO

Mas olha que, depois disso, salvar-te-ão de novo.

FILOCTETES

Jamais consentirei em ir ver Tróia.

NEOPTÓLEMO

Que farei, visto não poder convencer-te por palavras? O melhor para mim é não te dizer mais nada; e tu vive, como tens vivido até hoje, sem nenhuma cura.

FILOCTETES

Deixa-me sofrer o que deva sofrer. Cumpre a promessa que me fizeste, filho, tocando a minha mão direita, de me conduzir para casa! Não retardes isso, nem me lembres mais Tróia, pois já bastante me fez chorar.

NEOPTÓLEMO

Se te parece bem, partamos.

FILOCTETES

Oh, pronunciaste uma palavra nobre!

NEOPTÓLEMO

Procura agora firmar o pé.

FILOCTETES

Firmá-lo-ei como puder.

NEOPTÓLEMO

Como me livrarei eu da censura dos Aqueus?

FILOCTETES

Não te dê isso cuidado!

NEOPTÓLEMO

Porque não, se eles podem devastar o meu país?

FILOCTETES

Estando lá eu...

NEOPTÓLEMO

Que auxílio me prestarás tu?

FILOCTETES

... com as frechas de Héracles...

NEOPTÓLEMO

Que dizes?

FILOCTETES

... não os deixarei aproximar [98].

NEOPTÓLEMO

Beija esta terra, primeiro, e caminha.

(Aparição de Héracles)

HÉRACLES, FILOCTETES, NEOPTÓLEMO E CORO

HÉRACLES

Ainda não, filho de Peias, sem ouvires, antes, as minhas palavras. Asseguro-te de que escutas a voz de Héracles e vês a sua imagem. Por tua causa, deixei os assentos celestes e venho anunciar-te os desígnios de Zeus e impedir que sigas o caminho que pretendes seguir. Atende às minhas palavras!

Em primeiro lugar, lembro-te a sorte que tive, os trabalhos que sofri e por que passei, antes de alcançar esta glória imortal, como podes ver. A tua sorte, está certo disso, é sofrer também trabalhos e, depois disso, ter uma vida gloriosa. Acompanha a esse homem para a cidade de Tróia, onde serás curado, antes de tudo, da tua doença funesta; em seguida, uma vez alcançado o primeiro posto no exército, por tua valentia, matarás com as minhas frechas a Páris, o causador dos vossos males, e conquistarás Tróia.

Quanto aos despojos, que, em prémio da tua valentia, receberes do exército, enviá-los-ás para a tua casa, ao teu pai Peias, para as pátrias planícies de Eta. Mas os que o exército der em memória das minhas frechas leva-os para o meu túmulo [99].

A ti, filho de Aquiles, faço esta recomendação: não podes sem Filoctetes tomar a planície de Tróia, nem Filoctetes sem ti; guardai-vos, por isso, como dois leões, que vivem juntos, ele a ti e tu a ele. Entrementes, enviarei Asclépio para Ílion, a fim de livrar-te, Filoctetes, da tua doença. Importa que esta cidade seja tomada, pela segunda vez, com o meu arco [100]. Mas lembrai-vos, quando devastardes a terra, de ser piedosos para com os deuses. O pai Zeus, afora isto, todas as outras coisas considera secundárias, porque a piedade não perece com os mortais; quer eles vivam, quer morram, perdura sempre.

FILOCTETES

Ó tu, que me fazes ouvir a tua voz tão doce e me apareces, após tão longo tempo, eu não desobedecerei às tuas palavras.

NEOPTÓLEMO

Quanto a mim, estou nas mesmas disposições.

HÉRACLES

Não demoreis, então, a executá-las! A ocasião é oportuna e a monção sopra da popa. *(Desaparece.)*

FILOCTETES

Vamos, pois! Mas, antes da partida, quero dirigir uma saudação a esta terra. Adeus, ó gruta que foste o meu abrigo! E vós, ó ninfas dos prados aquosos e estampido forte das ondas, adeus! Adeus, promontório, onde muitas vezes, no interior da gruta, foi molhada a minha cabeça pelos ímpetos do vento sul; e para onde o monte Hermeu [101] me enviava, com frequência, o eco plangente das minhas queixas, quando uma tempestade de dores ruía sobre mim. Ó fontes e água de Apolo, vou deixar-vos, neste momento, vou deixar-vos contra toda a minha expectativa. Adeus, ó terra de Lemnos, circundada pelas ondas! Faz que eu tenha uma viagem isenta de perigos para onde me conduz a grande Parca, o conselho dos amigos e o deus subjugador de tudo [102], o qual determinou estes sucessos.

CORO

Vamos, então, todos juntos! Mas, primeiro, roguemos às ninfas do mar que venham proteger o nosso regresso.

(Saem)

APÊNDICE

OS RASTEJADORES

NOTA PRÉVIA

A lenda que fornecera a Sófocles o tema para a composição d'*Os Rastejadores* ou *Icneutas* foi-lhe transmitida, sobretudo, pelo hino homérico a Hermes. Segundo esta lenda, o mensageiro dos deuses viera à luz num monte da Arcádia, na gruta de Cilene. Apenas nado, deu logo provas de ser uma criança prodigiosa. Dela se conta que, poucos dias após o seu nascimento, se levantou do berço e saiu da gruta com o intuito de ir roubar as vacas ao seu irmão Apolo. Perto da porta, porém, encontrara uma tartaruga, a que deitou mão; e, depois de a matar, fabricou com a sua carapaça, com pele de boi e pedaços de tripa, uma lira de sete cordas. Imediatamente pôs-se a cantar ao som dela. Em seguida, escondeu-a no seu berço e partiu para Piéria, nas proximidades do Olimpo, onde pastavam os rebanhos dos deuses. Ali, apoderou-se de cinquenta vacas pertencentes a Apolo, as quais fez caminhar a recua, a fim de que as pègadas indicassem o lugar das pastagens e não o seu verdadeiro destino. De caminho, recomendou a um camponês, que andava a cuidar da sua vinha, que guardasse segredo acerca do que via. Na manhã seguinte, chegou ao rio Alfeu, na Élida, onde, numa gruta junto a Pilo, escondeu os animais. Depois partiu a toda a pressa, sem que ninguém o visse, para a gruta de Cilene; e, introduzindo-se pelo buraco da fechadura da porta, foi deitar-se no seu berço.

Mas a mãe tinha notado a ausência do filho e pediu-lhe contas do que fizera. Debalde Hermes negou a sua culpa, porque, acto contínuo, surgiu Apolo, a reclamar as suas vacas, informado pelo camponês e pelo augúrio de um pássaro. Apenas o autor do roubo deu com os olhos no irmão, aconchegou-se no berço o melhor que pôde e escondeu a lira debaixo do braço. Apolo examina a gruta por toda a parte; e, não encontrando sinais das vacas, ameaça Hermes com o Tártaro se não lhe indicasse o seu paradeiro. Mas este tudo ignora. Em vista disto, remontam-se ambos ao Olimpo, para ouvirem a decisão de Zeus. Aqui, Apolo apresenta a sua queixa, a qual o pequeno Hermes contesta, dizendo: «Como poderia eu, uma criança recém-nascida, ter cometido semelhante roubo?» Zeus, porém, percebeu que ele mentia e ordenou-lhe que conduzisse Apolo ao lugar onde escondera

os animais. Chegados ao Alfeu, Hermes mostrou as vacas ao irmão e logo ali os dois se reconciliaram. O inventor da lira começa, então, a tanger o seu instrumento, com grande admiração de Apolo, que de bom grado consente, em troca dele, ceder as vacas a Hermes.

Assim reza a lenda. O que, sobretudo, parece ter impressionado Sófocles foi o encontro de Apolo com a lira. Em volta desta ideia ele ordena a acção e compõe uma peça propriamente sofocliana, a que imprime o carácter do seu génio. Verifica-se isto, por exemplo, no processo empregado para a descoberta do autor do roubo, que faz lembrar o que Sófocles empregara n'*O Rei Édipo*. Assim como nesta tragédia Édipo só gradualmente descobre o seu crime, do mesmo modo no presente drama o criminoso não se revela também à primeira tentativa, mas passo a passo, até que, por fim, aparece a verdade pela descrição da lira. Em conformidade com este processo, deviam, naturalmente, intervir na acção personagens novas, desconhecidas da lenda, aquelas que melhor se coadunariam com o efeito que o poeta projectava obter. Estavam nestas condições Sileno e os sátiros, que, à maneira de sabujos, iam seguindo o rasto das vacas; e precisamente por este carácter são eles quem dá o nome à peça. Ao mesmo tempo, imprimem-lhe vida e movimento e um certo humorismo discreto, com repercussões na linguagem, que, por vezes, apresenta formas de um vocabulário esquisito e pouco comum.

Este drama foi descoberto em 1912 num papiro egípcio que, infelizmente, chegou até nós muito maltratado pelo tempo e incompleto. Não obstante, pelo texto que dele resta e pelo estilo, pode reconhecer-se que se trata de uma obra de Sófocles. Quanto à data, C. Robert aventa a hipótese de que a peça podia ter sido representada por cerca de 460 e de que Sófocles, como excelente instrumentalista, desempenharia o papel de Hermes *. Seja como for, o que unicamente se pode afirmar é que ela no seu estado primitivo, não desfigurada como se encontra hoje, devia produzir um efeito magnífico.

D. P.

* Ver R. Pignarre, *Théâtre de Sophocle*, II, pp. 317 e seg.; cf. A. Mancini, *História da Literatura Grega* (versão do italiano de G. Manuppella), p. 127.

PERSONAGENS DO DRAMA

Apolo
Sileno
Cilene
Hermes
Coro dos Sátiros

A cena passa-se no monte de Cilene, na Arcádia. Paisagem de rochedos e árvores. No fundo, a gruta da ninfa Cilene.

APOLO E SILENO

APOLO

Anuncio e prometo a todos os deuses e a todos os mortais que hei-de dar uma recompensa de oiro brilhante a quem me trouxer as minhas vacas perdidas, em longes terras. O caso é estranho e o meu coração dificilmente o suporta. Desapareceram as vacas leiteiras, os vitelos e o rebanho das crias, de que debalde procuro o rasto. As bestas partiram do estábulo e da manjedoura secretamente e por ardil que as tornou invisíveis. Não; eu nunca poderei acreditar que algum dos deuses ou dos mortais as fizesse empreender semelhante ousadia.

Eu, como desse pela sua falta, lancei-me, estarrecido, a procurá-las, proclamando, ao mesmo tempo, o facto aos deuses e aos mortais, a fim de que ninguém ignorasse o sucedido. Andei, como um louco, em busca das reses; e já percorri todas as tribos do povo trácio, mas ninguém.....

.....

(Falta um ou dois versos)

Em seguida, de um salto, atinjo as planícies frutíferas da Tessália e as cidades ricas da Beócia. Depois.....

.....

(Faltam cerca de quatro versos)

venho para o país dos Dórios ..... que fica perto ..... e, partindo daí, ... chego, na minha carreira, ... ao bosque e à região intransitável de Cilene. A quem, nos arredores, me escutar, pastor, camponês, carvoeiro ou qualquer que seja das criaturas montanhesas nascidas de uma ninfa, a todos anuncio que aquele que prender o ladrão das vacas de Apolo receberá, sem falta, uma recompensa que tenho de reserva.

SILENO

Como ouvisse, ó matador de lobos [1], a tua voz estridente lançar o apelo, deitei a correr com toda a pressa que à minha velhice foi possível, no desejo de tornar-me, Febo Apolo, um benfeitor caro a ti, empreendendo esta pesquisa em teu favor.

Quanto ao oiro que me reservas como galardão, ele deve ser o complemento indispensável das tuas ordens. Olha os meus filhos ..... *(Lacuna.)* ..... Eu enviá-los-ei a pesquisar, caso cumpras o prometido.

APOLO

Sim, pagarei o salário. Confirma somente o teu propósito.

SILENO

Trar-te-ei as vacas; mas tu confirma-me a tua promessa.

APOLO

Aquele que as encontrar, seja quem for, será recompensado. A paga está já preparada.

.....

(Faltam quatro versos)

SILENO

Que queres dizer com isso? A que outra paga te referes tu [2]?

APOLO

Tu e os teus filhos tereis a liberdade. *(Sai.)*

SILENO E CORO DOS SÁTIROS

CORO

(Texto mutilado)

Eia, vamos.....

Pés ao caminho .....
Ai, ai, ai, ai! .....
Oh! Oh!... A ti, na verdade.....
Vamos! Ao ladrão .....
Secretamente .....
Levando a cabo .....
A voz paterna .....
Como? Onde buscar o roubo na escuridão da noite? Corramos .....
Se, por acaso, tivéssemos bom êxito .....
Seria a liberdade para o pai e para nós.
Que o deus, o nosso amigo, nos alivie todas as fadigas com a esperança da brilhante amostra do oiro.

SILENO

Ó deuses, ó Fortuna, ó génio indicador do caminho, permiti que alcance aquilo que me impele na carreira, que siga a pista do roubo, do espólio, das vacas de que Apolo foi privado. *(Para o público.)* Se algum de vós viu ou ouviu alguma coisa, esse provaria ser meu amigo se me declarasse isso; e juntamente comigo contribuiria para o serviço do rei Febo..... a recompensa da revelação .....

CORO

.....

(Lacuna)

SILENO

Diz alguém alguma coisa, ou ninguém sabe dizer nada? Nesse caso, devo, ao que parece, lançar-me sem demora à empresa. *(Para os sátiros.)* Eia! Vamos todos à rebusca ..... farejando ..... a ver se a brisa, em alguma parte ..... Agachados, dobrados em dois ..... guiados pelo cheiro

..... olhos atentos ao rasto e ..... Tudo é útil e pode levar-nos a bom termo.

(O Coro divide-se em dois semicoros)

PRIMEIRO SEMICORO

Um deus, um deus, um deus, um deus! Oh!... Oh!... Parece que o apanhamos. Alto! Nem mais um passo!

SEGUNDO SEMICORO

Aqueles sinais são das vacas.

PRIMEIRO SEMICORO

Silêncio! Um deus guia o nosso grupo.

SEGUNDO SEMICORO

Que devemos fazer, ó colega? Não executamos o trabalho que nos competia? Quê? A estes que lhes parece?

PRIMEIRO SEMICORO

Que tens razão. Os sinais são um indício claro.

SEGUNDO SEMICORO

Olha, olha! Outra vez os sinais dos cascos.

PRIMEIRO SEMICORO

Repara! Têm exactamente a mesma medida [3].

SEGUNDO SEMICORO

Deita a correr e põe-te a escutar se do interior da gruta vem algum ruído.

(Ouve-se um sussurro.)

PRIMEIRO SEMICORO

Não ouço nenhum som definido. Todavia as pègadas e o rasto são das vacas, sem dúvida. Podem reconhecer-se bem.

SEGUNDO SEMICORO

Com certeza. Mas, por Zeus, os passos retrocedem, tomando uma direcção oposta. Repara! Que significa isto? Que maneira é esta de imprimir as pègadas? As dianteiras trocam-se com as traseiras e confundem-se umas com as outras. O boieiro deve ter perdido o juízo.

SILENO

Que processo é esse que descobriste? Que maneira é essa de rastejar, assim com o nariz rente ao chão e dobrado em dois? Que modo é esse? Não compreendo nada. E tu deitas-te no chão, como um ouriço, ou estendes o pescoço para diante, como um macaco, a respirar cólera contra não sei quê. Que quer dizer isso? Onde aprendeste esses jeitos? Em que lugar da terra? Declara-me isso, porque eu ignoro-o.

(Novamente sussurro.)

CORO

Oh! Oh! Oh! Oh!...

SILENO

Porque gritas assim? De que tens medo? Que vês tu? Vês algum fantasma? Porque esse entusiasmo louco? Um ruído surdo soou perto. Desejas saber que ruído foi esse? *(Silêncio dos sátiros.)* Vós, que há pouco éreis tão loquazes, calais-vos agora?

CORO

Cala-te também!

SILENO

Porque te afastas dali?

CORO

Escuta!

SILENO

Que devo eu escutar, se não ouço nenhuma voz?

CORO

Faz o que te digo!

SILENO

Sois inúteis para esta minha pesquisa.

CORO

Escuta um pouco mais o sussurro estranho que nos assustou e que jamais nenhum mortal ouviu.

SILENO

Um sussurro causa-vos medo e espanta-vos, corpos impuros

formados de cera e de pez [4]! Vós sois as mais cobardes de todas as bestas. Vedes o papão numa sombra e tudo vos assusta.

Servos inúteis e escravos negligentes, que só tendes olhos e língua! Quando se reclama a vossa ajuda, sois fecundos em promessas, mas, tratando-se de agir, então pondes-vos em fuga. Bestas mais imbecis de todas as bestas! Vós, filhos de um pai tal como eu, que na sua juventude suspendeu belos troféus da sua valentia nas habitações das ninfas, filhos de um pai que nunca fugiu nem tremeu nem se agachou com medo, ao ouvir o ruído das reses da montanha, mas que executou com a lança feitos gloriosos, vós agora maculais esses meus feitos por causa de um rumor estranho — brincadeira, talvez, de pastores — vindo de algures, perante o qual fugis com medo, sem averiguar primeiro do que se trata.

Assim, desprezais o montão de oiro brilhante que Febo vos ofereceu e garantiu dar-vos, bem como a liberdade a vós e a mim; e lançais tudo isso ao vento e pondes-vos a dormir! Se não volveis a rastejar, seguindo as pègadas das vacas e dos boieiros, haveis de lamentar-vos em grita [5], por causa da vossa poltronice.

CORO

Pai, vem para junto de mim e faz-te o meu guia, para que vejas se sou cobarde. Tu próprio reconhecerás, então, estando presente, que falaste sem motivo.

SILENO

Bom! Eu acompanhar-te-ei e darei ordens à tua frente, incitando-te na batida da região, por meio do assobio, como quem incita os cães. Eia! Avante para a encruzilhada dos três caminhos! Eu, sempre a teu lado, guiar-te-ei na pesquisa.

CORO

Oh! Oh!... Pst! Pst!... Ah! Ah!...

SILENO

Dize-me: que te incomoda? Porque gemes e guinchas sem razão e me olhas cabisbaixo? De que modo se porta o da frente?!...

CORO

Estás agarrado!... Escapou-se, escapou-se!... Agarrei-te! Volta para cá!

SILENO

Vede como se porta o segundo!... Os dois, Drácis e Grápis, vão à frente...

(Texto mutilado)

Tu, Úrias, tu vais mal. Estás bêbado e caminhas à toa.

De novo pègadas aqui ..... Estrácio, Estrácio..... Segue-as por aí! Que fazes tu?.....

As vacas estão dentro. Lá é que é o busílis.

Crocias que não desista.

Que maravilha descobriste tu?

Tréquis, este valente Tréquis segue o rasto a preceito.

Avante, avante, nessa direcção! Ah, maldito! Quando te apressares a ir gozar da liberdade, que quebres as pernas!

Não te desvies desse caminho! Adiante! Por aí! Entra dentro! Vamos! Já temos o inimigo de flanco.

(Ouve-se de novo ruído.)

CORO

Pai, porque estás calado? Não dissemos a verdade? Não ouves o ruído? Ou és surdo?

SILENO

Silêncio!

CORO

Que há?

SILENO

Vou-me daqui.

CORO

Fica, se te é possível.

SILENO

Não posso. Procura tu como quiseres, rasteja e enriquece-te com o oiro prometido, depois de teres encontrado as vacas. A mim não me agrada andar por aqui a perder mais tempo.

CORO

[De modo algum permitirei que me deixes e que desistas desta empresa, sem primeiro sabermos ao certo a quem esta gruta esconde lá dentro [6].] *(Sileno afasta-se.)* .....

CORO E CILENE

CORO

[Quem está aqui não se há-de querer manifestar; mas nós faremos um tal barulho a patear, a dar saltos e pontapés, que ele será obrigado a ouvir, por mais surdo que seja [7].]

CILENE

(Aparece à porta da gruta)

Brutos, porque invadis com a vossa gritaria atordoadora este nemoroso e verdejante monte, remanso de animais ferozes? Que procedimento é esse? Libertastes-vos do trabalho que antes benevolamente prestáveis ao vosso senhor, o qual com

uma pele de veado aos ombros costumava seguir juntamente com as ninfas, suas filhas, e um grande número de seus filhos no cortejo de Dioniso, gritando evoé e agitando com presteza o tirso? Não compreendo agora o vosso porte.

Para onde cabriolais com esse entusiasmo louco, de novo estilo? Coisa singular! Essas vozes soam aos meus ouvidos como a gritaria de caçadores, quando se aproximam do covil de uma fera, onde ela tem as suas crias; ..... e não sei que proclamação e gritaria confusa e que bater de pés se aproximou da minha gruta ..... Ouvindo um tal estrondo, eu poderia julgar-vos loucos ..... Porque procedeis assim para com a ninfa, se ela não vos fez mal algum [8]?

CORO

Ó ninfa de cinta baixa [9], acalma a tua cólera!

Eu não venho fazer-te cruenta guerra nem sou teu inimigo, para que te pudesse ferir uma palavra inconsiderada saída da minha boca.

Não lances ameaças contra mim, mas declara-me, benévola, este mistério: quem faz ressoar aqui, debaixo da terra, tão maravilhosamente a sua inspirada voz?

CILENE

Esses modos são mais gentis do que os que usaste antes; e assim ganhareis mais, relativamente à vossa caçada, do que com feitos amedrontadores e os vossos empreendimentos contra uma ninfa. A mim não me agradam contendas de vozes em grita. Expõe-me, pois, com calma o que desejas saber de mim.

CORO

Senhora destes lugares, poderosa Cilene, mais tarde dir-te-ei o que me trouxe aqui. Agora declara-me de quem é esta voz que se ouve aqui e de que mortal é ela característica [10]?

CILENE

Vós deveis ficar bem cientes de que, se revelardes o que vos disser, incorrereis em castigo. Trata-se de um caso, a respeito do qual os deuses guardam segredo, a fim de que a notícia dele não chegue aos ouvidos de Hera, a saber: Zeus introduzira-se furtivamente nesta gruta, morada da filha de Atlante [11], e executou aquilo que deliberara, esquecido da deusa de baixa cinta [12]. Aqui engendrara uma criança, de quem eu cuido com as minhas mãos, porque as forças da mãe ficaram muito abaladas em consequência do parto. Trato de lhe dar de beber, de comer e de a deitar, bem como dos seus cueiros, e fico noite e dia junto do seu berço.

Esta criança cresce prodigiosamente e de contínuo, de sorte que me causa admiração e, ao mesmo tempo, medo. Não tem ainda seis dias e já se apoia sobre os seus membros, como se estivesse na flor da idade; e cresce ainda ininterruptamente. Tal é a criança que se esconde nesta gruta, onde o pai a colocou — esconderijo que dificilmente se descobre.

Quanto ao ruído que de um modo misterioso aqui ressoa, sobre o qual pedes informações e que muito te tem assustado, ele origina-se na concavidade de uma concha, de que a criança fabricou, num só dia, um instrumento músico. Um tal objecto provém de um animal morto que ela encontrara; e faz agora ressoar no subterrâneo essa concavidade, que em extremo a delicia.

CORO

(Texto muito mutilado)

Inexplicável ..... de um animal morto tirar um tal som!

CILENE

Não julgues que te engano. As palavras que uma deusa te dirige são verdadeiras.

CORO

E como devo acreditar que de um animal morto provenha um semelhante ruído?

CILENE

Acredita-me! O animal depois de morto tem voz; e, quando vivo, era mudo.

CORO

Qual era, aproximadamente, a sua forma? Comprido? Encurvado? De pouca altura?

CILENE

De pouca altura, com forma de marmita, encolhido e com a pele sarapintada.

CORO

Devo imaginar que é como um gato ou como uma pantera?

CILENE

Como um animal, geralmente, entre os dois; redondo e de pernas curtas.

CORO

Assemelha-se ao bicho-sabujo [13] ou ao caranguejo?

CILENE

A nenhum dos dois. Escogita um animal de outra espécie.

CORO

Não tem o aspecto do escaravelho cornudo do Etna [14]?

CILENE

Quase acertaste agora. A esse é que mais se assemelha o animal.

CORO

Dize-me: o som é produzido pelo interior ou pelo exterior?

CILENE

..... do monte, aparentada com as ostras.

CORO

E que nome lhe dás? Se sabes alguma coisa mais, declara-ma.

CILENE

A criança chama ao animal tartaruga, e ao que produz o som, lira. *(Os versos seguintes estão muito mutilados, mas pelas palavras que deles restam conjectura-se que tratavam da descrição do instrumento, o qual devia constar de uma concha de tartaruga com o dispositivo para as cordas, que eram entrançadas, e para as cravelhas.)*..... e só isto é remédio e lenitivo para as suas dores. Ela canta alguma melodia com um prazer louco ao som da lira, cujos tons variados lhe arrebatam o coração. Foi assim que, com um animal morto, esta criança conseguiu produzir música.

CORO

Uma voz sonora expande-se neste lugar; e, por efeito das cordas, visões deliciosas esvoaçam pela vizinhança, semelhantes a abelhas, de flor em flor.

Mas, quanto àquilo que me trouxe aqui, a rastejar, assevero-te que o génio inventor do instrumento é um ladrão, e não quem tu dizes. Disto podes ter a certeza, mulher!

Por causa destas palavras, porém, não te aflijas nem mas leves a mal!

CILENE

Quem te meteu na cabeça esse desatino? De que roubo acusas tu a criança?

CORO

Por Zeus, ó respeitável ninfa, não te quero causar agravo.

CILENE

Tratas, então, de ladrão o filho de Zeus?

CORO

(Texto muito mutilado)

..... por causa do roubo .....

CILENE

Prova que dizes a verdade.

CORO

..... eu digo a verdade ..... sei ao certo que ele tem roubado ..... as vacas ..... E, depois de ter cortado ..... adaptou ..... com um pedaço de coiro .....
.....

(Lacuna)

CILENE

..... compreendo agora, finalmente ..... que abusas da minha ingenuidade ..... não, mas por brin-

cadeira. Continua à vontade a escarnecer de mim, se isso te dá prazer ou julgas tirar daí algum lucro. Ri-te e diverte o espírito, como quiseres. Proíbo-te, porém, expressamente de escarneceres da criança, filha de Zeus, impondo-lhe uma alcunha injuriosa; porquanto não herdou do pai a tara de ladrão, nem entre os seus ascendentes maternos dominou a prática de roubar.

Quem foi vítima de algum roubo que vá procurar o ladrão. Procure noutra parte esse parasita sem leira nem beira; não na casa deste menino, onde se desconhece a indigência. Atende à sua estirpe e atribui a culpa a quem ela convém! Mas esta criança não a merece.

Não passarás tu jamais de menino? Sendo já um homem em pleno vigor, andas, como um bode, todo satisfeito com essa tua barba. Não te comprazas em sacudir a cabeça calva e luzidia! Olha, é sentença divina que aquele, cuja boca se abre para tolices e ridicularias, mais cedo ou mais tarde há-de corar. Sou eu quem to afirma.

CORO

Recorre a rodeios e a subterfúgios e emprega as subtilezas que quiseres, que a mim jamais me convencerás de que para o fabrico do instrumento de coiro, ajustado com grude, a criança roubara os pedaços de pele a outras vacas diferentes das de Lóxias. Daqui não arredarei pé.

.....

(Faltam cerca de quatro versos)

CORO

Zeus .....

CILENE

O menino, um ladrão! .....

CORO

Se procedeu mal, é porque é mau.

CILENE

Não é permitido dizer mal de um filho de Zeus.

CORO

Sendo verdade, não devo falar de outro modo.

CILENE

Não te calarás .....

.....

(Uma grande lacuna)

CORO

.....

CILENE

Onde foram apascentar as vacas .....

CORO

.....

CILENE

Quem foi, ó malvado, que se apoderou delas? .....

CORO

A criança que está encerrada lá dentro.

CILENE

Cessa de caluniar o filho de Zeus!

CORO

Cessaria, se me quisessem entregar as vacas.

CILENE

Tu e as tuas vacas transtornais-me a cabeça.

.....

(Faltam uns trinta versos)

[Depois intervêm Sileno e Apolo; mas o texto respectivo perdeu-se. Restam apenas alguns versos incompletos, dos quais não é possível conhecer o sentido. Finalmente, a peça devia terminar, segundo a lenda, com o acordo entre os dois irmãos: Apolo cedia as vacas a Hermes e este fazia presente ao Lóxias da lira. Naturalmente, Sileno e os sátiros receberam a paga prometida.]

NOTAS

1 Esta atribuição, porém, após as Guerras Pérsicas, foi sujeita a uma crítica cuidadosa e objectiva, que contestou a autoria homérica em favor de nomes muito hipotéticos, como adiante veremos (cf. Christ-Schmid, *Geschichte der Griechischen Literatur,* Erste Teil, München, 1912, p. 92 e nota 1).

2 O gramático Proclo, autor da *Crestomatia,* parece ser o mesmo que o neoplatónico, que viveu no século V da era cristã, e não se distinguir deste, como querem alguns (ver F. Lübkers, *Reallexicon des Klassischen Alterums,* Leipzig-Berlin, 1914, p. 860; e Christ-Schmid, *op. cit.*, p. 94, nota 1).

3 Do título deste poema pode, talvez, concluir-se que é oriundo de Chipre e que era aí recitado nas festas da deusa cípria. Chipre, com efeito, estava, desde tempos remotos, dentro da esfera da cultura aqueia; não só tinha sido colonizada pelos Gregos do Peloponeso, mas manteve-se, posteriormente, em contacto com a Grécia. Além disso, há provas de que a ilha esteve relacionada também com Tróia, como é, por exemplo, a semelhança da mais antiga cerâmica de Hissarlik com a de Chipre. Quanto à autoria do poema, parte é atribuída a Estásino de Chipre e parte a Hegésias (ou Hegésino) de Salamina ou de Halicarnasso (ver Christ-Schmid, *op. cit.*, pp. 96 e seg.).

4 Este é o «filho glorioso da Aurora brilhante» mencionado pela *Odisseia* (IV, 188).

5 Welcker considera a *Etiópida* a primeira parte de um grande poema de Arctino, filho de Tales de Mileto, o qual viveu, segundo Eusébio, na I e, segundo Suídas, na IX Olimpíada (ver O. Gruppe, *Griechische Mytologie und Religionsgeschichte,* Erster Band, München, 1906, p. 679; e Christ-Schmid, *op. cit.*, p. 97).

6 Na Antiguidade atribuiu-se, geralmente, a *Pequena Ilíada* a um certo Lesques de Lesbos, que, na opinião de Eusébio, viveu na XXX Olimpíada, anteriormente a Terpandro (século VII), a darmos crédito ao peripatético Fânias (ver Christ-Schmid, *op. cit.*, p. 99; cf. F. Lübkers, *op. cit.*, p. 590, e J. A. Davison, in *A Companion to Homer,* London, 1963, p. 260, nota 9).

7 Provavelmente, estes dois livros formavam a segunda parte da *Pequena Ilíada,* que Proclo omitiu (ver O. Gruppe, *op. cit.*, p. 687).

8 Considera-se Arctino o autor da *Ilíu Pérsis;* Pausânias, porém, atribui-a a Lesques, talvez por tratar também da destruição de Tróia, como a *Pequena Ilíada.* A este propósito, observa O. Gruppe que, se os dois poemas fossem do mesmo autor, deveria haver uma diferença importante entre eles (*op. cit.*, p. 687).

9 Durante a conquista de Tróia, Cassandra refugiara-se junto da estátua de Atena; mas Ájax, filho de Oileu, entra no templo e arrasta-a de aí juntamente com a estátua. Esta foi a causa da cólera de Atena contra os Gregos (cf. O. Gruppe, *op. cit.*, p. 693).

10 Um poema desconhecido por Proclo é o *Regresso dos Atridas,* que devia ser diferente dos *Nóstoi* e continha uma narração da morte de Agamémnone

(ver G. Finsler, *Homer*, I Teil, *Der Dichter und seine Welt*, Leipzig-Berlin, 1924, p. 57).

11 O autor dos *Nóstoi* parece ser Hágias de Trezena ou, segundo Eustátio, de Cólofon, devido, talvez, a que no poema Cólofon e o seu oráculo desempenhavam um papel importante (ver Christ-Schmid, *op. cit.*, p. 99 e nota 4).

12 Era um filho espúrio que a Circe dera a Ulisses, o qual, não conhecendo o pai, entrou em combate com ele e deu-lhe a morte com uma lança que tinha na ponta uma espinha de raia (ver F. Pfister, *Götter-und Heldensagen der Griechen*, Heidelberg, 1956, p. 223).

13 Os últimos dias de Ulisses tinham dado assunto pelo menos a três poemas, um dos quais era a *Telegonia*, de que se conservou um fragmento nos *Excertos* de Proclo (O. Gruppe, *op. cit.*, p. 714).

14 Durante muito tempo, a *Biblioteca* de Apolodoro foi considerada obra de Apolodoro de Atenas (180-109), filósofo que se entregou também a estudos sobre a religião e mitologia dos Gregos; mas, após as investigações de C. Robert, essa atribuição ficou desprovida de fundamento e reconheceu-se que a *Biblioteca* datava de uma época mais tardia (F. Lübkers, *op. cit.*, pp. 83 e 695).

15 Cf. O. Gruppe, *op. cit.*, pp. 610, e G. Finsler, *op. cit.*, p. 55.

16 Para O. Gruppe a contradição que em muitos pontos existe entre os *Excertos* de Proclo e outros testemunhos, quanto ao conteúdo e à extensão dos poemas cíclicos, não é motivo para que se lhes negue *todo o valor* para a reconstrução dos ditos poemas (*op. cit.*, pp. 610 e seg.).

17 Como, porém, na mencionada data o conhecimento das lendas de Tróia não provinha exclusivamente dos poemas cíclicos, não se pode, por isso, considerar a pintura vascular uma fonte segura (O. Gruppe, *op. cit.*, p. 610).

18 Ver F. Pfister, *op. cit.*, p. 239.

19 Outra fonte para o conhecimento do ciclo troiano são os escritos em prosa, especialmente dos logógrafos, que, não obstante não disporem de uma fonte mais antiga do que os poemas jónicos, contudo, porque leram, certamente, os líricos do século VI, podem transmitir-nos, muitas vezes, as mais antigas lendas (cf. O. Gruppe, *op. cit.*, p. 611).

20 Este escudo, obra de Tíquio de Hile, era formado por sete camadas de coiro com revestimento de bronze (*Ilíada*, VII, 220).

21 *Ilíada*, II, 557.

22 *Ilíada*, VII, 206-312.

23 *Ilíada*, XII, 251 e segs., e XV, 592 e segs.

24 *Ilíada*, XVII, 128 e segs.

25 *Ilíada*, XXIII, 700 e segs.

26 Na *Etiópida*, esta contenda foi decidida pelo voto dos Aqueus, com o que concordam Píndaro (*Nemeias*, VIII, 26) e as pinturas dos vasos, bem como Apolodoro, segundo a interpretação de Noack. A outra conclusão chegou Welcker, que atribui a decisão aos prisioneiros troianos, em conformidade com o que diz a *Odisseia:* «Os filhos dos Troianos e Palas Atena foram os nossos juízes» (XI, 547; O. Gruppe, *op. cit.*, p. 683, nota 4). Na arte, a contenda aparece não só nos vasos de figuras negras, mas também em quadros célebres de Parrásio e de Timanto.

27 A loucura de Ájax foi representada cedo pelos artistas e ocorre também na *Pequena Ilíada*. Quanto ao suicídio, este era um tema predilecto já dos mais antigos pintores de vasos. Igualmente na pintura vascular, talvez num vaso coríntio, aparece representado o encontro do cadáver de Ájax por Ulisses —

uma invenção, segundo Schneider, da *Etiópida* (ver O. Gruppe, *op. cit.*, p. 684, notas 1 e 2).

28 *Odisseia*, XI, 543 e segs.

29 Quando, após a guerra, regressou a casa, Telamão não o recebeu, por não ter vingado o agravo feito a seu irmão. Navegou, então, para Chipre, onde fundou a cidade de Salamina (cf. F. Pfister, *op. cit.*, p. 126).

30 Estes exemplos baseiam-se em factos ou propriedades características dos pais, tais como *Astyanax* e *Telemachos*, referentes, respectivamente, a Heitor *(o que reina na cidade)* e a Ulisses *(o que combate ao longe)*.

31 Ver O. Gruppe, *op. cit.*, p. 700, nota 4.

32 *Odisseia*, III, 263 e segs.

33 *Odisseia*, IV, 512 e segs.

34 *Odisseia*, XI, 418 e segs.

35 Ver G. Finsler, *op. cit.*, p. 57.

36 *Odisseia*, I, 35 e segs.

37 *Odisseia*, III, 304 e seg.

38 *Odisseia*, IV, 534 e seg.

39 *Odisseia*, IV, 514 e segs.

40 *Odisseia*, IV, 527.

41 *Odisseia*, XI, 409 e seg. A interpolação a que V. Bérard se refere abrange o texto entre 514-520 do canto IV (*L'Odissée*, «Poésie homérique», I, Paris, 1962, p. 105).

42 *Pítica*, II, 32. Outros dizem que foi em Lacedemónia.

43 *Odisseia*, III, 235, e XI, 410 e 452. O. Gruppe, interpretando os textos, diz: «Dass... Klytaimnestra als Mitthäterin bezeichnet wird erklärt sich, auch wenn sie zwar Miturheber des ganzen Planes war, Mitthäterin aber nur bei Kassandras Ermordung» (*op. cit.*, p. 700, nota 4).

44 *Odisseia*, IV, 512-537, e XI, 418-434.

45 *Agamémnone*, 1342 e 1505 e seg.

46 Esta ama é chamada Arsínoa por Píndaro (*Pítica*, II, 16), e Laodamia por Estesícoro (*fr.* 43). Ésquilo considera-a uma mulher anónima da Cilícia (*As Coéforas*, 718 e seg.).

47 *Agamémnone*, 846 e segs.; etc. A *Odisseia* (III, 307) menciona Atenas.

48 *As Coéforas*, 517 e segs.; etc.

49 Pílades era filho de Estrófio e sobrinho de Agamémnone, segundo dizem. Na tragédia, esta figura aparece apenas como conselheiro e, quando muito, como um incitador. Os *Nóstoi* devem tê-lo conhecido como amigo de Orestes; mas Homero não o nomeia.

50 A morte de Egisto foi precedida pelo reconhecimento de Orestes por Electra, junto do túmulo de Agamémnone, segundo um relevo do século V e muitas pinturas dos vasos.

51 Éax, entre eles, induz Clitemnestra ao adultério; e mostra-se, mais tarde, adversário de Orestes. O próprio Náuplio desempenha na lenda de Agamémnone um papel importante. Aparece aí como o reflexo de uma velha lenda que faz dele o anjo mau de Clitemnestra, em oposição ao aedo que Agamémnone tinha deixado em Micenas para guarda da esposa e que Egisto desterrara para uma ilha deserta (*Odisseia*, III, 267 e segs.; cf. O. Gruppe, *op. cit.*, p. 700, nota 3).

52 O. Gruppe, *op. cit.*, p. 702, nota 5.

53 Cf. *Odisseia*, III, 309. Um antigo poeta, conhecido das pinturas dos vasos, faz Orestes dar a morte à mãe, depois de ela ter defendido o amante contra

o filho. Igualmente Ésquilo e os poetas posteriores admitem a morte de Clitemnestra por Orestes. De resto, não há provas explícitas de que ela se tivesse enforcado.

54 O. Gruppe, *op. cit.*, p. 702, nota 6.

55 Segundo o *Catálogo dos Navios* (II, 716 e segs.), Filoctetes reinava sobre o Sul da Magnésia. Era um dos mais importantes heróis da lenda, que as canções lócrido-tessálicas celebravam como o vencedor de Páris (cf. O. Gruppe, *op. cit.*, p. 615).

56 Proclo não dá a certeza se, segundo os *Ciprios*, Filoctetes fora mordido em Ténedos, em Lemnos ou em Crisa. Baseado em Apolodoro, O. Gruppe considera mais provável ter sido em Ténedos (*op. cit.*, p. 634, nota 1). A respeito dele, diz a *Ilíada:* «Filoctetes jazia na ilha sagrada de Lemnos, sofrendo horríveis dores, onde os filhos dos Aqueus o tinham deixado, vítima de uma doença maligna, causada pela mordedura de uma perniciosa serpente. Ali jazia ele gemendo com dores... (II, 721 e segs.).

57 Antes de se entregar às chamas, no cimo do monte Eta, Héracles deu o seu arco e as setas a Filoctetes, em recompensa de ter acendido a pira (cf. J. Schmidt, *Dictionnaire de la Mythologie grècque et romaine*, Paris, 1965, p. 247).

58 Neoptólemo era filho de Aquiles e de Deidamia e um dos que se esconderam dentro do cavalo de madeira (J. Schmidt, *op. cit.*, p. 213).

59 Em Apolodoro, o oráculo é dado por Calcante e a predição de Héleno, preso só depois da morte de Páris, refere-se: 1) ao transporte dos ossos de Pélope; 2) à cooperação de Neoptólemo; 3) ao roubo do Paládio (O. Gruppe, *op. cit.*, p. 684, nota 4).

60 O. Gruppe, *op. cit.*, p. 684, nota 5.

61 Ver Píndaro, *Pítica*, I, 54.

62 Mas, em vez de a contenda das armas ser decidida pelos Troianos, como na *Pequena Ilíada*, Sófocles adoptou a versão da *Etiópida* e de Píndaro, porquanto interessava-lhe fundamentar a cólera de Ájax contra os Aqueus, os quais com o seu voto se tornaram responsáveis da sua loucura.

63 *Ilíada*, VII, 303 e seg.

64 *Sophocles*, Cambridge-Massachusetts, 1951, p. 63.

65 Interessava isto a Sófocles, atendendo aos motivos patrióticos que lhe inspiraram a peça, pois Ájax, como oriundo de Salamina, era considerado ateniense. Com efeito, a ilha, depois de pertencer alternadamente a Mégara e a Atenas, veio a cair, no tempo de Sólon, definitivamente em poder dos Atenienses; e homens como Milcíades, Cimão, Alcibíades e outros orgulhavam-se de contar os filhos de Ájax no número dos seus antepassados. De sorte que a íntima relação entre Atenas e Salamina, datada de tempos imemoriais, dava aos Atenienses o pleno direito de considerarem Ájax um dos heróis da Ática.

66 Ver *Ájax*, 1102.

67 M. Bowra explica esta mudança de carácter de Ulisses dizendo que ele odiava a Ájax por motivos morais, que só lhe perdoou depois de os ter expiado. Esta opinião, que se apoia sobre as palavras de Ulisses: «eu odiava-o, mas só quando era o meu dever odiá-lo», é contraditada por C. H. Whitman, o qual afirma que Ulisses apenas quer dizer que não é lícito odiar a Ájax, uma vez que ele está morto, e que para além da morte já não pode haver mais ódio (*op. cit.*, p. 261, nota 36).

68 *Ájax*, 767 e segs.

69 «Isto sucede», dizia Calcante, «com aqueles que, tendo natureza de homem, concebem pensamentos impróprios de homem» (*Ájax*, 760 e seg.).
70 Cf. C. H. Whitman, *op. cit.*, pp. 79 e seg.
71 Ver Christ-Schmid, *op. cit.*, p. 330.
72 *Sophocle*, II, Paris, 1958, p. 133.
73 Ver *loc. cit.*
74 Diz ele: «... eu vejo as negras Górgonas aureoladas de inumeráveis serpentes [...] raivosas cadelas vingadoras da mãe [...] E perseguem-me [...]» (*As Coéforas*, 1045 e segs.)
75 *Odisseia*, I, 40.
76 *Pítica*, XI, 34 e segs.
77 Ver *op. cit.*, p. 161.
78 *Electra*, 1426 e seg.
79 Citação de Christ-Schmid, *op. cit.*, p. 338, nota 2.
80 Ver nota 58.
81 Ver nota 59.
82 P. Mazon escreve: «*...en réalité il s'agissait moins ici d'opposer théoriquement deux principes que d'établir en fait la primauté de l'idée de justice et de montrer comment elle s'impose d'elle-même au cœur d'un enfant généreux. Personne ne prêche ce sentiment-là à Néoptolème; il le découvre seul*» (*op. cit.*, III, p. 6).
83 *Filoctetes*, 1373.
84 Este conflito de um indivíduo com a sociedade é a força motriz de toda a peça, e Filoctetes, o seu verdadeiro protagonista, não Neoptólemo, como pensam alguns. É ele quem anima todo o drama; e todas as outras personagens estão-lhe subordinadas. Todas elas se movem em volta do seu problema; e, por isso, com razão tem a peça o título de *Filoctetes*.
85 O significado deste vocábulo é muito vasto; abrange no seu longo desenvolvimento, através das várias fases da cultura grega, toda a espécie de ideal ou aspiração concebida pelos Gregos. Tinha o significado lato de *excelência*, não só física, mas também intelectual ou moral; e podia aplicar-se tanto a coisas como ao homem, indicando a qualidade mais perfeita num indivíduo ou numa raça. Sem implicar necessariamente um sentido moral, podia, contudo, tê-lo, e de facto adquiriu-o, a pouco e pouco, no século V. A ideia de *excelência*, porém, fez-se acompanhar da de *glória*; e assim se explica que *areté* passasse a designar o *preço da excelência*, isto é, a glória que daí resulta e o renome que permanece na memória dos homens. Tal é o sentido que Sófocles lhe dá aqui (ver C. H. Whitman, *op. cit.*, pp. 17 e seg.; cf. A. J. Festugière, *La Sainteté*, Paris, 1949, p. 34).

AJAX

1 Assim diz o texto, o que, naturalmente, deve entender-se da medição calculada só por meio da vista.

2 Estes cães eram célebres pelo seu faro e pela sua ligeireza; e citam-nos tanto Píndaro como Virgílio e Horácio. Note-se, além disso, que Sófocles emprega o feminino, porque as cadelas da Lacónia tinham um faro mais apurado do que os cães da mesma espécie, segundo diz Aristóteles (*História dos Animais*, 608 a).

3 Os Etruscos passavam, entre os Antigos, por inventores da trombeta de bronze.

4 O escudo de Ájax, segundo a *Ilíada* (VII, 219 e seg.), era *de bronze, como uma torre, com sete peles de boi sobrepostas.*

5 Após a morte de Aquiles, Ulisses e Ájax lutam, segundo os *Poemas Cíclicos*, pela sua armadura. Como Ulisses adquirisse as armas, Ájax ressentiu-se (cf. Píndaro, *Nem.*, VIII, etc.).

6 Isto é, dos Atridas, de Agamémnone e de Menelau, ou das suas respectivas tendas.

7 À letra: «...nem reprimirás essa covardia (*ou:* essa timidez)?»

8 Ou: «É melhor que fique lá dentro».

9 O texto diz: «Não era ele antes um homem?»

10 «... fussent-ils grands ouverts», traduz P. Mazon.

11 P. Mazon interpreta: «Je veux te faire offrande de trophées», etc.

12 Ájax procura, baldadamente, mitigar a altivez da sua recusa. O tom com que fala revela o seu carácter.

13 Para os antigos o piscar dos olhos era um sinal de medo. (P. Mazon.)

14 Sófocles parece ter na mente este provérbio mencionado por Platão: «Grandes pedras sem as pequenas não fazem obra segura.» (*Leis*, 902 c.)

15 F. W. Schneidewin interpreta: «... como um bando de aves que chilreiam, alegres, por terem escapado do abutre.»

16 Ártemis é chamada *Taurópola* (cavalgante de toiros), porque Ájax matara também toiros, isto é, *os bois gregais;* por isso, não se mencionam as outras reses. (F. W. Schneidewin.)

17 Eniálio é um outro nome de Ares, o deus da guerra.

18 Uma lenda, não conhecida por Homero, diz que Anticleia, mãe de Ulisses, antes de se casar com Laertes, tinha tido relações ilícitas com Sísifo, rei de Corinto.

19 Erecteu, segundo a fábula, foi um antigo herói da Ática, nascido da terra; por isso, era autóctone e a Ática chamava-se *terra de Erecteu.* A sua lenda relacionou-se cedo com as relativas a Posidão e a Atena.

20 Teleutante ou Teleutas era um rei da Frígia.

21 Outros, em vez de «é evidente que», traduzem: «uma vez revelado».

22 Os dois carneiros são os dois Atridas. A Agamémnone Ájax arranca-lhe a língua, porque foi quem proclamou a sentença contra ele. Quanto ao cas-

tigo reservado a Ulisses, este não chegou a executá-lo, porque recuperou primeiro o juízo.

23 R. Pignarre traduz: «Ne crains plus cela.» Por sua vez, P. Mazon verte: «C'est fini maintenant.»

24 Trata-se aqui dos fogos que ardiam pelo acampamento.

25 Ou «de bela lã», segundo o texto de F. W. Schneidewin.

26 Outros interpretam: «...que sorte impende agora sobre ele» (C. Donner); «il veut savoir où il en est» (P. Mazon); etc.

27 Durante as incursões contra as cidades da Ásia, Ájax tinha-se apoderado de Tecmessa, que tomou consigo como escrava.

28 Isto é: talvez, ao ver-me, ele reprima os seus lamentos.

29 Referência aos génios vingadores.

30 O pai de Ájax era filho de Éaco, que, segundo os mitólogos, tinha por pai a Zeus.

31 Referência, sem dúvida, a Atena.

32 Abatido pela desgraça, Ájax descobre que o seu nome contém um prognóstico do seu destino. *Aias*, em grego, assemelha-se, com efeito, à exclamação de dor *aiai*, com que exprime agora a sua aflição.

33 Ida é uma cadeia de montanhas não longe de Tróia. Telamão tinha sido companheiro de Héracles numa guerra contra Tróia, de que Laomedonte era, então, o rei.

34 Telamão, por ter ajudado Héracles na luta contra Laomedonte, recebeu em recompensa Hesíona, filha deste rei, da qual nasceu Teucro.

35 Outros interpretam este passo como se se tratasse de um combate *contra cada um dos troianos;* é, porém, difícil admitir que o valente Ájax sucumbisse num combate singular ou, pelo menos, que ele o supusesse.

36 Outros traduzem: «não sou um degenerado», ou: «não sou sem coração».

37 Sófocles tinha, por certo, na mente estas palavras de Heitor a Andrómaca: «E um dia, ao ver-te chorar, dirá alguém: 'Esta é a mulher de Heitor, o mais valente guerreiro, entre os Troianos domadores de cavalos, quando se combatia em volta de Ílion». (*Ilíada*, VI, 459 e segs.)

38 Segundo outro texto, em vez de «não há maior felicidade do que viver...», deve traduzir-se: «nada entender é um mal inteiramente isento de dores».

39 Os Antigos atribuíam ao ar poder alimentício.

40 Referência a Ulisses.

41 Eurísaces significa etimologicamente «escudo largo». (Cf. prefácio, p. XIII e nota 30).

42 Isto é, as lágrimas de nada servem para remediar o mal de que Ájax sofre.

43 Estas palavras são ditas para os escravos ou escravas que estão junto de Ájax ou de Tecmessa.

44 As traduções variam. R. Pignarre, por exemplo, traduz: «Deviens-tu folle, que tu veux maintenant me gouverner comme un enfant?»

45 Sófocles refere-se anacronicamente à batalha de Salamina, que com a derrota de Xerxes cobriu a ilha de glória.

46 Segundo outro texto: «durante meses sem conta».

47 Ájax alude às suas mãos manchadas de sangue das reses que matara. Mas a única purificação para ele é a morte; só ela a livrará da cólera de Atena.

48 P. Mazon traduz: «Les puissances les plus terribles cèdent aux droits reconnus.»

49 Esta sentença é semelhante ao princípio de Bias citado por Aristóteles: «Segundo o preceito de Bias, eles amam como se devessem odiar e odeiam como se devessem amar.» (*Retórica*, II, 13.)

50 Estas palavras devem fazer pensar ao Coro na cura de Ájax, após o banho purificatório.

51 Cilene é uma montanha da Arcádia, segundo a lenda, consagrada a Hermes e lugar do nascimento de Pã.

52 *Danças de Nisa* eram as danças executadas por sátiros e ninfas no monte de Nisa, em Eubeia; as *de Cnossos* tinham lugar nesta cidade de Creta, em honra de Ariadna.

53 Segundo a mitologia, Delos é o lugar de nascença de Apolo.

54 Chama-se *mar de Ícaro* o mar Egeu, entre Samos e Mícono, por aí, como os mitólogos ensinam, ter caído Ícaro, durante o seu voo (ver Ovídio, *Metam.*, VIII, 183).

55 Teucro, o afamado combatente de arco, entregara-se, assim como os outros chefes gregos, a actos de pirataria, na Mísia, durante a guerra de Tróia. Ele foi um dos que entraram no cavalo de madeira; e participou directamente na tomada de Tróia.

56 Ou, segundo H. Schütz: «Que fica sem execução daquilo que devia ser feito?»

57 Calcante era o mais célebre adivinho da Grécia e o adivinho oficial dos Aqueus, durante a guerra de Tróia.

58 Ou: «anormais e inúteis.»

59 Outros traduzem: «... para tu cumprires».

60 Trata-se aqui de um provérbio relativo a coisas que implicavam perigo.

61 F. W. Schneidewin interpreta: «... em que a saída de Ájax lhe traz a morte (caso lhe tenha sido permitida) ou a vida (caso lhe tenha sido negada).

62 Refere-se aos escravos e ao mensageiro.

63 Referência ao Coro.

64 Em vez de «recantos», Brunck-Bothe traduzem «juga montium».

65 Após um longo combate com Ájax sem resultado, Heitor disse-lhe: «Presenteemos agora um ao outro dádivas gloriosas, para que se diga entre os Aqueus e os Troianos: 'eles combateram o combate que devora o coração, mas separaram-se, depois, reconciliados e outra vez amigos'». Assim falou; e deu-lhe uma espada com cravejamento de prata, juntamente com a bainha e uma bandoleira artisticamente trabalhada. Ájax, por sua vez, deu a Heitor um cinturão de brilhante púrpura. (*Ilíada*, VII, 299 e segs.) Semelhante troca de presentes cria entre duas personagens relações semelhantes às de simples hospitalidade.

66 Estas divindades infernais, de corpo alado e cabeleira de serpentes, são os ministros da vingança dos deuses e percorrem a Terra, para castigar os criminosos, especialmente os prejuros e os parricidas ou matricidas.

67 O texto entre colchetes é omitido por Dindorf e Brunck-Bothe.

68 Ou: «Vós que me tendes nutrido...»

69 F. W. Schneidewin interpreta: «O trabalho de procurar Ájax ajunta à sua desgraça anterior uma outra, visto o Coro não o encontrar.»

70 Trata-se aqui das ninfas do Olimpo da Mísia, que os trágicos identificam com o monte Ida de Tróia.

71 O Coro lamenta agora não ter compreendido antes as palavras de Ájax, à sua despedida.

72 O epíteto de «armas» é duvidoso. Traduzi segundo a conjectura de Thiersch. H. Schütz propõe «odiosas», e Musgrave, «douradas».

73 A letra diz: «... até ao fígado», que era considerado a sede das paixões, do medo, da cólera, etc.

74 Neste passo, o texto é muito contestado. Segundo a interpretação tradicional

baseada nos códices, deve traduzir-se: «... é mais amarga para mim do que doce para...». Nitzsch, por sua vez, interpreta: «(sive) mihi acerba sive illis dulcis eius mors acciderit...» Segui a conjectura de F. W. Schneidewin, que H. Schütz também segue.

75 H. Schütz interpreta: «para mim ele está presente, apesar de ter partido, porque o que sempre se chora não se perderá jamais».

76 Segundo o texto de Brunck-Bothe: «... zombar dos valentes...»

77 Estas palavras são ditas com amarga ironia.

78 A letra do texto designa Teucro, desdenhosamente, «filho de uma lança inimiga» (Hesíona).

79 A previsão de Teucro foi acertada. De regresso a Salamina, Telamão censurou-o asperamente, por não ter impedido o suicídio de Ájax, e baniu-o da ilha. Acolhido, primeiro, por Belos, na Síria, foi, depois, estabelecer-se em Chipre, onde desposou a filha de Cipros. A ele refere-se Píndaro quando diz: «Chipre, onde, longe da sua pátria, reina Teucro, filho de Telamão» (*Nem.*, IV, 75 e segs.). Segundo outras tradições, ele tentou ainda conquistar o trono de Salamina; mas, não o podendo conseguir, foi para Espanha, onde fundou a cidade de Cartagena.

80 Segundo outros textos: «a fim de nos maltratar ignominiosamente».

81 A comparação do Estado a um navio é um pensamento predilecto de Sófocles, que emprega na *Antígona* (994), no *Rei Édipo* (23 e segs.), etc.

82 Estes são os aventureiros que partiram para Tróia com a expedição, em busca de empreendimentos heróicos. Segundo outros, Teucro visa aqui a Ulisses.

83 Tíndaro, pai de Helena, tinha obrigado os pretendentes da sua filha sob juramento a defenderem aquele que ela escolhesse por marido, se algum dia, por causa das núpcias, lhe fosse feito agravo.

84 Menelau era acompanhado de arautos, consoante o costume dos reis na tragédia.

85 Menelau, em vez da palavra correspondente à latina *inimicus*, empregou a correspondente a *hostis* (inimigo de guerra). Esta é a explicação da pergunta de Teucro.

86 Menelau portara-se como intrujão na contagem dos votos, que os árbitros tinham dado a favor de Ájax.

87 Supõe-se que o Coro pensa mais no Hades do que no *túmulo*; por isso, é apropriada a palavra «tenebroso». Outros vertem: «húmido».

88 Ordinariamente os suplicantes sustentavam ramos nas mãos (ver *Rei Édipo*, 3). Aqui, porém, na falta de ramos, Eurísaces sustenta as madeixas dos três parentes do morto, as quais devem ter um significado simbólico, como dão a entender as imprecações pronunciadas por Teucro. Além disso, a atitude da criança destina-se a impetrar para o morto a protecção de Zeus, protector dos suplicantes.

89 Literalmente: «anos que vagueiam ao largo» ou «que vagueiam muito».

90 Referência a Páris, que, por causa do rapto de Helena, esposa de Menelau, ocasionou a guerra de Tróia.

91 Súnio é um promontório, junto da cidade do mesmo nome, na Ática, em frente de Salamina.

92 Alusão a Ájax.

93 Isto não é verdade. O que Teucro afirmara é que Ájax não tinha ordens a receber de Menelau.

94 Em Atenas o direito de pleitear era só concedido aos cidadãos, filhos de pais

atenienses. Teucro precisa, portanto, de um advogado que saiba, além disso, falar grego.

95 Sófocles reduz a um vários episódios da *Ilíada* (XII-XVI), com relação aos navios.

96 Brunck-Bothe seguem um texto um pouco diferente e traduzem: «Anne vobiscum ille haec patravit, an solus?»

97 Quanto ao combate de Ájax com Heitor, ver *Ilíada*, VII, 206-312; e relativamente ao sorteio, 171 e segs. do mesmo canto da *Ilíada*.

98 Pélope era, segundo a fábula, filho de Tântalo, rei da Lídia, e, portanto, frígio.

99 Trata-se aqui de Tiestes, a quem Atreu odiava de morte. Horrorizado com o proceder do irmão, Tiestes amaldiçoou-o, assim como a toda a sua descendência.

100 Eurípides atribui o caso ao rei de Creta, o qual, tendo surpreendido a sua filha Aéropa nos braços de um escravo, a enviou ao rei de Eubeia com ordem de a matar. O rei, porém, compadecido da donzela, poupou-lhe a vida, a qual, depois, teve Atreu por esposo e foi mãe de Agamémnone e de Menelau.

101 Referência a Héracles.

102 No ardor da contenda, Teucro exagera, pois Clitemnestra não tem nada que ver com a guerra de Tróia; mas ele reconsidera e menciona, então, Helena, a mulher de Menelau.

103 Isto é, não te pode provir nenhuma glória do facto de calcares um morto aos pés.

104 Ou, como verte R. Pignarre: «Ne suis-je pas mortel, moi aussi?»

105 Referência ao monte Ida, lugar predilecto dos deuses, durante a guerra de Tróia (cf. nota 70).

106 Também se chama *deusa da vingança*, que, com as outras duas Erínias, é, como executora da sentença da Justiça, a guarda de toda a ordem moral (cf. nota 66).

107 Outros vertem: «... pôr a mão nesta sepultura».

108 Ou, segundo outro texto: «... a nenhum mortal mais valente do que Ájax, afirmo eu, podereis prestar este serviço.»

109 O texto entre colchetes é considerado espúrio por Dindorf.

ELECTRA

1 Trata-se de Io, a amante de Zeus contra a qual, depois de transformada em vaca, Hera enviou um moscardo que de contínuo a aguilhoava, obrigando-a a percorrer a terra.

2 Licóctono *(que matou o lobo)* é um dos vários epítetos de Apolo, segundo a concepção dos Antigos. A *praça Lícia (Agorá Lúckeios)*, porém, parece não ter nada que ver com este epíteto; e deve antes referir-se a Apolo como deus da luz (cf. lat. *luceo*) ou da Lícia, segundo alguns intérpretes.

3 O templo de Hera, de que hoje só existem as ruínas, também conhecido pelo nome de *Héreon de Argos*, distava 9 km desta cidade e 4 km de Micenas.

4 Segundo a fábula, de Pélope, de quem o Peloponeso tomou o nome, descenderam os Pelópidas, a saber, Atreu e Tiestes, com Agamémnone e Menelau, filhos do primeiro, e Egisto, filho do segundo. A maldição herdada por Pélope passou a toda a sua descendência, impeliu-a ao crime e ensanguentou a sua casa (cf. *Ájax*, 1291 e segs. e as notas 98 e 99).

5 Estes jogos eram celebrados em Delfos, de quatro em quatro anos, pelos meados de Agosto, em memória da vitória de Apolo sobre a serpente Píton, o qual recebeu, por isso, o nome de *Apolo Pítico*. Assim como os jogos olímpicos, ístmicos e de Némea, os píticos tinham carácter pan-helénico, a que todos os gregos podiam concorrer.

6 Conta-se que Pitágoras se fez passar por morto e que, depois, apareceu de novo, como em virtude de um renascimento, a fim de confirmar a doutrina da metempsicose, professada por ele.

7 Ou: «com a minha vingança».

8 *Lóxias* (oblíquo) era um dos epítetos atribuídos a Apolo, por causa da ambiguidade dos seus oráculos.

9 Sófocles distingue a Imprecação das Erínias. Ao passo que a primeira vinga os crimes cometidos contra a divindade, contra um hóspede ou um parente, as segundas parecem ter a missão, segundo o texto, de castigar todos os outros crimes (R. Pignarre).

10 Imagem tirada dos pratos da balança, num dos quais o poeta supõe a dor de Electra, e no outro, a força de ânimo, para manter o equilíbrio.

11 Diz a lenda que Ítis era filho de Progna, esposa de Tereu, rei da Trácia. Como, porém, Progna descobrisse que o marido lhe era infiel, matou a Ítis, para se vingar, e com os seus membros preparou uma refeição a Tereu. Depois de este ter conhecimento do sucedido, lançou-se, furioso, em perseguição de Procna, a qual, quando estava prestes a ser alcançada, invocou os deuses e foi mudada em rouxinol, que de contínuo lamenta o seu filho dizendo: *Ítis! Ítis...* (cf. Ésquilo, *Agamémnone*, 1142 e seg.).

12 Quanto a Níobe, ver Sófocles, *Antígona*, 823 e segs.

13 Não se deve confundir Ifianassa com Ifigénia, como fazem alguns poetas. Para Sófocles são diferentes.

14 P. Mazon verte: «... dont la jeunesse heureuse demeure à l'abri des chagrins», o que não parece ser conforme ao contexto.
15 Em vez de «consumo-me», outros traduzem: «ando».
16 Crisa é uma cidade da Fócida, a sudoeste de Delfos, a pouca distância do golfo de Corinto.
17 A obscuridade do texto dá azo a interpretações diferentes. Assim, R. Pignarre verte: «circulant autour des maîtres, sans les voir»; e A. J. C. Donner: «devo, esfomeada, assistir a mesas vazias».
18 Ou: «que são indignas de ti», segundo outros textos.
19 A interpretação deste passo oferece grande dificuldade aos críticos. Tomando em consideração a conjectura de Fröhlich, o termo que exprime a ideia de *disputar* seria a corrupção do primitivo com a ideia de *agradável*. Nesta hipótese, deve traduzir-se: «os poderosos não gostam que se leve à sua presença...». Segui o texto de Brunck-Bothe.
20 A. J. C. Donner traduz: «não cessará o meu canto fúnebre».
21 À letra: «com o senso da oportunidade».
22 Este passo é traduzido de vários modos, por exemplo: «se lograsse uma felicidade qualquer» (A. J. C. Donner); «si je garde au cœur quelque droiture» (P. Mazon); etc. A interpretação seguida é de Liddell & Scott.
23 Parece que o aniversário da morte de Agamémnone ocorria a 13 de *gamélion* (mês de Janeiro), segundo o escoliasta.
24 Evidentemente, é uma expressão irónica.
25 Segundo os comentadores, isto pode entender-se de duas maneiras: «fazendo combater as mulheres no seu lugar» ou «que fica em casa com as mulheres, quando os homens partem para a guerra». (P. Mazon.)
26 Ou: «As minhas desgraças obrigam-me a praticar o mal.»
27 Ou: «quando me falta a força para prejudicar». (A. J. C. Donner.)
28 N'*As Coéforas*, de Ésquilo, Electra supõe que Agamémnone, depois de morto, conserva ainda desejos de vingança, quando diz: «... aparece, pai, aos teus inimigos e dá a morte aos que ta deram a ti» (135 e segs.).
29 Outra lição: «A mim admira-me que não seja privada até do alimento.»
30 Ou: «é para ti um bom agoiro?».
31 Segundo um escoliasta, era costume dos Antigos contarem os sonhos ao Sol, a fim de impedirem o seu mau efeito, na suposição de que ele era um deus purificador.
32 Alguns códices atribuem o texto entre colchetes a Electra.
33 Isto é, cortou-lhe os pés e as mãos e atou-lhos sob as axilas (cf. Ésquilo, *As Coéforas*, 434). Como observa Triclinus, os Antigos praticavam isto julgando que assim evitavam a vingança das Fúrias que os mortos suscitavam contra os seus assassinos.
34 Assim reza o texto. Deve, porém, entender-se, segundo os intérpretes: «dimpou a arma ensanguentada».
35 Outra lição diz: «suplicantes».
36 Como o texto foi objecto de várias conjecturas, não se pode garantir que este seja o pensamento exacto de Sófocles.
37 Alude-se aqui à corrida de carros em que, segundo a lenda, Pélope venceu a Enomau, rei da Élida, cuja filha Hipodamia seria o prémio daquele que o vencesse na corrida. Mas, por traição do seu cocheiro, de Mírtilo, Pélope foi o vencedor; e, como aquele exigisse deste a recompensa da sua traição, Pélope lançou Mírtilo ao mar, cujas maldições caíram sobre Pélope e sobre todos os Pelópidas (cf. *Electra*, 10 e nota 4).

38 Esta filha de Agamémnone chamava-se Ifigénia.

39 Ifigénia, afinal, não chegou a ser sacrificada, porque, como diz a lenda, Ártemis arrebatou-a numa nuvem e transportou-a para Táurida, onde se tornou sacerdotisa da deusa.

40 Orestes não devia, certamente, levar uma *vida desgraçada* na corte de Estrófio, rei da Fócida, onde se refugiara. Electra quer apenas referir-se à sua condição de exilado da pátria.

41 A quem se refere o Coro? A Clitemnestra, ou a Electra? Os comentadores interpretam diferentemente as suas palavras. Parece, todavia, que é Electra que ele tem em vista (P. Mazon).

42 Estas palavras têm um sentido acentuadamente irónico.

43 Ver *Electra,* 6 e seg. e nota 2.

44 Estes jogos compreendiam cinco justas, a saber: a corrida, o lançamento do disco, o salto, o pugilato e a luta.

45 O texto entre traços é excluído, como espúrio, por Lachmann.

46 O texto refere-se à Magnésia da Tessália.

47 Énia ficava na Etólia, ao norte do golfo de Corinto.

48 Ou: «em linha». P. Mazon verte: «étaient restés intacts».

49 Cidade da Fócida, a sudoeste de Delfos.

50 Toda esta descrição parece inspirar-se no canto 23 da *Ilíada,* onde se trata dos jogos após os funerais de Pátroclo.

51 Outro texto diz: «Orestes, ainda que impetuoso, guiava».

52 Acima diz-se que *Orestes... ao contornar a baliza, roçava-a sempre... dando rédeas ao cavalo da direita e retendo-as ao do interior...* Agora, porém, sucedeu o contrário, *afrouxou a rédea,* de sorte que não se compreende como poderia dar-se o desastre. Por isso, não parece desarrazoada a conjectura de H. Schütz, que propõe *retesou,* em vez da lição corrente.

53 Esta divindade distingue-se das Erínias. A sua missão consiste em impedir que os mortais orgulhosos tentem igualar os deuses e em abater aqueles que foram favorecidos da fortuna e se gloriam disso (J. Schmidt).

54 Isto é, pela cilada de uma mulher. Diz a lenda que o rei-adivinho Anfiarau recusou-se a participar na guerra contra Tebas, prevendo que nela encontraria a morte; e, por isso, escondeu-se. Mas a sua esposa Erifila, subornada por Polínices, um dos Sete Chefes, com um colar de oiro, revelou o seu esconderijo; e assim foi obrigado a partir para a guerra, depois de ter recomendado a seu filho Alcmeão que matasse Erifila, por tê-lo traído. Diante de Tebas, a terra engoliu-o vivo. Continua, porém, ainda a reinar, no reino dos mortos, e a dar oráculos, porque, como afirmam os Antigos, os reis que, durante a vida, se distinguiram pela sua sabedoria, depois da morte gozam ainda dessa prerrogativa.

55 O texto entre colchetes é atribuído por Brunck-Bothe a Electra.

56 Ou: «Eu não digo isto por graça.»

57 Brunck-Bothe põe o texto entre colchetes na boca de Electra. Observa-se, além disso, que a sua autenticidade é muito duvidosa, por não se ajustar bem ao contexto. Parece que este exigia que, em vez de «quando se deseja a morte», se dissesse: «quando se deseja a honra», como propõe H. Schütz. De resto, seja qual for a interpretação do texto, estava na mão de Electra dar-se a si própria a morte, quando desejasse, assim como fez Antígona (ver *Antígona,* 1221 e seg.).

58 Schneidewin interpreta: «Eu devo agora ouvir (com dor) a tua censura; com

dor suportarei também o teu louvor», isto é, que digas que eu tinha razão, quando tiveres de sofrer as consequências da frustração do teu plano.

59 Segundo Homero, Témis é a personificação da ordem estabelecida e das leis que regem a justiça. Representou-se com uma balança e uma espada nas mãos. Os seus olhos vendados indicam a imparcialidade das suas sentenças.

60 Isto é, a atingir os assassinos de Agamémnone.

61 O texto diz «comum», que não fornece aos críticos garantias de autenticidade. Schneidewin interpreta: «... por companheira».

62 À letra: «pelo teu queixo».

63 Ou: «... se for privado do teu sepulcro» ou «das tuas cinzas».

64 O texto emprega o plural, mas, segundo o escoliasta, trata-se de uma referência apenas a Agamémnone.

65 Outros vertem: «sempre inupta» ou «sempre virgem». Não obstante a lenda conhecer outras divindades com o nome de Ártemis, na tradição grega, esta permanece, inconfundível, com os atributos de *casta* e de *caçadora*, a qual exigia também castidade nas suas companheiras.

66 «Fardo inútil» é expressão homérica (*Ilíada*, XVIII, 104; *Odisseia*, XX, 379).

67 Ares, que os Romanos confundiram com Marte, simboliza aqui o ânimo belicoso.

68 «para o nosso palácio», acrescenta outro texto. Outros atribuem estas palavras a Electra, na fala seguinte.

69 Segundo outro texto: «Que não me deixes inebriar com a visão agradável do teu rosto».

70 Este passo tem sido interpretado diferentemente. Note-se, por exemplo, a tradução de R. Pignarre: «Lorsque la funeste nouvelle, ô mes amies, vint me frapper à l'improviste, une fureur muette me saisit, et sans un mot, sans un cri j'écoutais, malheureuse!»

71 Ou: «neste dia», diz outro texto.

72 As palavras ditas por Orestes são atribuídas por outros textos ao Coro.

73 Ver *Electra*, 6 e seg. e nota 2.

74 ...«sans autres offrandes», verte P. Mazon.

75 Referência às Erínias.

76 Traduzi segundo a interpretação do escoliasta, de Suídas e outros. A letra diz: «sangue recentemente afiado», o que faz supor corrupção do texto original.

77 Isto deve entender-se, não de toda a casa de Agamémnone, mas apenas de Clitemnestra, porque Orestes continua a viver, para a restaurar.

78 Ou, segundo os códices: «Eu nem posso falar.» Note-se que o texto entre colchetes é atribuído pelos códices a Electra.

79 Ou, segundo Brunck-Bothe, que atribuem também o texto anterior a Electra: «... eu não posso dizer, Orestes, como a empresa se encontra.»

80 Lacunas indicadas por Erfurdt.

81 *Lacuna indicada por Seidler.*

82 Ou, segundo outros textos: «ORESTES — Vedes o homem? — ELECTRA — Ele está perto de nós e caminha...»

83 Ou, segundo outros textos: «ORESTES — ... levaremos a cabo a obra como desejas. — ELECTRA — Então apressa-te!»

84 Segundo outra lição: «... morto, contra o qual nutri malquerença».

85 O que Electra pretende é não dar tempo a Egisto para maquinar intrigas, na última hora, caso lhe seja dada a palavra, porque, pensa ela, o homem perverso que está para morrer aproveitaria o último instante, não para prati-

car o bem, mas para fazer mal. O passo entre colchetes é omitido por alguns textos.

86 Isto é, aos cães e às aves.

87 P. Mazon interpreta: «...*voie les malheurs nouveaux des neveux de Pélops, ainsi qu'il a vu leurs malheurs passés?*

88 Dindorf suprime o texto entre colchetes.

FILOCTETES

1 Na *Ilíada*, por exemplo, VII, 467, Lemnos considera-se uma ilha habitada, pelo menos em parte; e forneceu até vinho aos Gregos, durante a guerra de Tróia (cf. XXI, 40). Mas, como tinha grande extensão, podia suceder, segundo o escoliasta, que Filoctetes fosse abandonado em paragens realmente desertas.

2 Dá-se este nome a Filoctetes, por ser natural de Málea, região banhada pelo golfo Malíaco, na Tessália.

3 Ou, segundo C. Donner: «Aquilo que procuras... não está longe.»

4 Dárdano, filho de Zeus, foi o antepassado mítico dos Troianos, o qual fundou Dardânia, que depois tomou o nome de Tróia.

5 Ver *Ájax*, 1115 e nota 83.

6 Foi durante esta primeira expedição que Ulisses e os Atridas baniram Filoctetes para a ilha de Lemnos.

7 Referência aos marinheiros que constituem o Coro.

8 Ou, segundo outra lição: «... de ter os olhos fitos no teu olhar...»

9 Ou: «a custo», segundo outra lição.

10 Em vez de «deuses», outros lêem «mortais».

11 Outras traduções: «quibus modica non est vita» (Brunck-Bothe); «quand leur destin s'élève au-dessus du commun» (R. Pignarre); etc.

12 Ou: «espalha».

13 Ninfa protectora da ilha do mesmo nome, ao sul de Lemnos, onde Sófocles supõe que Filoctetes foi mordido pela serpente (ver prefácio, p. XV nota 56). Esta ilha foi engolida pelo mar.

14 A fala entre colchetes é atribuída por Brunck-Bothe a Neoptólemo.

15 C. Donner verte: «Ou foi por ver o nosso navio no porto inóspito...»

16 Outra lição: «terrivelmente».

17 Ou, segundo a conjectura de H. Schütz: «lançado neste deserto só e sem amigos».

18 Ilha do mar Egeu, a leste de Eubeia.

19 Rei de Ciros, que recebeu entre as suas filhas Aquiles disfarçado em mulher, tentando assim, por conselho de Tétis, que sabia que ele morreria em Tróia, impedir que fosse na expedição. Como Neoptólemo tinha por mãe Deidamia, filha de Licomedes, este, portanto, era o seu avô.

20 Referência aos Atridas, Agamémnone e Menelau.

21 O reino de Ulisses compreendia não só Ítaca, mas também Cefalénia e Zacinto, cujos habitantes, segundo a *Ilíada* (II, 631), tinham todos o nome de Cefalenes.

22 Segundo a lenda, o caso dera-se em castigo do perjúrio cometido por Filoctetes, ao revelar o sítio onde repousavam as cinzas de Héracles.

23 F. W. Schneidewin interpreta: «em consequência da dor veemente causada pela ferida».

24 O cavalo Xanto tinha predito a Aquiles que morreria abatido por um deus e por um homem (*Ilíada*, XIX, 417), isto é, segundo a interpretação comum,

por Páris assistido por Apolo (cf. Virgílio, *Enéiada*, VI, 57 e seg.). Mas, segundo outra tradição, foi Apolo sob a figura de Páris quem feriu Aquiles com uma flecha no calcanhar.

25 O preceptor de Aquiles foi Fénix, que lhe ensinara a eloquência e o manejo das armas e o acompanhara, mais tarde, a Tróia.

26 Sigeu é um promontório a noroeste de Tróia, onde, segundo a tradição, foi sepultado Aquiles.

27 Outro texto acrescenta: «ao ouvir isto...»

28 Ou: «de todas as maldições».

29 Ulisses era, segundo uma lenda nada honrosa para a sua mãe, filho de Sísifo, o criminoso rei de Corinto, conhecido, sobretudo, pelo castigo que lhe foi infligido, nos Infernos, de rolar uma pedra até ao cimo de um monte, a qual, apenas chegada ao cimo, resvalava de novo para baixo. (*Odisseia*, XI, 593 e segs.)

30 Rio da Lídia, célebre pelas suas areias de oiro. Chama-se *grande*, por causa do culto de Cíbele.

31 Cíbele, a grande deusa da Ásia, honrada particularmente na Frígia, é conhecida também pelo nome de Gé (Terra). Importada para a Grécia e Roma, ela personificou a força vegetativa da natureza e foi invocada sob os nomes de Mãe dos deuses, Magna Mater, Reia ou Ops.

32 Referência a Diomedes, guerreiro valente, mas orgulhoso e brutal.

33 Ver acima, nota 29.

34 Este herói acompanhou o seu pai a Tróia, onde, segundo a tradição mais comum, foi morto pelo etíope Mémnone.

35 O outro, além de Antíloco, é Ájax, acima nomeado.

36 Neoptólemo prediz involuntariamente que o ardil maquinado por Ulisses contra Filoctetes vai falhar.

37 Educado com Aquiles na corte de Peleu, Pátroclo seguiu o seu amigo para Tróia, onde sucumbiu aos golpes de Heitor (*Ilíada*, XVI, 819 e segs.).

38 Este guerreiro distinguia-se pela sua fealdade, cobardia e malvadez (ver *Ilíada*, II, 212 e segs.).

39 Outra lição: «quando investigo...»

40 Outra lição: «se descubro que é molesta a acção divina e que os próprios deuses são maus?»

41 Esta é uma montanha da Tessália, a oeste do golfo Malíaco.

42 Um rei de Eubeia, que tinha sido aliado de Héracles.

43 Cidade da Tessália, entre Eta e o golfo Malíaco.

44 Este rio nasce no monte Pélion, na Tessália, e vai desaguar, a norte de Traquina, no mencionado golfo Malíaco.

45 F. W. Schneidewin interpreta: «na qual incorreria, se deixasse Filoctetes aqui entregue à sua miséria.»

46 É uma ilha do mar Egeu, que hoje tem o nome de Escópelo.

47 Chamavam-se Demofoonte e Acamas.

48 Segundo uma tradição seguida por Virgílio na *Enéiada*, III, 295 e segs., Héleno sobreviveu à ruína de Tróia e sucedeu a Pirro como rei do Epiro.

49 Sísifo, depois de morto, conseguiu, segundo a fábula, regressar do Hades para entre os vivos, a fim de recomendar a sua mulher que cumprisse os seus deveres para com os que morrem (ver acima, nota 29).

50 Quer dizer: não há pressa de partir, porque aos que nos perseguem opõe-se o mesmo obstáculo.

51 Ver acima, nota 41.

52 Estas palavras parecem incluir uma proibição indirecta de entregar o arco

a outrem—esse arco, no qual a ninguém era permitido tocar, como o insinuam as palavras do texto: «e gloriares-te de seres o único...»

53 Os códices atribuem a Filoctetes o texto entre colchetes. Doederlein atribui-o a Neoptólemo.

54 Este foi Íxion, como claramente dizem os códices, o qual, depois de ter sido admitido no Olimpo como suplicante, teve de sofrer, nos Infernos, a pena declarada no texto, por ter tentado seduzir Hera.

55 Em vez de «activos», outros preferem: «que comem pão».

56 Estas palavras indicam que o Coro ignora a existência de uma fonte junto da gruta de Filoctetes (ver *Filoctetes*, 21).

57 Ninfas das margens do golfo Maliaco (cf. acima, nota 2).

58 Ver acima, nota 44.

59 Referência a Héracles, que foi queimado no cimo do monte Eta. A este respeito, diz a fábula que Zeus o admitira no Olimpo e lhe concedera a imortalidade.

60 Esta é a interpretação do escoliasta, segundo o qual a doença compara-se a um animal que volta em busca de alimento, no pé de Filoctetes.

61 Referência a Ulisses e a Diomedes.

62 Porque teme Filoctetes a morte, caso Neoptólemo ceda o arco aos seus inimigos? Isto parece incompreensível; por isso, H. Schütz conjectura que o texto primitivo, em vez de «mates», devia dizer «arruínes», porque, uma vez senhores do arco, eles podiam obrigar os dois a irem para onde quisessem.

63 Isto é: a inveja dos deuses.

64 O arco de Filoctetes tinha sido a causa da morte de Héracles, por este ter matado com uma frecha o centauro Nesso.

65 Estas palavras têm um sentido ambíguo; podem significar tanto o regresso à sua pátria como a viagem para Tróia, onde deve, senhor agora do arco, conquistar com Filoctetes a cidade.

66 P. Mazon verte: «...sang, dont le suintement me tue.»

67 Referência a Ulisses. Ver acima, nota 21.

68 A lenda colocou em Lemnos, por causa do seu carácter vulcânico, a forja de Hefesto.

69 Referência a Héracles.

70 O texto é muito duvidoso quanto ao sentido deste verbo. Alguns interpretam: «Afasta dos seus olhos...»; e outros: «Conserva...» Segui a interpretação de H. Schütz.

71 O texto parece ter sido interpolado, de sorte que não se pode saber qual o verdadeiro sentido.

72 Ou: «Se a este respeito tens essa opinião» (de não partir sem Filoctetes), «olha que te expões a embaraços difíceis, de que nem um homem prudente se liberta» ou «que deve prever a gente de siso».

73 Outros interpretam: «num sono profundo» (Schneidewin), ou «tenebris mersus» (Brunck-Bothe).

74 Segui a interpretação do escoliasta. O texto, porém, é muito duvidoso; por isso, as interpretações variam.

75 Isto é: de não partir sem Filoctetes.

76 Outros vertem: «Flagelo pior do que o fogo». A letra, porém, diz apenas: «Ó fogo...»

77 Ou: «da vida».

78 Ou: «de me teres roubado».

79 Ver acima, nota 68.

80 Assim diz o texto de Brunck-Bothe. Os outros dizem: «dos teus» (domínios).

81 Segundo a recensão de Dindorf revista por G. Meckler, estas palavras dirigem-se a dois homens que, provavelmente, acompanhavam Ulisses. Mas, segundo outros textos, podem referir-se ao Coro, o que parece menos provável.

82 Ulisses pertencia ao número dos ajuramentados por Tíndaro (ver *Ájax*, 1114 e nota 83). Mas, para se esquivar a cumprir o juramento e a não tomar parte na guerra de Tróia, simulou loucura. Não obstante, Palamedes, filho de Náuplio, obrigou-o a mostrar por um ardil que estava senhor das suas faculdades; e assim teve de participar da expedição.

83 A saber: «Para empresas como esta».

84 Ou: «escolha».

85 Teucro era, no exército grego, quem melhor manejava o arco (ver *Ilíada*, XIII, 313 e segs.).

86 Ou, segundo alguns códices: «assistirás à minha morte».

87 Este passo é objecto de várias conjecturas, devido à incerteza do texto. Pode traduzir-se, por exemplo: «Oxalá as aves de estrídulo voo me arrebatassem para os ares! Eu não suporto mais isto.» Ou: «Que do mais alto do céu as aves de um voo estridente caiam sobre mim! Eu não posso mais...»

88 Alguns críticos interpretam: «... para o amigo de Héracles»; ou: «... tu vês com pena que não és mais utilizado para a pugna de Héracles».

89 Uma glossa acrescenta: «Ulisses».

90 Segundo a interpretação de P. Masqueray, o Coro aconselha a Filoctetes a praticar uma acção justa, seguindo a intimação de Ulisses, em favor de todos os gregos, sem ajuntar a esse conselho qualquer palavra que o possa magoar.

91 Outros vertem: «... e todos os membros».

92 Como observa P. Mazon, Filoctetes não quer dizer que o seu pai tenha morrido, com certeza, pois, segundo vimos acima (*Filoctetes*, 493), ignora isso absolutamente. O que ele quer significar, no seu desespero, é que já não está em condições de o procurar noutra parte, a não ser no Hades.

93 Referência ao rio Esperquio (cf. acima, nota 44).

94 Nem todos os autores admitem esta lacuna, alguns dos quais alteram a ordem do texto do seguinte modo: «NEOPTÓLEMO — Tendo por mim a justiça... — ULISSES — Combateremos não contra os Troianos, mas... — NEOPTÓLEMO — Nem mesmo forçado por ti... — ULISSES — Seja o que for. Vês a minha mão posta no punho...» Os códices, porém, admitem a lacuna, na qual conservaram apenas a palavra «receio».

95 Às ninfas, assim como aos heróis, era costume consagrar, não um templo, mas um simples recinto descoberto (cf. acima, nota 13).

96 Asclépio, o Esculápio dos Romanos, era, segundo os mitógrafos, o deus da medicina, muito célebre na Antiguidade, cujos filhos Podalírio e Macáone se distinguiram como médicos entre os Gregos, durante o cerco de Tróia.

97 O texto corrente diz: «cuja mente tiver sido mãe de crimes». Em vez de «outros maus tratos», Reiske lê: «todos os maus tratos».

98 O texto de Brunck-Bothe acrescenta: «da tua pátria», acréscimo que Dindorf suprimiu.

99 Filoctetes, portanto, receberá um duplo espólio: um por possuir as armas de Héracles, o outro devido ao seu valor pessoal (P. Mazon).

100 Tróia tinha já sido tomada uma vez por Héracles, para se vingar de Laomedonte (cf. *Ájax*, nota 33).

101 O monte Hermeu ou de Hermes era uma elevação que dominava o promontório, onde se crê que Filoctetes tinha a sua gruta.

102 Referência a Zeus.

OS RASTEJADORES

1 Ver *Electra*, nota. 2.
2 Ou, segundo Diehl conjectura: «A que coisa enigmática e obscura te referes?»
3 Ou: «a mesma forma», segundo Pearson.
4 R. Pignarre traduz: «pétriz de cire molle».
5 «... vós perecereis» ou «tereis um mau fim», segundo a tradução de Liddell-Scott.
6 Os quatro versos seguintes, de que restam apenas algumas palavras, são atribuídos por Hunt ao Coro, e a Sileno, o texto anterior, entre colchetes.
7 O texto entre colchetes é atribuído por Hunt a Sileno.
8 A tradução é conjectural, devido às lacunas que o texto apresenta.
9 Este epíteto é dado por Homero às mulheres de Tróia. Cf. *Ilíada*, IX, 594, etc.
10 R. Pignarre traduz: «... l'empreinte sonore».
11 Isto é, Maia (*Odisseia*, XIV, 435), que parece nada ter que ver com a Maia romana, personificação do reflorir da Primavera.
12 Referência a Hera, esposa de Zeus, a quem os Romanos chamaram Juno.
13 *Bicho-sabujo* ou *ichnéumon* do texto é um animal do Egipto semelhante à doninha, que segue a pista do crocodilo, a fim de lhe comer os ovos.
14 O escaravelho do Etna é célebre pela sua corpulência. Cf. Aristófanes, *A Paz*, 73 e o escólio respectivo (nota de R. Pignarre).

Composto e impresso na *Tipografia Guerra*, Viseu

Autor de cento e vinte e três
peças de teatro, das quais somente
sete tragédias completas chegaram até nós,
SÓFOCLES responde, numa linguagem coloquial,
mas de grande densidade poética
e de extrema riqueza psicológica,
aos difíceis problemas que a liberdade,
quer política quer religiosa,
levantava aos seus contemporâneos
da Atenas do século V a. C.